



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades
“Territórios e Expressões Culturais no Cerrado” (TECCER)

ANA LAURA LOPES CABRAL

**COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO:
O AVESSE DO BAIRRO JUNDIAÍ, EM ANÁPOLIS (GO)**

Anápolis
2020

ANA LAURA LOPES CABRAL

**COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO:
O AVESSE DO BAIRRO JUNDIAÍ, EM ANÁPOLIS (GO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Dinâmicas territoriais no cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Milena D’Ayala Valva
Coorientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

Anápolis
2020

ANA LAURA LOPES CABRAL

**COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO:
O AVESSE DO BAIRRO JUNDIAÍ, EM ANÁPOLIS (GO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Dinâmicas territoriais no cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Milena D’Ayala Valva
Coorientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

Banca Examinadora

Profa. Dra. Milena D’Ayala Valva
Presidente/UEG – TECCER

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos
Membro/UEG – TECCER

Profa. Dra. Carolina Ferreira da Fonseca
FAV/UFG – Goiânia

Profa. Dra. Janes Socorro da Luz
Suplente/UEG – TECCER

Anápolis, 27 de fevereiro de 2020.

A todos os que sonham com cidades mais justas e fraternas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de realizar mais esta conquista, que tem sido de muito amadurecimento pessoal e profissional.

À minha família, especialmente os de casa (pai, mãe e irmã, Ana Luísa), que até aqui me ampararam em cada necessidade, possibilitando a total dedicação aos estudos e compreendendo as situações de ausência, isolamento, silêncio e ansiedade.

Ao meu noivo, Marcos Diêgo, pelo incentivo, paciência e companheirismo em pesquisas de campo, além de ser um verdadeiro combustível para minha jornada cotidiana.

Aos amigos, que direta ou indiretamente colaboraram com a realização do trabalho, mesmo com palavras de incentivo e orações, de crucial importância.

Aos funcionários da UEG, tão empenhados pela instituição e alunos, especialmente à coordenação do TECCER nas pessoas das professoras Dra. Divina Lunas e Dra. Poliene Bicalho, e dos amáveis secretários, Débora Salermo, Lívia de Paula e Alex Costa.

À querida orientadora, Dra. Milena D’Ayala Valva, por todo conhecimento partilhado, pela constante disponibilidade, pela enorme paciência com minhas limitações e por sempre conceder e incentivar a autonomia e a liberdade no processo investigativo. Muito obrigada!

Ao também muito querido coorientador Marcelo de Mello, pelas incríveis contribuições e correções, possibilitando debates verdadeiramente interdisciplinares e sugerindo leituras sempre construtivas e desafiadoras.

Aos demais professores que, através das disciplinas ofertaram não apenas o conteúdo programado, mas a atenção à particularidade da pesquisa de cada um.

Aos colegas de curso, por proporcionarem uma sadia convivência, atenuando os fardos da pesquisa e contribuindo com os conhecimentos próprios de sua formação acadêmica.

Ao Jairo Alves Leite, atual diretor do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, por direcionar a pesquisa documental no acervo; e aos entrevistados que, além de doarem seu tempo, confiaram suas histórias e lembranças que muito contribuem com este trabalho.

Aos alunos do quinto período de Arquitetura e Urbanismo da UEG (2019/2) por aceitarem participar da atividade de campo, enriquecendo a pesquisa com seus olhares; e aos colegas do curso de fotografia, Aline e Isac, que me acompanharam em derivas fotográficas.

A Fernanda Ambrósio, que gentilmente revisou o texto em inglês no *Abstract*.

A UEG pela concessão da bolsa institucional de mestrado no primeiro ano de curso, e a CAPES, pela concessão da bolsa no segundo ano, possibilitando a realização da pesquisa.

Enfim, por todos que acreditaram neste trabalho, desde as primeiras ideias, obrigada.

“O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto [...].”

(Fernando Pessoa, 1946)

RESUMO

Esta pesquisa contempla a temática da imagem da cidade e de sua representação, inseridas no contexto da produção e reprodução do espaço urbano, no aspecto concreto, palpável, mas especialmente sob a perspectiva da criação do imaginário coletivo, capaz de distinguir lugares por seu valor simbólico e, às vezes ressignificando valores imobiliários – demonstrados concretamente na alteração de preços de imóveis e terrenos devido à valorização urbana de uma área. O *locus* da pesquisa é o Bairro Jundiáí, na cidade de Anápolis, Goiás, cuja imagem urbana transita entre: a expectativa de uma cidade média – que se consolida como município (1907) num ponto estratégico do território goiano, apoiando a construção de duas capitais, Goiânia (1933) e Brasília (1960) – vocacionada ao desenvolvimento industrial e logístico; e, a dinâmica encontrada no cotidiano da cidade, da vida ordinária, comum, permeada de formas e conteúdos que refletem um habitar interiorano, na maioria das vezes tradicional. Neste sentido, o bairro Jundiáí configura um estudo de caso interessante, enquanto primeiro bairro planejado em Anápolis, no aspecto técnico, partindo de um projeto urbanístico datado de 1943, com ideais ingleses da *cidade-jardim*, mas que não chega a ser concretizado assim no espaço. Apesar da aparente falência do plano, o bairro sustenta-se ainda destes ideais de beleza, higiene, contato com a natureza e qualidade de vida, que vieram novamente à tona com a implantação do Parque Ambiental Ipiranga (2010), sobre a reurbanização de uma área subutilizada, atualmente considerado o cartão-postal da cidade. A força desta imagem dominante no imaginário coletivo é o que se buscou investigar aqui, encontrando suas correspondências e dissonâncias no espaço vivido, por um caminho metodológico apoiado por leituras interdisciplinares e pela experiência sensível do espaço urbano através da prática da caminhada, da escuta de relatos orais e entrevistas com personagens que habitam, vivem e imaginam este lugar. Por fim, coloca-se a proposta de novas maneiras de cartografar o bairro Jundiáí, dando voz a outras interpretações e leituras, costurando diálogos, episódios, histórias e ensaios fotográficos de diferentes pontos deste bairro, que ao contrário das expectativas iniciais, mostra-se um espaço heterogêneo, da alteridade, de *heterotopias*.

Palavras-chave: imagem urbana; cartografia; Bairro Jundiáí.

ABSTRACT

This research embraces the theme of the city image and its representation, inserted in the context of the production and reproduction of urban space, in the concrete and tangible aspects, but especially through the perspective of creating the collective imagination, capable of distinguish places by their symbolic value and, sometimes taking on a new meaning to real estate values - demonstrated specifically in the change of property and land prices due to the urban valorization of an area. The research *locus* is *Jundiaí* neighborhood, in the city of Anápolis, Goiás, which urban image moves between: the expectation of a medium-sized city - which consolidates itself as a municipality (1907) in a strategic point in the state of Goiás, supporting the construction of two capitals, Goiânia (1933) and Brasília (1960) - oriented to industrial and logistical development; and, the dynamic found in the daily life of the city, of ordinary and common life, pervade with forms and contents that reflect a countryside dwelling, most of the time traditional. In this regard, Jundiaí neighborhood constitutes an interesting study case, as the first planned neighborhood in Anápolis, technically, starting from an urban project dated 1943, with English ideals of the garden city, but that was not achieved in space. Despite the apparent failure of the plan, the neighborhood is still supported by these ideals of beauty, hygiene, contact with nature and quality of life, which emerged again with the implementation of *Ipiranga* Environmental Park (2010), above the reurbanization of an underused area, currently considered the city's postcard. The strength of this dominant picture in the collective imagination was sought to investigate here, finding its correspondences and dissonances in the living space, through a methodological path supported by interdisciplinary readings and by the sensitive experience of urban space through the practice of walking, listening to oral reports and interviews with characters who live and imagine this place. Lastly, it was proposed new cartographies for Jundiaí neighborhood, giving voice to other interpretations and readings, weaving dialogues, episodes, stories and photographics essays from different points of this neighborhood, which, contrary to initial expectations, shows a heterogeneous space.

Keywords: urban image; cartography; Jundiaí neighborhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Edifício do Hospital Evangélico Goiano em 1930.....	25
Ilustração 2 - Edifício da Estação Ferroviária de Anápolis em 1935.....	26
Ilustração 3 - Notícia do jornal O Anápolis, de março de 1935.....	27
Ilustração 4 - Jornal O Anápolis, abril de 1935, sobre exigências para novas construções.....	27
Ilustração 5 - Foto da área central de Manchester, Reino Unido, nos anos 1930.....	29
Ilustração 6 - Área central de Anápolis, Rua 14 de Julho com Barão de Cotegipe, 1930.....	29
Ilustração 7 - Manchete do jornal O Anápolis, setembro de 1953.....	30
Ilustração 8 - Fragmentação municipal de Anápolis entre 1948 e 2000.....	31
Ilustração 9 - Anápolis, “Capital logística do Brasil”.....	33
Ilustração 10 - “Anápolis, a cidade mais feliz do Centro-Oeste” (Legenda do portal).....	34
Ilustração 11 - Expansão do perímetro urbano de Anápolis e os cursos d’água, especialmente o Ribeirão das Antas, no centro da imagem.....	35
Ilustração 12 - Recortes do jornal O Anápolis em junho e agosto de 1935, respectivamente.....	36
Ilustração 13 - Fotos do jornal O Anápolis, em agosto de 1935 e maio de 1943, respectivamente.....	36
Ilustração 14 - Nota do jornal O Anápolis, em setembro de 1935.....	37
Ilustração 15 - Fotos do jornal O Anápolis, outubro de 1946.....	38
Ilustração 16 - Foto do jornal O Anápolis, maio de 1943.....	38
Ilustração 17 - Foto do jornal O Anápolis, março de 1944.....	39
Ilustração 18 – Pedido de ajuda à população para construção da Santa Casa, <i>O Anápolis</i> , ago./1953.....	40
Ilustração 19 - “Residência do Sr. Sebastião de Moraes Jardim, à Avenida Mato Grosso-Bairro Jundiáí. (Financiada pelo I.A.P.C)” (s/d.).....	41
Ilustração 20 - Recorte do jornal O Anápolis, outubro de 1958: “Desamparo aos bairros”.....	42
Ilustração 21 - Recorte do jornal Gazeta de Anápolis, junho de 1977.....	43
Ilustração 22 - Na legenda: “Av. Santos Dumont: residências perdem lugar para lojas e escritórios”.....	44
Ilustração 23 - As legendas dizem: "Av. São Francisco: antes residencial, agora comercial" (à esquerda); e "Av. Contorno da Mato Grosso: o comércio predomina" (à direita).....	44
Ilustração 24 - "Av. Minas Gerais: suas calçadas largas favorecem o comércio".....	45
Ilustração 25 - Foto do jornal O Anápolis com planta do bairro, janeiro de 1945.....	48
Ilustração 26 - Plano urbanístico de Letchworth, Inglaterra (1903), por Unwin e Parker.....	49
Ilustração 27 - Foto do jornal O Anápolis com propaganda do empreendimento, julho de 1946.....	50
Ilustração 28 - Foto do jornal O Anápolis, julho de 1946.....	50
Ilustração 29 - Propaganda do bairro Jardim Europa em São Paulo, <i>Cia. City</i> (1928).....	51
Ilustração 30 - Plano urbanístico da estância balneária de Águas de São Pedro – SP (1936), por Jorge Macedo, contendo acréscimos de quadras registradas em 1957.....	52
Ilustração 31 - Plano urbanístico de Maringá – PR (1943), por Jorge Macedo.....	52
Ilustração 32 - Recorte do Jornal O Anápolis, sobre feiras na Praça Dom Emanuel, set. de 1953.....	53
Ilustração 33 - Projeto de “Invasão da Quadra J” no bairro Jundiáí. Área invadida: 2521,88 m ²	55
Ilustração 34 - Manchetes citam a inconclusão do projeto CURA.....	56
Ilustração 35 - Banco e canaletas de captação de água da chuva improvisados por moradores.....	57
Ilustração 36 - Grafite no miolo da Quadra F-38, e lambe-lambe no Bacião, Setor Sul.....	57
Ilustração 37 - Espaços públicos no plano original do Bairro Jundiáí (à esquerda) e a alteração do uso desses espaços, como resultado da apropriação (à direita).....	58
Ilustração 38 - Fotos do Feirão Coberto do Bairro Jundiáí, do Colégio Estadual Professor Heli Alves e da Escola Municipal Antônio Constante, respectivamente.....	59
Ilustração 39 - Fotos da Escola Pública (de Professores), da Sede do Ipasgo e da Unidade de Saúde, respectivamente (as três instituições estão localizadas na mesma quadra, antiga praça).....	59

Ilustração 40 - Fotos da Santa Casa de Misericórdia e do antigo Colégio Carmo, respectivamente. ...	59
Ilustração 41 - Escola Gente Miúda/Crescer; Colégio Adventista; Igreja Adventista e parte que restou da Praça General Curado depois da implantação do complexo educacional-religioso.	60
Ilustração 42 - SESC Anápolis; antigo acesso ao miolo da quadra 15; entrada da antiga rua de serviço na quadra 29 (atualmente dá acesso a uma casa), respectivamente.	60
Ilustração 43 - SESC visto da Av. Santos Dumont.	61
Ilustração 44 - Imagens da Rua Arlindo Costa, bairro Jundiáí. Lambes à esquerda.	62
Ilustração 45 - Travessia de pedestres entre a Rua dos Carreiros (B. Jundiáí) e Avenida Dona Elvira (Vila Santa Maria de Nazaré); cul-de-sac para acesso local à quadra 69, respectivamente.	62
Ilustração 46 - Diagrama: “Uma constelação geográfica de conceitos”.	65
Ilustração 47 - Recorte do jornal O Anápolis, janeiro de 1954.	67
Ilustração 48 - Propaganda de novo empreendimento no bairro Jundiáí.	68
Ilustração 49 - Imagem gerada ao pesquisar por “bairro Jundiáí” no Google Maps.	69
Ilustração 50: “Concerto evangélico na Praça D. Emanuel”, 1986 (à esquerda); Festival Gastronômico e Cultural como parte da comemoração dos 105 anos da cidade, 2012 (à direita).	71
Ilustração 51: Na legenda da foto: “É impossível falar do Bairro Jundiáí sem falar no Colégio São Francisco de Assis. Pioneiro na educação em Goiás.”	72
Ilustração 52 - Fotos com os entrevistados Arantes e Santos, respectivamente.	73
Ilustração 53 - Exemplos de casas com muros baixos e alpendres, das que ainda restam hoje.	74
Ilustração 54 - Fotos da entrevista com Rocha: ela em sua cozinha, e a sala de estar. Casa projetada na década de 1960 carregada de elementos modernistas.	74
Ilustração 55 - Captura de tela de dois vídeos do Canal: “Time Lapse Parque Ipiranga” (abril de 2016) e “Bairro Jundiáí e Colégio São Francisco à noite Anápolis” (jun de 2016).	75
Ilustração 56 - Recorte do jornal O Anápolis, abril de 1958.	76
Ilustração 57 - Recortes do jornal O Anápolis, em maio de 1958.	77
Ilustração 58 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.	79
Ilustração 59 – Legenda: “Opus Arboreto: Design Natural”. Captura de tela em vídeo de anúncio. ...	81
Ilustração 60 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.	82
Ilustração 61 - Fotos do jornal O Anápolis, dezembro de 1946 e abril de 1953, respectivamente.	83
Ilustração 62 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Belvedere du Parc.	84
Ilustração 63: Legenda da foto: "Novos edifícios residenciais ocupam o B. Jundiáí".	85
Ilustração 64 - Planta representativa da verticalização do bairro Jundiáí, de 1988 a 2019.	87
Ilustração 65 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.	88
Ilustração 66 - Localização dos parques de Anápolis.	90
Ilustração 67 - Parque da Criança (brinquedos sucateados) e Parque da Juventude (lago assoreado). .	91
Ilustração 68 - Parque JK (pista de skate) e Parque da Liberdade (pouco movimento aos domingos). .	92
Ilustração 69 - Parque da Cidade (baixo movimento, mesmo num sábado à tarde) e Parque da Jaiara (também pouco frequentado).	93
Ilustração 70 - Parque Ipiranga durante o dia e à noite.	93
Ilustração 71 - Captura de tela em anúncio do empreendimento Forma Opus Jundiáí.	96
Ilustração 72 - Imagem do projeto do edifício São Francisco Business Tower.	97
Ilustração 73 - Imagens dos projetos Casa Opus Ipiranga e Forma Opus Jundiáí.	97
Ilustração 74 - Panfletos dos empreendimentos Ipiranga Park e Terra Mundi, Anápolis.	98
Ilustração 75 - Imagem de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.	98
Ilustração 76 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.	99
Ilustração 77 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.	99
Ilustração 78 - Anúncio eletrônico do residencial Ipiranga Park.	100
Ilustração 79 - “Privilégio”. Captura de tela em anúncio do residencial Ipiranga Park.	101

Ilustração 80 – Lançamento do Condomínio <i>Privilége</i> Jundiaí.	101
Ilustração 81 - O habitar informal: pertences de morador de rua sob marquise na Av. Mato Grosso; à direita, com mais <i>zoom</i> , identificamos seus itens de higiene pessoal.	107
Ilustração 82 - Carroceiro e catador, em frente à Praça Abadia Daher.	108
Ilustração 83 - Visitantes na instalação: varal de fotos na Praça Dom Emanuel e Parque Ipiranga. ..	111
Ilustração 84 - Fotos do Jundiaí conforme foram expostas no varal.	111
Ilustração 85 - Gráfico com a quantificação de votos sobre varal de fotos.	112
Ilustração 86 - Família de catadores marcando seu próprio tempo em cruzamento, bairro Jundiaí.	115
Ilustração 87 - Vida noturna no Jundiaí: fluxo de carros nos restaurantes próximos ao SESC; exposição de carros antigos na Feira coberta (sextas à noite).	116
Ilustração 88 - Exposição de carros antigos na Feira coberta torna-se ponto de encontro entre amigos.	117
Ilustração 89 - Mapa com regionalização do bairro Jundiaí a partir de alguns pontos focais.	118
Ilustração 90 - Origens das mercadorias, vendedores e funcionários entrevistados no Jundiaí.	120
Ilustração 91 - Diagrama conceitual.	121
Ilustração 92 – Tampico: vende verduras na Praça Dom Emanuel há 17 anos; Eliseu: vende abacaxi e melancia na Praça Abadia Daher há 34 anos.	121
Ilustração 93 – Nas legendas: “Praça Manoel Demóstenes: término da Rua Barão do Rio Branco e início da Av. Mato Grosso”; “Praça dos Trabalhadores: ponto de lazer ao longo da Av. Mato Grosso”.	122
Ilustração 94 - Banco restante na praça e local onde havia um dos que foi removido.	122
Ilustração 95 - Dona Carmem dos temperos, feirante no Jundiaí há 30 anos.	123
Ilustração 96 - João Batista, vendedor de frango caipira na feira há mais de 30 anos; tapetes do Jerusalém, feirante ali há 15 anos.	123
Ilustração 97 - Vendedor de bucha vegetal e vendedor de sabão de soda e tamboretas.	124
Ilustração 98 - Na legenda: “Feira Coberta: a primeira a ser construída em Anápolis é modelo para todo o Estado de Goiás.”	124
Ilustração 99 - Na legenda: “O B. Jundiaí é o bairro das grandes mansões e belas residências.”	125
Ilustração 100 - Vendedores de carvão, queijo e morango, na calçada do SESC.	126
Ilustração 101 - Vendedor de cocadas e vendedor de Pepininho, ambulantes.	127
Ilustração 102 - Grupo de <i>rap</i> Batalha do Ipiranga, todo domingo às 17hs no Parque Ipiranga.	128
Ilustração 103 - Chaveiro do Feirão do Jundiaí espera seus clientes; Sr. Madruga, pintor e escultor.	132
Ilustração 104 - Homens pegando manga na Av. José Neto Paranhos.	133
Ilustração 105 - Senhores conversam na porta do “Secos e molhados”, em frente à Santa Casa; senhores evangelizando colega durante nossa deriva fotográfica.	134
Ilustração 106 – “Volto já” em floricultura; advertência em muro de uma casa na Rua Carreiros.	134
Ilustração 107 - “Armário solidário: se puder, deixe; se precisar, leve” e “Geladeira literária: pegue, leia, devolva” em calçada próximo ao Parque Ipiranga.	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – ANÁPOLIS: DA REPRESENTAÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO LUGAR	21
1.1 UMA REALIDADE URBANA ENTRE DUAS CIDADES CAPITAIS: A GÊNESE DE UMA IMAGEM EM MOVIMENTO	23
1.2 O BAIRRO JUNDIAÍ: A PROMESSA DA UTOPIA EM UMA NOVA CENTRALIDADE ..	34
1.3 O PROJETO DO BAIRRO JARDIM: DESENHO, <i>DESIGNOS</i> E DISCURSOS	47
1.4 DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: ENTRE PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES ..	54
CAPÍTULO 2. A IMAGEM NA MEMÓRIA: O PROCESSO DE (RE)PRODUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO/NO BAIRRO JUNDIAÍ	64
2.1 IMAGEM, IMAGINAÇÃO, IMAGINÁRIO NO BAIRRO JUNDIAÍ	66
2.2. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM INTENCIONAL E O SEU LUGAR NA MEMÓRIA COLETIVA DA CIDADE	69
2.3 NOVOS AGENCIAMENTOS URBANOS E O REFORÇO DA IMAGEM NA PAISAGEM	78
2.4. IMAGEM, DISCURSO E PODER: A AÇÃO PUBLICITÁRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO IMAGÉTICA DOMINANTE	94
CAPÍTULO 3. CONFRONTANDO O LUGAR: EM BUSCA DE OUTRAS PERCEPÇÕES .	104
3.1 A HETEROTOPIA NÃO PERCEBIDA OU, UMA IMAGEM HOMOGÊNEA ONDE?	107
3.2 EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PERCEPÇÃO; PERCEPÇÃO COMO PRINCÍPIO DA EXPERIÊNCIA	111
3.3 POR UMA OUTRA CARTOGRAFIA URBANA: COSTURANDO TRAJETÓRIAS	115
3.3.1 Fixos: feirantes e vendedores das praças e SESC	121
3.3.2 Fluxos: caminhantes de Jundiaí e outras bandas	127
3.3.3 Batalha na fronteira: a cultura da margem no coração do cartão-postal	127
3.4 O QUE SE DIZ, DE ONDE SE VÊ: <i>DESCOSTURANDO</i> CONSENSOS, FORMAS E CONTEUDOS.....	130
3.5 NARRATIVAS DO ESPAÇO: ATRAVESSANDO COTIDIANOS NO JUNDIAÍ	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142
ANEXO A – Hino do Bairro Jundiaí	152
ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP	154

INTRODUÇÃO

A cidade contemporânea, em sua complexidade, é produto de uma sequência de processos históricos, geográficos e sociais, identificáveis, portanto, nas dimensões temporais, espaciais e conforme a sociedade na qual se insere. Mas o que se tem debatido atualmente é uma possível diluição dos conceitos de espaço e tempo entre si, que desencadeia o questionamento do próprio conceito de *cidade*, em detrimento do *urbano* (HARVEY, 2007; SANTOS, 1997).

Além disso, o fenômeno da globalização, pauta de discussões em diversos campos disciplinares – como Arquitetura e Urbanismo, Geografia, História, Sociologia, só para citar alguns poucos –, tem ocasionado consideráveis transformações estruturais, que refletem diretamente na forma como o homem se apropria e relaciona com o espaço – tendo aqui o espaço urbano como enfoque – e com o tempo, tangenciando mudanças em níveis de escala os mais amplos, das relações econômicas internacionais à vida cotidiana, no que condiz às formas de habitar. Deseja-se tratar aqui o espaço urbano como um híbrido de relações dialéticas, “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e um campo de lutas” (CORRÊA, 1995, p. 9).

O aprimoramento dos meios de transporte e de comunicação, que tem se desenvolvido especialmente desde a revolução industrial, é um dos fatores influenciadores do modo de vida contemporâneo, que parece flexibilizar as distâncias enquanto reduz-se o tempo com que se executam deslocamentos, chegando, em alguns casos, a dispensá-los, bastando que as informações sejam negociadas virtualmente, no chamado *ciberespaço*, que não exige, necessariamente, a presença física dos interlocutores. Isso não quer dizer, no entanto, que o espaço construído ou que a própria cidade está fadada à extinção ou à obsolescência; muito pelo contrário, afirma-se que ele tem recebido ainda mais importância, o que gera uma produção intencional de lugares, cujas localizações interferirão na valorização ou desvalorização destes.

No espaço intraurbano, essas transformações têm realçado as desigualdades sociais, visto que o *domínio do tempo de deslocamento* está diretamente associado ao domínio espacial, sendo cada dia mais evidente o fenômeno da *apropriação diferenciada do espaço* (VILLAÇA, 2001). Quando se fala de domínio e apropriação, vem à tona também a noção de poder, que inserida na discussão do espaço remete aos conceitos de *território* e

territorialidade, que foram utilizados na construção do presente debate, no contexto urbano específico da cidade de Anápolis.

É de interesse do trabalho, primordialmente, a compreensão do espaço da representação, um espaço cuja configuração supera o âmbito físico, do ambiente construído, estabelecendo-se na dimensão ideológica, simbólica, da *produção de subjetividades* (GUATTARI & ROLNIK, 1986). E, neste sentido, recorre ao conceito de lugar, concordando com Limonad e Randolph, quando afirmam que “lugares não são localidades, nem pontos, sítios ou locais; seu caráter é fundamentalmente simbólico (*ideológico*); construído através de representações” (LIMONAD & RANDOLPH, 2002, p.6). Busca-se apresentar o conceito de cidade aqui em suas diferentes dimensões. Gandara apresenta três em sua análise:

[...] a cidade é artefato, é campo de forças e é imagem. Como artefato é concebida como historicamente produzida; como força são analisados seus aspectos econômicos, territoriais, culturais, especulativos, políticos, sociais, em tensões constantes num jogo de variáveis; como imagem são vistas suas representações sociais (GANDARA, 2016, p. 23).

Para explorar especialmente o último dos aspectos, a cidade como imagem, a pesquisa expõe as diversas formas de representação do espaço urbano no bairro Jundiaí, *sujeito* em estudo por excelência. A utilização do termo “sujeito” e não “objeto” de pesquisa (como comumente se adota), foi uma sugestão da banca por ocasião do Seminário de Aprimoramento, visto que se deseja tratar do espaço urbano como um ser dinâmico, não estático como sugere o termo *objeto*, mas cheio de vida, fluido, mutante, interativo. Conforme Harvey, “a cidade é lugar em que o fato e a imaginação simplesmente *têm de se fundir*” (HARVEY, 2007, p. 17), e quando se fundem geram ainda mais complexidades, as quais se deseja investigar aqui.

A aproximação com a literatura¹ mostrou-se também um caminho interessante, especificamente através da obra de Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*, leitura que complementou a pesquisa teórica e aliviou a inevitável aridez do exercício da pesquisa e da elaboração do texto, permeando os capítulos em suas epígrafes.

Também aliado aos debates conceituais, buscando a riqueza da interdisciplinaridade, adotou-se um caminho metodológico para apreender melhor o sujeito em estudo, que passa especialmente pela experiência sensível do espaço, corpo a corpo, caminhando e

¹ Uma prática comum ao grupo de trabalho GT 2 (Cidades, Sistemas e Habitar) da Linha de Pesquisa 1 (Dinâmicas Territoriais no Cerrado) do Mestrado TECCER, é recorrer a obras literárias, que debatidas coletivamente ampliam sensibilidades e visões sobre as pesquisas desenvolvidas.

cartografando este lugar com um olhar pessoal, e deixando-se surpreender pelas novas leituras que surgiram em meio aos percursos realizados. De acordo com Arantes Neto,

O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar. Ao interromper o fluxo da exploração do espaço em sua superficialidade, fixando-se num ponto, a memória desencadeia a vertigem da profundidade. Neste sentido, caminhar pela cidade é decifrar aos poucos, e pelo movimento, um palimpsesto (ARANTES NETO, 2000, p. 119-121).

Este exercício da caminhada foi o que colocou em cheque diversas questões levantadas no início da pesquisa, gerando um pensamento mais crítico, tomando consciência de que, a partir de então, eclodiriam ainda muitas outras questões não previstas nas primeiras impressões, que hoje parecem bem cegas e ingênuas.

Apresento-me aqui como alguém que, tendo Anápolis por cidade natal, e frequentando desde então, rotineiramente, o bairro Jundiá e seus arredores, por bom tempo me encontrei imersa na imagem dominante do bairro, convencida de que trazia uma verdade incontestável. Além disso, esta imagem sempre me pareceu globalizante, a ponto de acreditar que se trata de um *sujeito* homogêneo, cujas frações todas traduzissem a mesma mensagem, confirmando o que se diz do bairro em sua inteireza, e não de partes dele.

Porém, desde que me propus a estudar este ambiente, e por necessidade do aprimoramento da pesquisa, a caminhar permeando suas ruas para além das áreas tidas por convencionais – ou as que me habituei a percorrer com mais frequência, ou, simplesmente, caminhar ainda que nos mesmos lugares, mas agora sob uma nova lente, visitando novos pontos de vista, e não apenas *vendo*, mas buscando *observar*² criteriosamente o que está exposto –, fui surpreendida já na primeira experiência de campo, por situações que contradizem o discurso homogeneizante no qual acreditava. Isto vai ao encontro do que afirma Marcelo Lopes de Souza:

Perscrutar representações sócio-espaciais pressupõe interrogar os discursos e as palavras no contexto dos discursos, **adentrando os ‘mundos da vida’** e examinando **o senso comum e suas contradições**; pressupõe descer das alturas que permitem a perspectiva ‘voo de pássaro’ e o tratamento em escala global, nacional, regional e mesmo macro e mesolocal, chegando à escala da habitação ou do pequeno assentamento humano (SOUZA, 2013, p.160) [grifo nosso].

Essa “descida” a uma escala ainda menor de análise, mas não menos complexa, exige então, experimentar o espaço urbano em um contato mais direto, possibilitando enxergá-lo, ouvi-lo, senti-lo com tudo o que ele compreende, aceitando que isso “implica a entrada numa realidade desconhecida, num mundo a ser desvendado” colocando “entre parênteses tudo o

² Lucrécia Ferrara é quem apresenta o *ver* e o *observar* como “par indissolúvel na produção de conhecimento que tem a cidade como objeto de investigação”, no texto *Além do ver*. In: FERRARA, DUARTE & CAETANO, 2007.

que se pressupõe conhecer sobre ele, para poder descobrir o que de fato tem a nos dizer” (FERNANDES, 2011, P. 109), ultrapassando, assim, os limites das palavras, dos discursos habituais. Tem-se na obra de Foucault um reflexo destas inquietações, quando faz distinção entre *as palavras e as coisas*, dando a cada uma sua importância devida, vindo de encontro à discussão aqui proposta:

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe define (FOUCAULT, 2007, p.12).

Logo, antes de qualquer outra afirmação, ressalta-se que o exercício de campo foi não apenas válido, mas fundamental para direcionar os rumos da pesquisa, compreendendo ainda a importância de realizá-lo sem reservas, quantas vezes fossem necessárias, se é que exista um limite real para dizermos ser “o suficiente”, já que não se analisa aqui um “objeto” estático, mas dinâmico, efêmero, merecedor de constantes estudos: o espaço urbano.

Esta dinamicidade leva-nos a pensar a resignificação do exercício da cartografia, que faz parte do que se pretende como resultados desta pesquisa. Deseja-se propor novas maneiras de cartografar, tomando por referência especialmente a *cartografia da ação* de Ana Clara Torres Ribeiro (2011; 2012), que é atenta à forma “como acontece a apropriação do espaço pelos gestos, pelos sujeitos, pelos atores sociais” (BIASE, 2012). Conforme Acselrad (2012, p. 20), mesmo que nossa sociedade tenha alcançado o “auge do objetivismo cartográfico”, “estaria ocorrendo um reencantamento da cartografia, com a produção de mapas que recuperam no conhecimento espacial, o simbólico, as identidades existentes ou recriadas e suas territorialidades”.

Ampliando os diálogos interdisciplinares, na psicologia, “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS, KASTRUP, & ESCÓSSIA, 2015, p. 18). Importando esta definição para a presente pesquisa, adota-se a cartografia como instrumento de apropriação do espaço urbano e das ações, fluxos, percursos, processos e sujeitos que o permeiam, como a forma de abordagem escolhida para chegar à (s) realidade (s) deste espaço.

Quanto ao bairro Jundiaí, é preciso considerar os aspectos que o conformaram até o momento da pesquisa, visto que o tempo traz consigo alterações importantes no espaço e suas

dinâmicas. Conforme Roberto Lobato Corrêa, “[...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (CORRÊA, 1995, p. 8).

Por isso, o espaço urbano é um sujeito interdisciplinar, cujos estudos relacionados buscam compreender seus fenômenos e processos que o configuram através do tempo. Ao investigar a(s) imagem(s) do bairro Jundiaí, experimentar seus espaços e apreender suas diversas realidades, espera-se que as interpretações produzidas como resultado da pesquisa possibilitem reflexões sobre um urbanismo mais consciente, democrático e comprometido com a qualidade da vida urbana, atendendo às necessidades de todos os grupos que nela habitam, com suas complexidades e diferentes demandas.

Como Bernardo Secchi, acredita-se na compreensão da cidade através de “um urbanismo que ‘se faz a pé’”. Conforme Valva, “ele propõe sair das bibliotecas, fazer experiência percorrendo o mundo, descrevê-lo de modo detalhado e cuidadoso, colocando a experiência no centro da narração” (VALVA, 2011, p. 49), e o que se pretende aqui é fazer algo similar, guardadas as devidas proporções. Ter a experiência de campo não apenas por aliada, mas como condutora dos debates conceituais aqui desenvolvidos, é a aposta metodológica deste trabalho. Para isso, enfatiza-se aqui o exercício da caminhada acompanhado de diferentes olhares sobre o lugar.

Como consequência do desenvolvimento de atividades integradas no GT 2, além de leituras e debates em grupo incluindo estudantes e orientadores, são propostas atividades de campo que complementam e ampliam os estudos teórico-conceituais realizados, permeando as pesquisas de todos. Como exemplos destes desdobramentos, encontram-se correspondências nas pesquisas dos colegas arquitetos, como Ana Caroline Silva – egressa do TECCER, que estudou o espaço urbano de Anápolis em relação ao patrimônio edificado – e Osvaldo Alves Júnior – que estuda as dinâmicas do bairro Jundiaí Industrial, adjacente ao bairro Jundiaí estudado neste trabalho –, e dos colegas da Geografia, Thalita Siqueira – egressa, cuja pesquisa tratou da segregação espacial e a refuncionalização do espaço urbano em Anápolis – e Kevin dos Santos – que estuda as dinâmicas socioespaciais em terminais rodoviários de Anápolis, Goiânia e Brasília. Deve-se então, compreender o presente trabalho como parte de uma construção coletiva, inserido numa abordagem ainda mais ampla e interdisciplinar.

Vale citar ainda um aspecto pessoal que se tornou relevante para a metodologia deste trabalho, que foi a minha imersão no curso de fotografia concedido pela Escola de Artes

Oswaldo Verano, da Prefeitura de Anápolis, que proporcionou o entendimento do recurso da fotografia urbana como ferramenta fundamental nesta pesquisa. O próprio convívio com a turma de artistas, os debates gerados a partir da produção fotográfica de cada um e dos diferentes registros do Jundiaí apresentados em sala, os dias de deriva em grupo pelo bairro que surgiram depois, levantaram questões interessantes que vão de encontro à discussão da imagem que se tem sobre o lugar.

Além disso, o contato com a turma do quinto período da graduação em Arquitetura e Urbanismo da UEG, por ocasião do Estágio Docência, proporcionou outro rico momento para “caminhografar” o bairro. Durante a atividade de campo proposta, os alunos, divididos em 5 grupos para explorarem regiões diferentes do bairro, produziram desenhos e fotos conforme a sensibilidade própria dos estudantes. Depois, foi realizado um debate no Parque Ipiranga, ponto de encontro inicial e final, sobre a caminhada, onde cada um relatou as impressões referentes aos lugares por onde caminharam.

Por fim, com o amadurecimento do trabalho, ao desenvolver leituras e metodológicas, optou-se por uma aproximação ainda maior com o espaço urbano pesquisado, buscando compreender e experimentar a cartografia da ação e dos sujeitos. Foi pensada então, uma instalação urbana, prática para montar e desmontar, e que proporcionasse uma interação com o lugar e com as pessoas que nele habitam e/ou passam: um varal de fotos registradas e impressas pela pesquisadora, retratando o bairro em diferentes lugares ou perspectivas.

Os materiais utilizados resumem-se em: dez fotografias impressas em dimensões aproximadas de 18 cm x 13 cm cada, um rolo de barbante (mas pode ser uma corda ou fio de características semelhantes), dez prendedores de roupa e prancheta para anotações. Os suportes do varal foram os próprios elementos e mobiliários urbanos: árvores, placas de trânsito, decoração de Natal, postes de iluminação, etc. Visando alcançar melhores resultados, a instalação foi realizada no intervalo de vinte dias consecutivos, passando por quatro pontos diferentes do bairro que tenham um fluxo considerável de pessoas. É necessário prever que, apesar de a instalação parecer atrativa, a pesquisa nem sempre tem uma boa adesão do público que transita por ela.

Além de ficar por cinco dias em cada ponto escolhido, foi interessante experimentar períodos do dia diferentes, revezando entre manhã, tarde e noite para analisar as dinâmicas existentes em cada um destes horários. O maior exemplo é a feira, por exemplo, que funciona em dias e horários específicos, alterando consideravelmente a dinâmica do lugar em cada um

dos horários visitados. A permanência nos lugares em função da instalação do varal possibilitou também a aproximação com as pessoas que se relacionam com o espaço de formas bem diversas, dando voz a personagens instigantes, que com seus relatos pessoais e a partilha de seus percursos enriqueceram o trabalho. Foi possível conhecer e distinguir quem vive *no* bairro, quem vive *o* bairro e quem vive *do* bairro, e, a partir de então, costurar suas trajetórias, cartografar, e não somente produzir mapas, mas recorrer às falas, opiniões, registros fotográficos.

Desta forma, no **primeiro capítulo**, busca-se compreender o processo de produção imaterial da cidade de Anápolis, e nela, identificar o bairro Jundiaí, interpretando tanto a cidade como o bairro a partir do que é representação e do que vem a ser apropriado e refletido em termos de transformação da dinâmica e do espaço urbanos. Permeando a análise dos fatos históricos, estão abordagens conceituais que visarão subsidiar teórica e metodologicamente, os debates relativos à representação, à imagem urbana e à produção subjetiva de lugares.

No **segundo capítulo**, analisa-se o processo de construção do bairro Jundiaí na atualidade, mais subjetiva que objetivamente, com interesse em compreender a maneira como ele é interpretado no imaginário e na memória coletiva, desde sua inauguração, na década de 1940, às transformações que seguem aos dias atuais, inclusive quanto ao *marketing* urbano, liderado por agentes produtores do espaço que se amparam em um discurso reforçado por novas ferramentas de mídia. Neste momento, também aparecerão os conceitos de imagem, imaginação e imaginário na dimensão da construção de lugares.

No **terceiro capítulo**, identifica-se na própria experiência urbana outras possibilidades de percepção do bairro Jundiaí, compondo através de narrativas, a heterogeneidade socioespacial que ele abrange, partindo especialmente da apreensão do espaço *real*, construído e experimentado pelos sujeitos que nele vivem, cartografando seus hábitos, ritmos, identidades e as territorialidades que coabitam neste espaço. Para isso, recorre-se a um caminho metodológico que visa a construção de uma nova cartografia para o bairro, de forma a encontrar diferentes correspondências socioespaciais por meio do exercício urbano.

Na introdução dos capítulos, além das epígrafes de Calvino (2012), aparecem algumas narrativas e diálogos que foram registrados no diário de bordo, como forma de costurar a metodologia adotada ao longo de todo o trabalho, aliviando ainda o que pode existir de fatigoso entre as discussões conceituais e históricas. As páginas contendo apenas fotografias (registros da autora em campo), ilustram as experiências de aproximação com o espaço.

Experiências



Varal de fotos



Debate com turma do 5º período de Arquitetura e Urbanismo após atividade de campo no Jundiá



CAPÍTULO 1 – ANÁPOLIS: DA REPRESENTAÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO LUGAR

“Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO, 2012, p. 8)

Diário de bordo. 02 de janeiro de 2020, quinta-feira; manhã na Praça Dom Emanuel.

Cheguei cedo na praça. Fui de carro e consegui estacionar fácil, contornando a praça mesmo. Levei minha mochila com os materiais do varal: 10 fotos impressas, uns 15 pregadores de roupa pra garantir, um babado de uma ex-colcha de cama da minha mãe (esqueci-me de comprar barbante e achei isso em casa, estava sem uso mesmo...). Levei também um pedestal de teclado do meu pai, caso eu não conseguisse suportes mais altos pra pendurar o varal. Antes de descer com tudo, fiz uma sondagem... Parecia tranquilo. Quiosques fechados, e certamente não iriam abrir tão cedo. Ressaca do feriado ainda, imaginei. Vi uns dois taxistas, três varredores de rua e um ou outro indivíduo perambulando; outros sentados no banco, cobertas em volta, comendo ou bebendo algo... Alguém parecia ter dormido por lá, debaixo daquelas gameleiras enormes ou da cobertura dos quiosques mesmo, talvez. Olhei pra uma das árvores e vi uma manga fincada num galho. Tinha um casal de miquinhos comendo, acho que atralhei a ceia quando tentei me aproximar. Por um momento achei que estava em outro lugar que não ali, na Praça Dom Emanuel, principal conexão entre o centro e o Jundiá. Acordei do rápido devaneio... Vejo uma viatura de polícia parada no meio da praça. Logo chegou outro carro, agora da prefeitura. O fiscal foi confirmar uma notificação: uma tenda foi instalada em frente ao quiosque, sem autorização. Não é da prefeitura, parece ser particular... E era. Ele logo me alertou: *“Nada pode ser instalado aqui sem autorização. Qualquer coisa que você for fazer nessa praça, pode ser uma banquinha pequena, tem que ir ali no Rápido e abrir o processo, que chega na minha mesa em um ou dois dias... Depois de analisado, fica pronto em uma semana mais ou menos. Olha aí [apontando pros suportes], fincaram a tenda danificando o chão e tudo... Não pode isso não!”* Eu disse “Eita” e segui andando. Esperei um pouco... O fiscal foi embora, mas a viatura da polícia ficou a manhã toda no meio da praça. Achei dois suportes interessantes. Dispensio o pedestal, assim não engano ninguém que pensasse que eu ia lá pra fazer música na praça! Comecei a desenrolar o babado da colcha pra tornar-se fio do varal. Foi mais difícil que pensei! Por fim fiquei com pena de desmanchar o trabalho que um dia alguém fez levando um tempo considerável... Mas era o barbante que eu tinha. Fiquei uns 15 minutos descosturando,

descosturando,

descosturando...

Por fim, estendi o barbante entre um suporte de placa e um boneco da decoração de Natal ainda instalado na praça. Parece um Quebra-Nozes (sinceramente, não gostei). Mas me emprestou seu braço pra amarrar o varal. E lá fui eu. Primeira visitante: uma senhora, moradora da Vila Formosa, assim como eu. “Faço serviços de banco e mercado por aqui.” Sobre as fotos, comentou logo:

- *Quê isso?* [com tom e feição de muito estranhamento]

- Um grupo de rap do parque Ipiranga.
- *Uai, nunca vi... E essa daqui? Onde é isso?* [com ainda mais estranhamento]
- É no bairro Jundiaí também! [foto de trecho de rua sem asfalto]
- *Antigamente, né?*
- Não, hoje mesmo. Lá no final da rua dos Carreiros.
- *Ah sim. Mas é da parte mais antiga do bairro mesmo...*

Lá pras tantas tomei um susto... Tinha alguém deitado no canteiro da praça, não muito longe. Primeiro senti um mal-estar e um pouco de medo. Depois vi que ele só queria descansar sob a sombra da gameleira. Espero que fique bem, pensei. A cena não era atrativa ao olhar, mas talvez não tão incomum naquele lugar. E segui recebendo opiniões no varal.



~~~~~

“É necessário entender não apenas como os lugares adquirem qualidades materiais, mas também como adquirem valor simbólico através de atividades de representação” (SÁNCHEZ, 2001, p. 35), atividades estas que se dão por imagens e narrativas dos lugares, essencialmente veiculadas pelos meios de comunicação aliados aos agentes hegemônicos de produção e reprodução de espaços. Questiona-se a construção da própria imagem urbana, que,

conforme Lucrécia Ferrara, é “uma representação construída cotidianamente pelos moradores, a partir da informação inferida da vivência de variáveis contextuais consideradas como elementos de informação urbana” (FERRARA, 1999, p. 71).

Deseja-se investigar, a partir destas variáveis contextuais urbanas, as outras possibilidades de percepção dos lugares ou suas outras “leituras” que, conforme Sánchez, “no plural, implicam que a cidade pode ser representada, ou melhor, imaginada, a partir de diversos olhares” (SÁNCHEZ, 2001, p. 34). Por isso, reafirma-se a importância de questionar as representações hegemônicas do espaço pelo caminho da aproximação com realidades sócio-espaciais igualmente não hegemônicas.

Diante disso, questiona-se neste capítulo como se dá o processo de construção da cidade de Anápolis e, especificamente, do bairro Jundiá, na dimensão do espaço das representações e das subjetividades. Para isso, é necessário reconhecer os fatores histórico-geográficos que conduziram ao que se tem hoje, considerando o espaço urbano em Roberto Lobato Corrêa, segundo o qual este “é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (CORRÊA, 1995, p. 8), e que constroem o imaginário urbano.

Lê-se em Gandara que “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO *apud* GANDARA, 2016, p. 34), e é sobre este debate que se discorre nas próximas páginas.

## 1.1 UMA REALIDADE URBANA ENTRE DUAS CIDADES CAPITAIS: A GÊNESE DE UMA IMAGEM EM MOVIMENTO

Anápolis completa no ano de 2020, 113 anos de criação municipal, considerando o dia 31 de julho de 1907 como marco referencial, mas sua história teve início ainda no fim do séc. XIX, quando por volta de 1870, a partir da edificação da capela dedicada à Sant’Ana, uma comitiva instalou-se às margens do ribeirão das Antas (região pertencente ao município de Pirenópolis) devido a condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento econômico. Posteriormente, o povoado foi elevado à Freguesia de Santana das Antas em 1873, à Vila em 1887, com o mesmo nome e, por fim, à cidade de Anápolis, em 1907 (LUZ, 2009; BATISTA, 2010), sabendo que até este período (1870-1907) “predominou a economia de subsistência, a pecuária e o comércio incipiente de tropeiros”, com influências econômicas e políticas de Pirenópolis, principalmente (POLONIAL, 2011a, p.17).

Depois de tornar-se município, Anápolis começa a inserir-se na economia do estado, através da produção e beneficiamento de cereais, como o arroz e o café, para citar os produtos protagonistas. No início do século XX, iniciou-se a construção da *Estrada de Ferro Goyaz*, que fortaleceu a economia goiana, especialmente nos trechos cortados pelos trilhos. Em 1911 foi inaugurada a estação de Araguari (MG), de onde partiu a ferrovia; entre 1914 e 1922 alcançou o município de Pires do Rio, e em 1931 chegou a Leopoldo de Bulhões, prevendo prosseguir para Anápolis, onde seria construída a estação terminal (FREITAS, 1995). A linha férrea chegava ao estado goiano acompanhada da ideia da modernidade:

Com a implantação da Estrada de Ferro, vários núcleos populacionais apareceram e dentro de poucos anos adquiriram características de centros urbanos. As cidades goianas servidas pela linha se reurbanizaram e passaram a contar com as modernas intervenções do mundo capitalista, como a energia elétrica, o cinema, o telefone e o telégrafo etc. (BORGES<sup>3</sup>, *apud* POLONIAL, 2011a, p.28).

Diante disso, com a expectativa do avanço dos trilhos para o território Anapolino, a cidade passou por transformações diversas para receber tal marco modernizador e foi crescente o número de imigrantes procedentes de outras regiões do estado e do país, além de estrangeiros, como famílias de sírio-libaneses, italianos e japoneses, que chegaram e estabeleceram novos pontos comerciais e de prestação de serviços, e incrementaram as técnicas de produção agrícola. Este aumento populacional refletiu em uma demanda para o desenvolvimento urbano, tanto em melhoramentos na paisagem edificada existente como a partir de planos de expansão para novas áreas ainda não ocupadas do território, como a leste do ribeirão das Antas (Ilustração 11, p. 32), onde mais tarde (1943) seria implantado o bairro Jundiá, cuja história será descrita posteriormente.

Na década de 1930, começaram também a surgir na cidade novos incentivos à saúde e à assistência social, cujo marco foi o Hospital Evangélico Goiano, fundado em 1927 pelo casal Fanstone<sup>4</sup>. Em 1930, foi inaugurado um novo edifício-sede com seis andares, equipado de elevador (o primeiro em Goiás), sendo a primeira construção de múltiplos pavimentos do estado (Ilustração 1). Em 1934, Dr. Fanstone fundou a Escola de Enfermagem *Florence Nightingale*, sendo a terceira escola de enfermagem do país. O Hospital Evangélico logo se tornou referência na região centro-oeste, pela qualidade do serviço prestado, em sintonia com unidades da Europa e Estados Unidos. O jornal *O Anápolis*, em matéria publicada em 1943,

<sup>3</sup> BORGES, Barsanufó G. *O despertar dos dormentes*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1990.

<sup>4</sup> Doutor James e sua esposa, a enfermeira Dayse Fanstone. Ele, brasileiro nascido em Recife (1890) com descendência inglesa, cursou Medicina na Universidade de Londres e serviu como Capitão Médico nas trincheiras da França e da Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial. Casaram-se em 1922 e vieram para o Brasil, estabelecendo-se em Anápolis em 1925 (FERREIRA, 2011, p. 194).

pontuou sobre o edifício do hospital: “Esse magnífico monumento da arquitetura goiana se ergue na Praça de João Pessoa, vendo-se, à sua frente, parte do jardim público. Notadamente é o mais alto edifício do Estado, tendo seis andares, obedecendo aos mais modernos estilos de construção cosmopolita” (O ANÁPOLIS, janeiro de 1943, s/p.). Neste comentário sobre a construção do edifício, nota-se a insistência nos termos que remetem ao destaque da cidade em relação à modernidade que chegava ao estado.

Ilustração 1 - Edifício do Hospital Evangélico Goiano em 1930.



Fonte: Acervo fotográfico digital do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos>. Acesso em: abril/2019.

Além destes fatos, incentivava-se uma mudança de hábitos culturais, já que, segundo Freitas, “Pelos jornais, [a Prefeitura] divulgava a necessidade da população passar a se comportar de maneira menos sertaneja e mais urbana, de reformar suas residências, murar os quintais, recolher o lixo de forma adequada, observar noções de higiene” (FREITAS, 1995, p. 44). Percebe-se então que para receber a modernidade dos trilhos, Anápolis passou por uma transformação não somente física, mas de padrões sociais e, certamente, de mentalidade, buscando construir uma nova ideia ou imagem da cidade, a partir de fortes críticas aos hábitos rurais que os cidadãos traziam (e ainda trazem) como herança.

Quando em 1935 o edifício da estação ferroviária (Ilustração 2) é inaugurado, com fachada em estilo eclético, reunindo traços do *art déco*<sup>5</sup>, *nouveau*, e modernos (SILVA, 2019,

<sup>5</sup> Estilo originário da Europa, foi um dos fundamentos do Movimento Moderno no Brasil a partir dos anos 1920, compreendendo um conjunto de manifestações artísticas e a “necessidade de exprimir ideias novas, de tentar ser moderno[...].” (SEGAWA, 2002).

p. 114), a cidade aparentava uma nova feição socioespacial, intensificada após o início do funcionamento dos trilhos: “A hegemonia comercial de Anápolis sobre o norte do Estado e mesmo sobre regiões de Estados vizinhos, adquirida durante a fase áurea da estrada de ferro deu prestígio à cidade [...]” (FREITAS, 1995, p.62).

Ilustração 2 - Edifício da Estação Ferroviária de Anápolis em 1935.



Fonte: Acervo fotográfico digital do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Um pouco antes, na mesma década, tem-se como importante fator no cenário político nacional, a transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia (fato concretizado em 1933), cidade idealizada pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, e localizada há pouco mais de cinquenta quilômetros de Anápolis. O projeto, com desenho de autoria de Atílio Corrêa Lima<sup>6</sup>, trouxe características modernistas, apesar de carregado de influências do urbanismo clássico, renascentista e barroco.

Conforme Janes Luz, “Também, a construção de Goiânia para sediar a nova capital do estado se transforma em um processo que simbolizava, exatamente, a modernidade, ou seja, a entrada do novo [...]” (LUZ, 2009, p. 115). Buscava-se então, de todas as formas, certa ruptura com o passado, representando a superação de um estado de decadência para a construção do futuro, que almejava o progresso econômico e social. No recorte abaixo, a notícia relata a construção da Praça Americano do Brasil sobre o antigo cemitério e outros melhoramentos em decorrência da construção da Estação Ferroviária.

<sup>6</sup>Representante da firma P. Antunes Ribeiro e Cia., do Rio de Janeiro, foi encarregado pelo interventor, como responsável pelo projeto da futura capital goiana, e ainda administrar a construção do palácio do governo, do hotel e da prefeitura (MANSO, 2001).

Ilustração 3 - Notícia do jornal O Anápolis, de março de 1935.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

A cidade de Anápolis buscava então acompanhar esta modernidade que parecia instaurar-se no interior do estado e também do país. Muitas vezes, porém, o seu espaço urbano e até mesmo a paisagem não condizia com o ideal que almejava alcançar, e o poder público insistia que as construções seguissem certos padrões construtivos referentes à estética modernista, apelando inclusive para a fiscalização destas obras (Ilustração 4). Mesmo assim, os discursos buscavam alguns recortes da realidade nos quais pudessem sustentar-se. Kevin Lynch afirma-nos que “Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles” (LYNCH, 1959, p. 12).

Ilustração 4 - Jornal O Anápolis, abril de 1935, sobre exigências para novas construções.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Neste sentido, na formação da imagem de Anápolis ressalta-se também a contribuição sob a ótica do estrangeiro. Um fato interessante foi a vinda da atriz Joan Lowell<sup>7</sup>, que escreveu um livro aparentemente autobiográfico, *The promised land* (A terra prometida, ou, A terra da promessa), que serviu para afirmar a boa fama da cidade e do estado, de forma geral, no exterior. Depois dela, também outros astros do cinema americano permaneceram algum tempo em Anápolis, para descanso de férias e para investir em terras e imóveis. “Lowell chegou ao Brasil em novembro de 1935 [...], morou por um período em Anápolis e mudou para Brasília na década de 1960”, onde morreu, em 1967 (SILVA, 2014, p. 101). Ainda segundo Silva (2014, p. 106),

Além dos baixos preços das terras oferecidos por Lowell e do seu poder de persuasão, a facilidade de se chegar a Anápolis nas décadas de 1940 e 1950 facilitavam e motivavam esses indivíduos a visitarem o Planalto Central. Anápolis, desde 1943 contava com voos semanais feitos pela Empresa de Transporte Aeroviários do Brasil, que fazia a rota Miami/Rio de Janeiro e Anápolis, e, posteriormente, passou a contar com a rota Chicago/Rio de Janeiro que também passava por Anápolis. Assim, era possível conhecer o sertão goiano sem precisar enfrentar uma longa viagem de trem ou passar por estradas esburacadas.

Diante do atrativo desenvolvimento de Goiânia, os anapolinos passaram a adotar discursos para destacar a estima por sua cidade e o prestígio da mesma, com expressões que remetiam à modernidade e ao progresso urbano. Segundo Batista,

A partir de 1940, o bairrismo fez nascerem expressões grandiloquentes para designar a cidade, como “Capital Econômica de Goiás”, “A Ribeirão Preto de Goiás”, “A Capital do Arroz”, “O Trevo do Brasil” ou “Manchester Goiana”. As emissoras de rádio esmeravam-se ao informar a hora certa: “Na capital econômica de Goiás são 6 horas”, anunciavam. E prosseguiam com a expressão, de hora em hora (BATISTA, 2010, p. 159).

Na época, a cidade de Ribeirão Preto (SP) destacava-se no agronegócio, especialmente com a produção de café, tornando-se um centro econômico de importância para a sua região, e ganhando posteriormente (década de 1980), o apelido de “Califórnia Brasileira”. Portanto, chamar Anápolis de “Capital Econômica de Goiás” ou “A Ribeirão Preto de Goiás” supunha elevá-la a um centro econômico de referência no estado e na região da qual participa. Quanto a ser “O Trevo do Brasil”, expressão ainda adotada contemporaneamente, refere-se ao valor de sua localização como integradora de diversos deslocamentos nacionais, que seria concretizada depois com a construção da Belém-Brasília (1950-1974).

Já a adjetivação de “Manchester” foi dada não somente a Anápolis como a outras cidades brasileiras, tendo como referência a cidade inglesa de *Manchester* (Ilustração 5), que

---

<sup>7</sup>Helen Joan Bowen nasceu na Califórnia em 1902. “Foi atriz da Broadway e chegou a atuar ao lado de Charles Chaplin, fazendo umaponta no filme *Em busca do ouro*, de 1925”. (SILVA, 2014, p. 100).

destacou-se como modelo de cidade no período industrial, adequada ao contexto europeu. Conforme Moura,

E de tal modo a Manchester inglesa se tornou um modelo de modernidade e progresso a ser alcançado que as cidades que almejavam tal condição, mesmo que a vida cotidiana dissesse que a realidade era rural, bastava a instalação de uma indústria têxtil para se candidatar ao uso do nome que se tornou adjetivo. E desta forma surgiram a Manchester Paulista (Sorocaba), a Manchester Mineira (Juiz de Fora), a Manchester Gaúcha (Canoas); algumas pretendiam o título nacional: “a Manchester brasileira” (São Gonçalo, no Rio de Janeiro, Joinville, em Santa Catarina, São Luiz do Maranhão, etc.). Foi assim com Anápolis também. Os elementos estavam todos lá: os trilhos no lugar, o comércio se fortalecendo, indústria têxtil se instalando... e mesmo que até os anos 60 todos os índices apontassem para uma economia de base rural, já nos anos quarenta Anápolis passou ser chamada de a “Manchester Goiana”! (MOURA, 2012, p. 23).

Ilustração 5 - Foto da área central de Manchester, Reino Unido, nos anos 1930.



Fonte: *Google Imagens*.

Ilustração 6 - Área central de Anápolis, Rua 14 de Julho com Barão de Cotegipe, 1930.



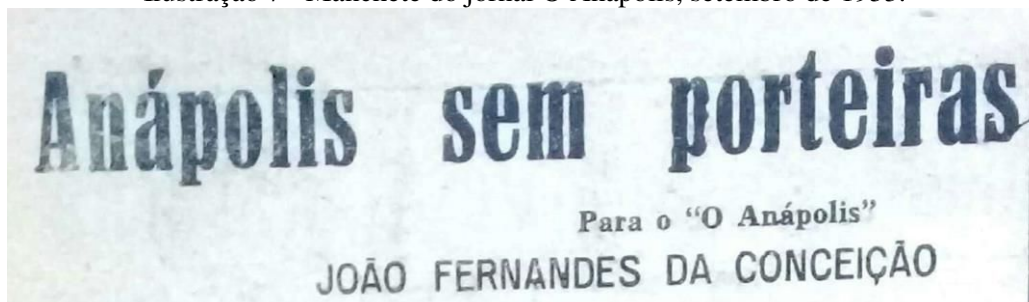
Fonte: Acervo fotográfico digital do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Na época, porém, a paisagem urbana de Anápolis não correspondia à referência discursiva que a imprensa vislumbrava (Ilustração 6), tanto que suas ruas permaneceram ainda por bom tempo sem infraestrutura urbana básica, como pavimentação, fornecimento de energia ou esgotamento sanitário, levando a comentários pejorativos, como o chavão adaptado: “Anápolis, terra de fama; quando não é poeira, é lama” (BATISTA, 2010; FERREIRA, 2011). O calçamento em Anápolis, por exemplo, foi um processo bastante gradual, dado a partir de 1943, quando a Prefeitura contratou a *Companhia de Serviços de Engenharia* para executar tanto o asfalto como o saneamento da cidade, partindo da área central, nos anos 1950, e expandindo-se lentamente para os demais bairros nas décadas posteriores (FREITAS, 1995).

Já em meados de 1950, com a expectativa da construção da nova capital da República no Planalto Central, Anápolis volta a receber certa atenção e investimentos públicos, depois de alguns anos sentindo-se ofuscada pelo protagonismo de Goiânia, que se destacou rapidamente no cenário regional representando verdadeira concorrência. Mas não faltavam discursos para estimar Anápolis, visando seu desenvolvimento e progresso (Ilustração 7). A cidade passa então a ser a principal base de apoio para a construção de Brasília e da rodovia federal (aberta em 1958), assim como se apoiou nelas como oportunidade de alavancar seu desenvolvimento. Conforme Freitas,

Anápolis teve na construção e primeiros anos de Brasília, o suporte necessário para conter a estagnação que já se fazia sentir em meados dos anos cinquenta. O abastecimento de energia elétrica, velho problema da cidade, só foi resolvido com a construção de Brasília e a instalação da linha de transmissão desde Cachoeira Dourada, que passou por Anápolis, indo em direção ao Distrito Federal. A construção da avenida JK, também, foi feita com recursos federais, em razão da construção de Brasília (FREITAS, 1995, p. 53).

Ilustração 7 - Manchete do jornal O Anápolis, setembro de 1953.

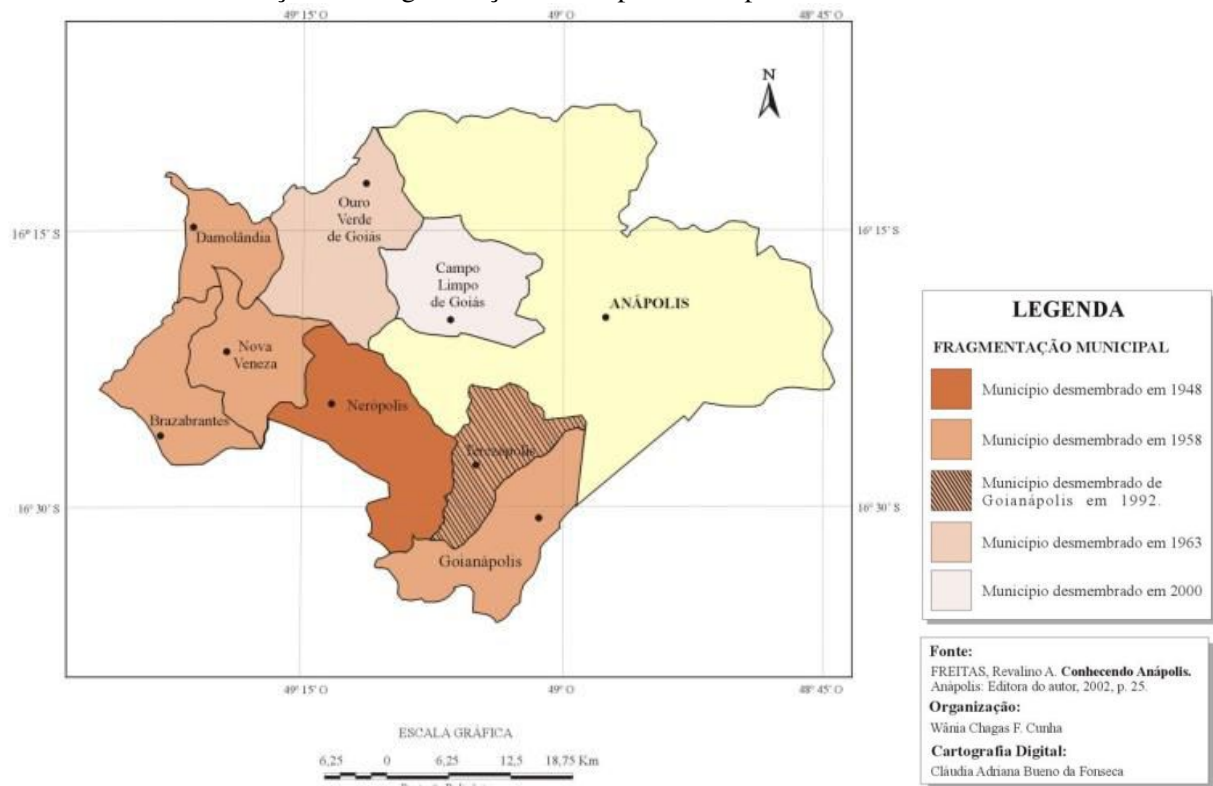


Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O período de construção de Brasília impactou a demografia Anapolina, que em 1950 era de 18.350 habitantes, elevando-se para 48.847 habitantes em dez anos, demandando expansão urbana e a abertura de novos loteamentos residenciais: “Entre 1951 e 1960, a Prefeitura Municipal aprovou a instalação de 91 loteamentos” (FREITAS, 2007, p. 38). Por

outro lado, o município perdeu área territorial com a emancipação de alguns distritos, como Nerópolis, tornado município em 1948; Brasabrantas, Damolândia, Goianópolis e Nova Veneza em 1958; Ouro Verde, em 1963; e Campo Limpo de Goiás, emancipado mais recentemente, em 1997 (Ilustração 8). De acordo com Moura, “em 1907, o município de Anápolis possuía um território de 2622 km<sup>2</sup>” (MOURA, 2012, p. 33), e nos dias atuais possui área igual a 933,156 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Ilustração 8 - Fragmentação municipal de Anápolis entre 1948 e 2000.



Fonte: CUNHA, 2009.

Dois acontecimentos que colaboraram com o dinamismo de Anápolis e a consolidação de sua vocação industrial e logística foram a fundação da Base Aérea, em 1972, e do Distrito Agroindustrial de Anápolis, em 1976, ampliando a oferta de empregos, especialmente dos setores secundário e terciário, e trazendo outra corrente migratória à cidade. Quanto à primeira, Borges pontua que “Hoje, com justa razão, Anápolis se orgulha de sua Base Aérea, não só pelos fatores segurança e turismo promovidos pela extraordinária Unidade, como também pelos recursos que se canalizam para o comércio local” (BORGES, 2011, p. 264).

Quanto ao DAIA, além de favorecer o desenvolvimento econômico da cidade, incentivou a abertura de cursos profissionalizantes de nível técnico e superior, e conseqüentemente a demanda pela implantação de novos centros universitários e o

fortalecimento dos já existentes, como o SENAI (implantado em 1952) e a UEG<sup>8</sup>. Novamente há um impulso à expansão urbana, alcançando regiões até então pouco ocupadas, e, conforme Cunha & Santos, “essa não foi sua única contribuição para as mudanças na área urbana de Anápolis, ele atraiu pessoas e investimentos. E principalmente trouxe **ares de modernidade e mudança de hábitos**” (CUNHA & SANTOS, 2017) [grifo nosso]. Mas, por outro lado, isso não se manifesta na infraestrutura de Anápolis, que se apresentava ainda muito fragilizada ou pouco planejada, já que, segundo as autoras, “o sistema viário resultante foi complicado, pouco racional e desconectado em seu traçado. Houve uma precarização da oferta de serviços públicos e de infraestrutura. E no fim é a população que sofre, até os dias atuais, as consequências” (CUNHA & SANTOS, 2017).

Outro fato que se faz necessário ressaltar na história urbana de Anápolis, é a intervenção no ribeirão das Antas, cujas margens abrigaram a formação do povoado ainda em 1870, mas que a esta altura, cerca de um século depois, passou a representar um obstáculo a ser transposto. O ribeirão foi então canalizado no trecho do setor central, e sobre seu leito foi edificado o novo Centro Administrativo, concluído em 1982, a Praça do Ancião (1983) e outras construções. Percebemos na fala de Freitas o que este acontecimento representou na época:

De pântano inóspito ao convívio humano, a baixada transformou-se na área institucional do Município, estando instalados atualmente dentro de seu perímetro, os poderes executivo, legislativo e judiciário, além de loteamento, ginásio de esportes, templo religioso e terminal rodoviário (FREITAS, 1995, p.86).

Isso, porém, não só não impediu que a região fosse um foco de alagamentos, como pode ter contribuído para agravar a situação, visto que o canal do curso d’água está boa parte impermeabilizada, não absorvendo a carga de água no período de cheias, e, ao transbordar, afeta diretamente o trecho urbano, gerando impactos negativos para a população e para a qualidade da água do ribeirão. Enquanto diversas cidades<sup>9</sup> no mundo tem buscado revelar a importância e o valor de seus rios urbanos na composição de sua história e sua paisagem, em Anápolis essa discussão parece não existir, visto que seus cursos d’água estão cada dia mais escondidos e invisíveis na paisagem, que mesmo o debate sobre eles é esquecido, negado.

---

<sup>8</sup>Tem sua origem na Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (FACEA), criada em julho de 1961; transformada em Universidade Estadual de Anápolis (UNIANA), em 1990; e em Universidade Estadual de Goiás (UEG) em 1999.

<sup>9</sup> Madrid (Espanha), com a proposta de recuperação do Rio Manzanares (2012); Seul (Coreia do Sul), com o Rio Cheonggyecheon (2005); Piracicaba (São Paulo), com o Rio Piracicaba (2004); só para citar alguns casos nos quais a preocupação com os rios é tratada com mais ênfase no planejamento urbano.

Vimos até aqui que a cidade de Anápolis foi sendo marcada no decorrer de sua história, por uma tentativa de construir uma imagem urbana atraente, apesar de esta nem sempre condizer com a realidade encontrada, pelo menos não em todo o seu território e população. Mesmo em dias mais recentes, é possível encontrar discursos que enaltecem a cidade, ainda que por suas condições climáticas, localização estratégica entre Goiânia e Brasília, ou índices de expectativa de vida da população.

Como dito anteriormente, um adjetivo que ainda lhe é correntemente atribuído é o de “Trevo do Brasil”, por conter importantes cruzamentos ferroviários – “estação final do ramal da ferrovia Centro Atlântica e, atualmente, o ponto inicial da Ferrovia Norte-Sul” – e rodoviários, “conectando as rodovias BR 153, BR 060, BR 414, além das rodovias estaduais GO 222 e GO 330” (LUZ, 2009, p. 125). Completando sua “vocação” logística (Ilustração 9), a cidade recebeu um aeroporto de cargas, ainda em obras.

Ilustração 9 - Anápolis, “Capital logística do Brasil”.



Fonte: Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento *Genesis Office*, (ENGECON).

Paralelamente, busca-se revelar um aspecto de qualidade de vida urbana, a partir do discurso de um ambiente acolhedor e gerador de oportunidades de desenvolvimento. Conforme Lynch, “São estas imagens de grupo, mostrando o consenso entre um número significativo de membros, que interessam aos planejadores de cidades aspirantes a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar” (LYNCH, 1959, p. 20). A exemplo disso, a matéria apresentada pelo Globo Repórter referente à edição do dia 1º de novembro de 2013, apontou o “Centro-Oeste como a região mais positiva com relação ao amanhã”, enfatizando Anápolis (Ilustração 10) como “uma das cidades da região líder em felicidade futura. Terra de oportunidades [...]” (Portal G1).

Ilustração 10 - “Anápolis, a cidade mais feliz do Centro-Oeste” (Legenda do portal).



Fonte: G1 Goiás.

Estes índices e toda a trama narrativa em torno deles, constroem representações que são mais cheias de intenções ideológicas que de compromisso com a realidade urbana integral da cidade. Concordando com Bispo (2016, p. 64),

O que queremos afirmar é o caráter regulamentador das imagens, que, a partir de sua operação monolinguística, e elaboração sígnica, preenche o conteúdo que ora orientará a prática comunicativa visual nas cidades. Esse processo é efetuado através da comunicação. Nas cidades, essa comunicação se apresenta como produto visual ou, enfim, como imagem de poder cujo caráter ideológico é latente.

Ocorre que, e esta é uma das principais problemáticas desta pesquisa, “há o risco de confundir a cidade com sua representação midiática que passa a ser a realidade que fala por ela, mais forma do que função” (FERRARA, 2007, p. 169). Diante disso, deseja-se investigar as realidades que não são contempladas pelas representações dominantes da cidade, buscando outros caminhos de cartografia para Anápolis, algo que conseguiremos a partir do exercício urbano, que passa pelo caminhar e experimentar a cidade a partir de diversas facetas. Para possibilitar esta análise, foi escolhido o bairro Jundiá como recorte espacial que se mostra adequado para a discussão levantada, uma vez que se trata de um espaço fortemente idealizado e sustentado por uma representação dominante, porém incompleta diante da heterogeneidade sócio-espacial que abriga, conforme apontado nos próximos itens.

## 1.2 O BAIRRO JUNDIÁ: A PROMESSA DA UTOPIA EM UMA NOVA CENTRALIDADE

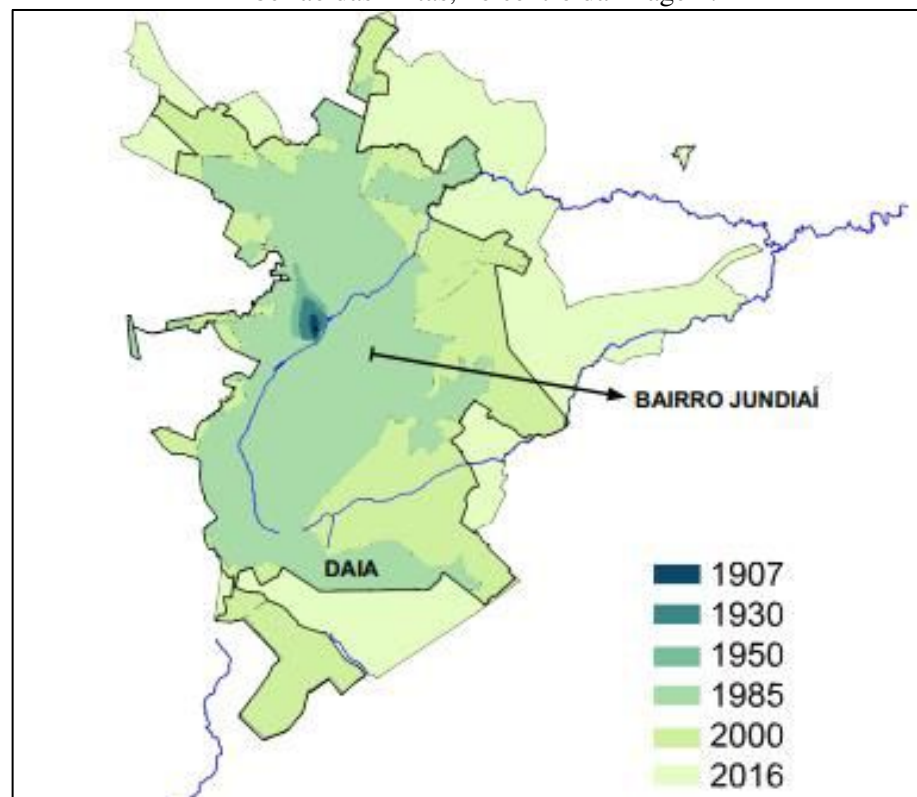
O bairro Jundiá surgiu como produto do período expansionista e modernizador pelo qual passou a cidade desde a expectativa da implantação da Estação Ferroviária em território Anapolino. Conforme Freitas,

Quando a estação foi construída, cortando parte da área central da cidade, Anápolis ainda era uma pequena cidade de um Estado despovoado. Ainda não havia bairros em seu setor leste, e existiam poucas casas ao norte da via férrea. Contudo, nos anos seguintes, expandiu-se o povoamento ao norte, obrigando a abertura de ruas cruzando o leito ferroviário e, também, surgiu um grande bairro ao leste, o que forçou a abertura de novas ruas cruzando a linha férrea (FREITAS, 1995, p. 47).

A intenção de ocupar a região leste do território exigia transpor não somente a ferrovia, mas também o curso d'água, o ribeirão das Antas (Ilustrações 11 e 12), através da construção de pontes para conectar as avenidas e ruas. Conforme Ferreira, no período da chegada dos trilhos, década de 1930, já se falava em construir um novo bairro na cidade, e o jornal *O Anápolis* publicou uma matéria intitulada “Um novo bairro que vae surgir” (Ilustração 12), relatando que Odorico Silva Leão<sup>10</sup> já contratara o serviço de levantamento no “Parque Jundiahy”. Segundo o autor,

O título da nota acima citada diz “novo bairro”, porque os terrenos situados a partir da Praça Bom Jesus, em direção ao poente, pertencentes à “Fazenda Catingueiros”, já haviam sido comprados e loteados pela Prefeitura, com o nome de Bairro Bom Jesus, que passaram a ser vendidos a partir de 1913. O redator do *Anápolis*, encarregado de fazer o levantamento dos terrenos, foi o agrônomo Manuel Gonçalves da Cruz, que não apenas fez o levantamento como ficou encarregado da venda dos lotes (FERREIRA, 2011, p. 70).

Ilustração 11 - Expansão do perímetro urbano de Anápolis e os cursos d'água, especialmente o Ribeirão das Antas, no centro da imagem.



Fonte: croqui da autora sobre arquivo digital da Prefeitura.

<sup>10</sup> Foi prefeito de Anápolis de novembro de 1918 a outubro de 1919, reassumindo o cargo entre março e novembro de 1922 após licença.

Ilustração 12 - Recortes do jornal O Anápolis em junho e agosto de 1935, respectivamente.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Construcção da E. de Ferro Goyaz</b></p> <p>PONTE SOBRE O CORREGO DAS ANTAS</p> <p>Os trabalhos da ponte sobre o "Corrego das Antas" por onde muito breve correrá o lastro da construcção, penetrando, finalmente, os trilhos da Goyaz em nosso perimetro urbano, continuam em plena actividade.</p> <p>Já se acha prompta a <i>fogueira</i> e estão sendo collocadas as vigas destinadas a receber os trilhos e dormentes.</p> <p>Pela visita que fizemos ao local da ponte acreditamos que até o meado da 2ª. quinzena deste mez teremos o lastro dentro de Annapolis.</p> | <p><b>O Bairro Jundiahy</b></p> <p>Conforme noticiamos em o nosso numero passado a construcção do Bairro do Jundiahy vae ser um facto.</p> <p>Os serviços já foram iniciados.</p> <p>O novo bairro será ligado á Praça de Santanna por uma avenida de 14 metros de largura.</p> <p>Quanto ao brejo que margea o corrego das Antas será drenado pela Prefeitura local, de modo que o novo bairro será dentro de pouco tempo, um dos de maior desenvolvimento, não só devido a topographia do terreno que é optima, como tambem devido a agua potavel que será distribuida aos lotes.</p> <p>Annapolis, uma cidade que augmenta extraordinariamente, muito terá a lucrar com a installação do novo bairro, onde os lotes serão vendidos por preços razoaveis e á prestações modicas.</p> <p>Brevemente o projecto da nova cidade será exposto, bem como o inicio de venda dos lotes.</p> | <p><b>Um novo bairro que vae surgir</b></p> <p>O Cel. Odorico Silva Leão, adiantadissimo e culto fazendeiro, entrou em entendimento com um de nossos redactores para que se faça um levantamento dos terrenos proximos ao "Parque Jundiahy", afim de que os mesmos sejam divididos em lotes e ligados á Praça Sant'Anna por uma avenida directa, tudo dependendo apenas de um entendimento com o sr. J. Valente, Prefeito Municipal.</p> <p>Este, progressista como é, não deixará de se interessar pela realização de tão importante projecto.</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Mas foi na década de 1940 que efetivamente lançaram o plano que concretizou a implantação do bairro. Aclamado nas manchetes dos jornais locais sempre associado à ideia de progresso, denominado como "A Maravilha Urbana" (Ilustração 13), o bairro Jundiá nasceu da iniciativa da *Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda.*, dirigida essencialmente por três investidores da cidade: Jonas Ferreira Alves Duarte<sup>11</sup>, Lindolfo Louza<sup>12</sup> e Plácido de Campos<sup>13</sup>. Formada em abril de 1943, a Sociedade tinha por finalidade a comercialização de lotes e a construção de edifícios para a venda de imóveis, e, por isso, adquiriu uma área de 218.395 hectares, onde marcaram, inicialmente, 2.676 lotes.

Ilustração 13 - Fotos do jornal O Anápolis, em agosto de 1935 e maio de 1943, respectivamente.

|                                                                                                                       |                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Annapolis progride!</b></p> <p>No dia 7 de Setembro será exposta a planta do novo bairro "Parque Jundiahy".</p> | <p><b>Base do Futuro</b></p> <p>Edifique seu lar no «BAIRRO JUNDIAÍ» a MARAVILHA URBANA, colaborando para o engrandecimento de Anápolis</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

<sup>11</sup> Jonas Duarte seria governador de Goiás na década seguinte e, ainda, eleito prefeito de Anápolis, governando de 1961 a 1966. O Estádio Municipal da cidade, inaugurado em 1965, leva seu nome.

<sup>12</sup> Apesar de muito citado, há poucas informações sobre sua atuação no cenário político da cidade.

<sup>13</sup> Tornou-se presidente da Câmara Municipal na década de 1950, assumindo também a Prefeitura por dois curtos períodos na ausência dos prefeitos titulares.

Diante da crise habitacional agravada pela explosão demográfica desde a ferrovia, a Prefeitura propôs a isenção de impostos para os primeiros compradores, visando facilitar e promover a ocupação da nova área. Segundo Freitas,

A situação [de crise habitacional] era aflitiva e só amenizou, em parte, quando surgiu o bairro Jundiáí, em meados dos anos quarenta. Para incentivar as pessoas a construir no novo bairro, a Prefeitura isentou de impostos, por cinco anos, as construções que fossem ali edificadas em breve espaço de tempo. Várias pessoas aproveitaram a oportunidade e logo o bairro começou a receber as primeiras construções habitacionais (FREITAS, 1995, p. 82). [grifo nosso]

Enfatizava-se, então, a acessibilidade do investimento, com um plano de vendas “feito para o povo” (Ilustração 14), um discurso que durou cerca de dez anos desde o início das vendas: “Os preços dos lotes são módicos e as condições de venda acessíveis [...], prestações suaves, fáceis aos aquisitores, e a longo prazo, prova da brevidade da realização, pois a Imobiliária não reservará para si nenhum dos lotes, para visar a valorização futura” (O ANÁPOLIS, março de 1944, s/p.).

Ilustração 14 - Nota do jornal O Anápolis, em setembro de 1935.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

No entanto, nas publicações de 1946 já se acompanha a mudança desse discurso, tornando evidente a valorização dos terrenos (Ilustração 15). Ressalta-se também que a dita “popularidade” dos terrenos deixara de existir, e os jornais apresentavam os nomes e cargos profissionais dos investidores, além de que não se tratavam mais apenas de anapolinos, mas de pessoas vindas de cidades goianas vizinhas, de outros estados, e depois, famílias estrangeiras, que aplicaram capital no novo empreendimento urbano. Em novembro de 1944, um correspondente de Goiânia escreveu sobre o bairro ao jornal de Anápolis:

É digno de registro especial o interesse despertado em todas as camadas sociais de Goiás com a abertura da venda de lotes no bairro Jundiáí, já havendo sido transmitidos a compradores mais de 2.000 dos 3.700 lotes demarcados para aquela

nova porção de Anápolis. E não seria efetivamente de outro modo, visto como a construção desse moderno e confortável, amplo e completo agrupamento residencial vai possibilitar a solução do momentoso problema da falta de residências em Anápolis, contribuindo para o desenvolvimento do grande centro vizinho e para a evolução mesmo da vida social de Goiás (O ANÁPOLIS, 1944, s/p.).

Ilustração 15 - Fotos do jornal O Anápolis, outubro de 1946.

**ONTEM** um terreno custava cr\$ 2.000,00,  
**HOJE** vale cr\$ 20.000,00 e **AMANHÃ** po-  
derá custar **10 VEZES MAIS**

Assim é Anápolis, a grande cidade do  
**OESTE BRASILEIRO**

Há ainda terrenos no Bairro Jundiá à venda  
a longo prazo  
**Prestações Mensais a Partir de Cr \$ 63,00**

A melhor aplicação de capital, a mais rendosa e de  
maior valorização é, sem dúvida, a aquisição  
de terrenos em Anápolis

Empregue a sua economia em terrenos do  
**BAIRRO JUNDIAÍ'**  
(NOVA ANÁPOLIS)

**1.365** Lotes já foram vendidos a

BANQUEIROS INDUSTRIALIS  
FAZENDEIROS MILITARES  
MÉDICOS  
LAVADORES FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS  
ADVOGADOS COMERCIAIS  
BANCARIOS ENGENHEIROS  
COMERCIAIS ETC.

Residentes nos seguintes estados:

GOIAS  
SAO PAULO  
MINAS GERAIS  
PIAUÍ  
MARANHÃO  
BAHIA  
ESPIRITO SANTO  
DISTRITO FEDERAL  
SANTA CATARINA  
MATO GROSSO  
PARANÁ

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alberico Borges de Carvalho.

De acordo com o professor João Asmar<sup>14</sup>, a área escolhida para a implantação do loteamento compreendia terras dos senhores Odorico Ramos, Antônio Pinto e Joaquim Pinto. A convite dos empresários foi, então, realizado o projeto do bairro por um engenheiro e urbanista vindo de São Paulo, Dr. João Alves Toledo<sup>15</sup>, que propôs a conexão do bairro ao centro da cidade através das avenidas Goiás, Barão de Cotegipe e Barão do Rio Branco (Ilustração 16), deixando ainda vários espaços reservados ao uso coletivo, como praças e aberturas no interior de quadras – assunto que detalharemos melhor no item seguinte sobre o projeto. “Então o bairro começou abrindo uma rua na Goiás e depois a outra na Barão do Rio Branco. Fizeram a ponte e começou o bairro pingando uma casa aqui outra ali. Foi lento, muito lento” (ASMAR, depoimento, 2015<sup>16</sup>).

Ilustração 16 - Foto do jornal O Anápolis, maio de 1943.

**Bairro de Jundiá Ligado à Cidade pelas Avenidas do Barão do**  
**Rio Branco, de Goiás e do Barão de Cotegipe**

Este jornal os srs. Lindolfo Louza, Jonas Duarte e Plácido de Campos, componentes da Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda. organizada com o  
objetivo de cooperar no desenvolvimento do Bairro de Jundiá, onde já adquiriu grande área de terrenos

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

<sup>14</sup> Advogado, professor e escritor anapolino, participou ativamente da história do bairro Jundiá, sendo um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia.

<sup>15</sup> Superintendente geral da Companhia Serviços de Engenharia, de São Paulo, contratada pela Prefeitura de Anápolis para diversos serviços urbanos, entre eles, o projeto do bairro Jundiá (O ANÁPOLIS, out./1943, s/p.).

<sup>16</sup> Depoimento concedido por ASMAR, J. **Depoimento**. [out. 2015] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2015.

Quanto ao nome do empreendimento, este sofreu alterações desde que foi idealizado, conforme narra Ferreira (2011, p. 71):

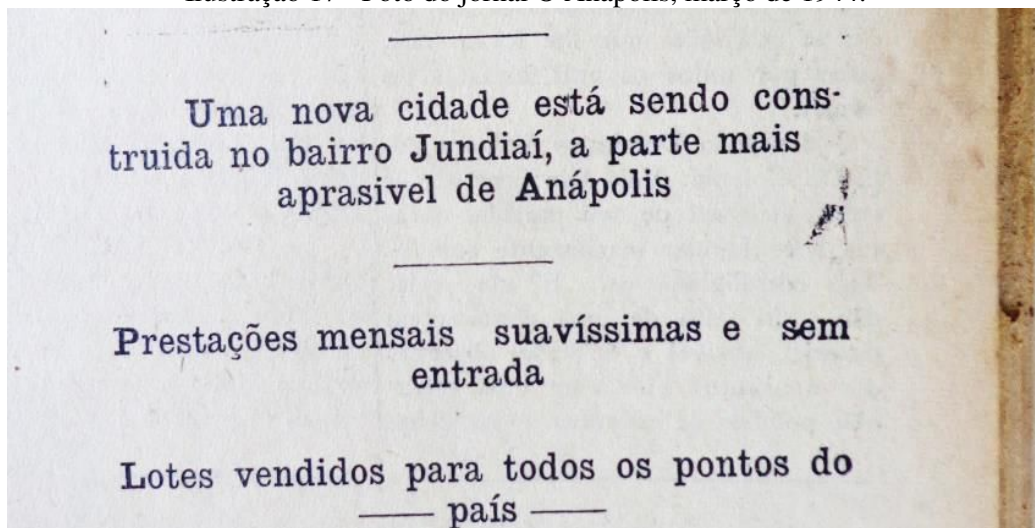
Sobre o nome do bairro, há também uma curiosidade. O nome do bairro deveria ser João d’Aí. A explicação é a seguinte: ‘Quando uma pessoa ia àquelas paragens e necessitava de uma opinião sobre política, casamento, negócios, demandas e atritos entre marido e mulher, os moradores das margens do córrego diziam: ‘você vai tomar concêio com seu João d’Aí – e apontavam para uma morada que ficava nas cabeceiras do ribeirão. Com o evoluir da região e a chegada de várias famílias da Província de Minas Gerais, gente letrada, mudou-se o nome de João d’Aí para Jundiáí. Jonas Duarte constatou tudo quanto verificou a procedência de suas terras e, ao mandar levantar a planta da futura vila de que se comporia a sua rica gleba, autorizou o engenheiro a dar-lhe o nome de Vila do João d’Aí.’”

O bairro ia de encontro, então, aos anseios de modernidade da época, que tentavam afirmar a ideia de progresso urbano pelo qual estaria passando a cidade de Anápolis. Segundo matéria publicada em 1943, “[...] os trabalhos técnicos ficarão entregues a urbanistas de grande capacidade orientados pela administração que pretende dar uma **feição moderna** à cidade. Não se poderia compreender que Anápolis continuasse dividida em velha, nova e novíssima” (O ANÁPOLIS, 1943, s/p.) [grifo nosso]. Já em 1945, no mesmo jornal, lê-se:

Um dia um triângulo humano se formou nesta “Manchester Goiana” e se constituiu em sociedade para levar a cabo um plano que merecia ser posto na concretização anapolina. Esse triângulo se compunha e se compõe ainda dos srs. Jonas Ferreira Alves Duarte, Lindolfo Louza e Plácido de Campos, três figuras distintas dos que manejam a **alavanca do progresso local** (O ANÁPOLIS, 1945, s/p.). [grifo nosso]

No plano do bairro, as promessas das largas ruas e avenidas, que comportariam duas ou três filas de carros, e as faixas arborizadas entre os passeios apresentavam à sociedade Anapolina uma atrativa ideia de progresso ligada à infraestrutura urbana oferecida pelo novo loteamento, referido constantemente como “uma nova cidade” (Ilustração 17).

Ilustração 17 - Foto do jornal O Anápolis, março de 1944.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Citando novamente a reportagem de 1943, vemos que tratava do lançamento do bairro como elemento fundamental para o progresso anapolino: “Terminamos, então, essa interessante entrevista que damos à publicidade, certos de que a idealização que teem em mira os componentes da Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda. é a mais promissora para um grande passo do **progresso da Ribeirão-Preto goiana**” (O ANÁPOLIS, 1943, s/p.) [grifo nosso]. Outro item que apareceu desde logo nas referências ao bairro foi o ideal de beleza, em relação tanto à paisagem natural, como à intervenção urbana que viria a se realizar com o projeto do urbanista:

Convém mesmo frisar que o bairro Jundiá, além das belezas naturais, da sua topografia, em geral plana, terá em seu favor todos os detalhes e embelezamentos a serem previstos nos trabalhos dos drs. Toledo e Demóstenes. [...] Pelas informações que acabam de nos prestar, estamos convencidos da surpreendente beleza do bairro Jundiá” (O ANÁPOLIS, 1943, s/p.).

No decorrer da década de 1950, enquanto o Jundiá desenvolvia-se lentamente, era-lhe atribuída, por outro lado, uma imagem de *bairro nobre*, passando a abrigar, além de residências de diferentes padrões construtivos, alguns edifícios comerciais e instituições educacionais e hospitalares, como a Santa Casa de Misericórdia. Apesar disso, lemos nas notas impressas alguns relatos da precariedade para a execução destes novos edifícios, chegando a pedir ajuda à população para o transporte de terra, por exemplo (Ilustração 18). Conforme Batista (2010, p. 147),

No bairro, em 1954, destacavam-se, em meio a poucas casas, as novas construções da Santa Casa de Misericórdia e o convento da irmãs franciscanas. Estava pronto o prédio do Colégio São Francisco de Assis, e se sobressaíam as residências do professor Luiz Tyrone e do empresário Sebastião Duarte. A fábrica de manteiga dos irmãos Cardoso começava a funcionar. O Colégio Nossa Senhora do Carmo, a partir da desabitada avenida Minas Gerais, estava em obras. Franklin Pfrimer, era austríaco. Veio para o Brasil e construiu uma casa grande e bonita no bairro Jundiá.

Ilustração 18 – Pedido de ajuda à população para construção da Santa Casa, *O Anápolis*, ago./1953.



Fonte: Acervo do Museu Alderico Borges de Carvalho.

Como havia sido descrito por Batista, destacavam-se na paisagem as residências de moradores estrangeiros que adquiriram terrenos no bairro. Cabe também citar a importância da Avenida Mato Grosso, que desde aquele período já consolidava seu caráter comercial que ainda hoje possui sua importância no dinamismo econômico do bairro, e não só para os que nele residem: “Casas contínuas no Jundiá só na avenida Mato Grosso (Ilustração 19), um dos

mais antigos núcleos urbanos da cidade. Logo no início dessa rua, Nicolau Calixto Jabur, vindo do Líbano, tinha sua marcenaria” (BATISTA, 2010, p. 148).

Ilustração 19 - “Residência do Sr. Sebastião de Moraes Jardim, á Avenida Mato Grosso-Bairro Jundiaí. (Financiada pelo I.A.P.C)” (s/d.).



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jairo Alves Leite<sup>17</sup>.

Em matéria publicada em julho de 1956, intitulada “*O Jundiaí não exige muito*”, são novamente citados os colégios São Francisco e N. S. do Carmo, privados, e também o Grupo Escolar Pe. Trindade, público, concluindo que “o bairro Jundiaí está bem servido no que tange ao problema educacional” (ESPÍRITO SANTO, 1956). Mas segue dizendo que, “no que se refere, todavia, aos benefícios gerais que lhe possam advir da administração, têm-se revelado quase inexistentes até o momento”, falando especialmente do fornecimento de energia e iluminação pública:

Faz pena ver a nossa mocidade se encaminhando, à noite, lanterna à mão, rumo ao Colégio São Francisco e ao Colégio Estadual [Padre Trindade]. Faz pena ver o casarão multicôor do bairro Jundiaí sepultado no matagal espêso, dando a impressão, quando a lua pratêia lá do céu, de velha fazenda abandonada. Faz asco sentir o cheiro deletério de matérias orgânicas em decomposição, ferindo o olfato dos moradores e transeuntes, oriundo da Fábrica de Laticínio ali existente (ESPÍRITO SANTO, 1956, s/p.).

Depois de tecer sua crítica e reivindicar uma postura da administração local, a matéria termina com os dizeres: “[...] queremos concluir dizendo que o bairro Jundiaí é filho modesto da administração de Anápolis, e, por isso mesmo, não exige muito. Basta que se lhe atendam, por agora, as mínimas e prementes reivindicações acima apontadas” (ESPÍRITO SANTO,

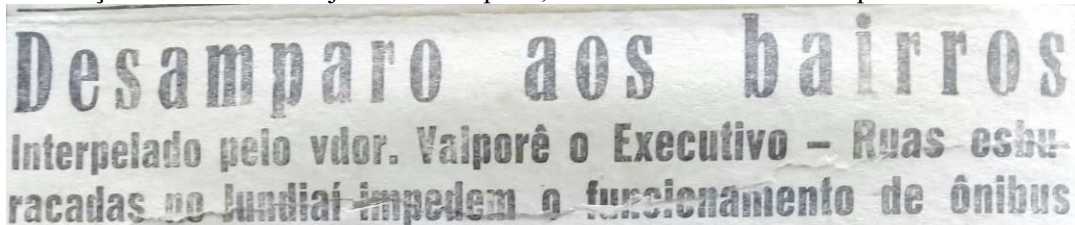
<sup>17</sup> Atual diretor do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

1956). Em 1957, por ocasião da comemoração de 50 anos do município, a revista *A Cinquentenária* publicou o seguinte:

Dentre os bairros que possui a cidade de Anápolis, atualmente com mais de trinta loteamentos, destaca-se, pela sua localização e seu moderníssimo traçado, o Bairro Jundiáí, com mais de 3.000 habitantes. Organizado pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., em 1944, o Bairro Jundiáí tomou impulso acelerado a partir de 1950 com a extinção da Sociedade Imobiliária, passou a ser administrado pela Cia. Comercial de Goiás, e, posteriormente, pelo Banco do Estado de Goiás, apresentando-se no ano do cinquentenário da cidade, com magnífico aspecto sendo a sede de vários e importantes estabelecimentos de ensino, hospitalar e de assistência social. **O Governo do Estado cogita agora de sua urbanização, dotando-o de vários melhoramentos, tais como água, esgoto, calçamento e arborização** (*A CINQUENTENÁRIA*, 1957, p.99). [grifo nosso]

Interessante perceber na nota da revista e também no recorte de jornal abaixo (Ilustração 20), que, apesar de dizer apresentar “moderníssimo traçado” e “magnífico aspecto”, o bairro ainda não possuía infraestrutura urbana básica, assim como as áreas mais antigas da cidade, que só viriam a receber pavimentação, água, energia e saneamento nas décadas seguintes, em um lento processo, como apresentado no item anterior.

Ilustração 20 - Recorte do jornal *O Anápolis*, outubro de 1958: “Desamparo aos bairros”.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Voltando a falar da Santa Casa, desde o início ela parece ter sido construída como uma instituição de caráter assistencialista, destinada ao atendimento hospitalar de uma população menos favorecida de recursos financeiros. Sobre isso, o jornal *O Anápolis* publicou em 1958: “Vendo que a gente pobre da cidade, que a gente pobre dos distritos, que uma aluvião de gente pobre que por aqui passava, sofria muito para ter os recursos médicos de que necessitava [...], o sr. Jonas Duarte empreendeu fazer a Santa Casa de Anápolis” (*O ANÁPOLIS*, 1958, s/p.).

Em 1977, encontramos novas reclamações a respeito dos serviços urbanos, referindo-se especialmente à rede de esgoto e iluminação pública, que ainda não haviam chegado a toda extensão do bairro, mas apenas em algumas áreas consideradas privilegiadas, demonstrando que o desenvolvimento urbano não se dava de forma homogênea, como se lê no recorte (Ilustração 21).

Ilustração 21 - Recorte do jornal Gazeta de Anápolis, junho de 1977.

Gozado! A rede de esgoto que estão construindo no bairro Jundiá vai longe, até à Vila dos Sargentos, serpenteia por todos os lugares do bairro, mas chega perto do Lar da Criança, pára; a iluminação pública perlongou-se Av. Mato Grosso afora, no entanto, chegando próximo ao Lar da Criança, Abrigo dos Velhos, parou; a água da Piancó, tão seriamente prometida pelo Abrãozinho, foi até o SESC e não chegou até ao “ponto do cumprimento da palavra”; tudo de bom que sai dos poderes públicos só vai até ao SESC, à Vila dos Sargentos e às casas de certas pessoas importantes que tiveram suas ruas iluminadas porque “levantam cedinho para caminharem até à repartição onde trabalham”. A única coisa que chega até ao Abrigo dos Velhos, Lar da Criança, Educandário Monteiro Lobato e Convento “Mãe Admirável” sabem o que é? Cobrador.

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Apesar desta notável precariedade da infraestrutura urbana, o bairro era enaltecido com uma imagem superior, enobrecida em detrimento do próprio centro e arredores, começando a ser construída a ideia de que o Jundiá viria a ser uma nova centralidade para Anápolis. Já na década de 1980, vê-se que esta ideia prevalecia ainda no imaginário, e era cada vez mais reforçada pelos diversos veículos de comunicação, a exemplo deste trecho de reportagem da revista *Imagem Atual* (1986, p. 14):

Basta observar o desenvolvimento e as tendências urbanísticas da cidade para logo verificar que o Bairro Jundiá desponta como um novo núcleo desenvolvimentista, atraindo novos e grandes investimentos para aquele setor da cidade de Anápolis e firmando-se palpavelmente como uma nova Wall Street ou um conglomerado semelhante aos jardins, onde se localiza com fulgor a conhecida Avenida Paulista de todos os brasileiros. Quem conheceu o Bairro Jundiá no passado e observou seu desenvolvimento nos últimos anos pode perfeitamente comprovar os rumos deste bairro progressista como o novo centro nervoso de Anápolis.

Neste trecho, fica evidente o exagero publicitário ao se comparar as avenidas do bairro Jundiá com a Avenida Paulista e ainda com a *Wall Street*. Mesmo que, na escala local, as ruas do Jundiá representem importantes eixos comerciais e de serviços no contexto Anapolino, não cabe compará-lo aos distritos financeiros e de negócios de grandes centros metropolitanos como São Paulo e Nova Iorque, por exemplo, cuja área de influência tem alcance global.

Ilustração 22 - Na legenda: “Av. Santos Dumont: residências perdem lugar para lojas e escritórios”.

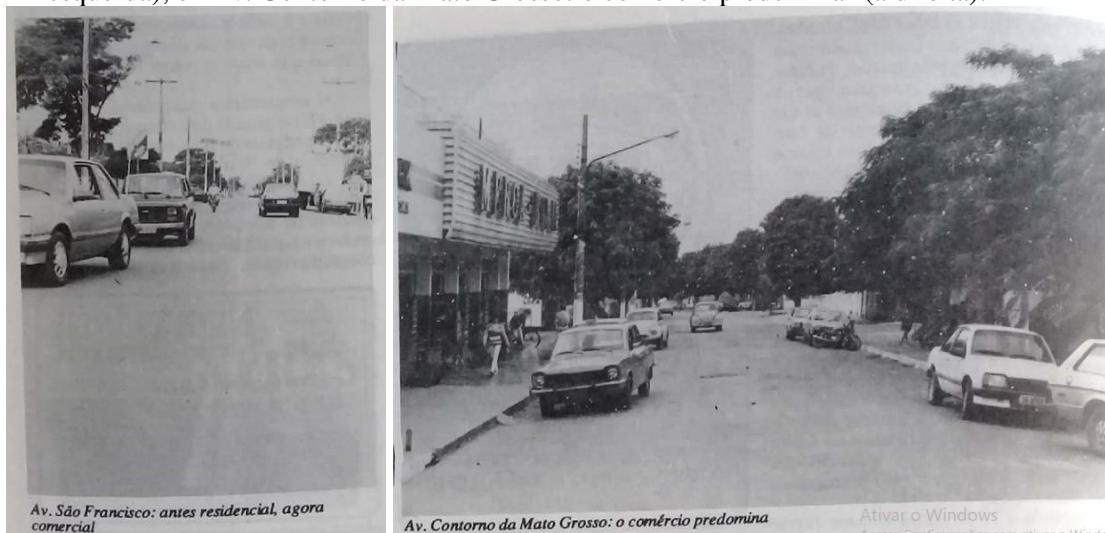


Fonte: IMAGEM ATUAL (1986, p. 14).

Na mesma edição da revista, por diversas vezes se retomou a ideia da centralidade do bairro Jundiaí, promovendo-o e exaltando sua imagem urbana:

Os que têm o tino dos negócios e vislumbram o futuro próximo, instalam-se no Bairro Jundiaí. De alguns anos pra cá foram muitas as empresas de médio porte e inúmeras microempresas que se fixaram neste **promissor centro de negócios**. [...] Tudo isso já está acontecendo no Bairro Jundiaí, certamente o **centro aristocrático da cidade** de Anápolis. Quando afirma-se que o Bairro Jundiaí é **uma nova cidade dentro de Anápolis**, isso não é dito em vão. O espaço físico do bairro aglutina todos os setores urbanos encontrados em uma cidade. [...] Daí o Bairro Jundiaí conter um painel que delinea não somente um bairro, mas **toda uma cidade embutida no coração de Anápolis** (IMAGEM ATUAL, 1986, p. 16-17). [grifo nosso]

Ilustração 23 - As legendas dizem: "Av. São Francisco: antes residencial, agora comercial" (à esquerda); e "Av. Contorno da Mato Grosso: o comércio predomina" (à direita).



Fonte: IMAGEM ATUAL (1986, p. 15-16).

Não bastando o vislumbrar da “imagem atual” do Jundiaí, a reportagem apresentou ainda as expectativas para o bairro no novo milênio:

Certamente aqueles de visão ampla estão apostando no Jundiáí como um grande centro desenvolvimentista, daqui ao ano 2.000. Os exemplos citados somam-se a muitos outros que fizeram de descampados verdadeiras metrópoles. **O Bairro Jundiáí já é uma cidade dentro de Anápolis, mas no ano 2.000 será uma metrópole moderna.** Muitos já viram isso e estão no Jundiáí, outros vão descobrir isso logo (IMAGEM ATUAL, 1986, p. 22). [grifo nosso]

Ilustração 24 - "Av. Minas Gerais: suas calçadas largas favorecem o comércio".



Fonte: IMAGEM ATUAL (1986, p. 17).

A intenção em formar e consolidar uma nova centralidade no bairro Jundiáí apresenta-se nos diversos discursos acerca do lugar, ao longo de sua história. Mas, conforme Jordi Boja, a concentração de atividades terciárias não produz automaticamente centralidade. Segundo o autor, “Somente a existência de espaços e equipamentos públicos, acessíveis, seguros, polivalentes, dotados de estética e de carga simbólica, quer dizer, culturalmente significativos, cria centralidade” (BORJA, 2001, p. 71). Ainda quanto à importância da significação dos lugares, Souza aponta-nos que

Não é só o espaço em seu sentido material que condiciona as relações sociais! Também as relações de poder projetadas no espaço (espaço enquanto território) e os valores e símbolos culturais inscritos no espaço (espaço como espaço vivido e sentido, dotado de significados pelos que nele vivem), tudo isso serve de referência para as relações sociais: barreiras e fronteiras físicas ou imaginárias; espaços naturais ou construídos que, por razões econômicas, políticas ou culturais, resistem ao tempo e às investidas modernizantes; imagens positivas ou negativas associadas a certos locais... (SOUZA, 2010, p.99).

Retomando a discussão de centro e centralidade urbana, questionamos em que medida o bairro Jundiáí representa a concepção de nova centralidade como muito se divulgou que seria, desde a década de 1980, como acompanhamos nas imagens da revista *Imagem Atual*. Hassenpflug apresenta-nos a importância dos centros a partir de três aspectos essenciais.

Os centros têm grande importância no provimento da forma urbana e de sua coerência. Eles tornam as cidades distintas e legíveis. Como preconizado pela Escola de Chicago, a saber, por E. Burgess e R. Park, o centro urbano é em princípio, o lugar com o maior significado simbólico, o solo mais escasso e a melhor

acessibilidade. A combinação destes aspectos torna os centros urbanos certamente os espaços mais caros da cidade (HASSENPFUNG, 2007).

O autor defende ainda que “O centro é um palco público. Ele é (ou reclama ser) espaço público, isto é, espaço que é (ou deveria ser) acessível para todos, para os ricos e pobres, os jovens e velhos, nativos e estrangeiros” (HASSENPFUNG, 2007). Trata-se então de uma acessibilidade não apenas física, mas subjetiva, já que, segundo Pereira, “O centro não está necessariamente no centro geográfico do plano urbano, como bem destacou Sposito (1991), mas sim o espaço que concentra as principais atividades e o nó do sistema de circulação, tendo um poder de atração/dispersão ao mesmo tempo” (PEREIRA, 2013, p. 4). Para este autor, a centralidade

resulta de processos dinâmicos que se apoiam e se revelam no território, como a localização de empreendimentos comerciais e de serviços, bem como imobiliários, voltados, sobretudo ao uso residencial, o que redefine continuamente a centralidade. A relação entre centro e centralidade apresenta-se, desse modo, de maneira inexorável e dialética, isto é, não há centro sem centralidade, como não há centralidade sem centro (SPOSITO, 2001, *apud* PEREIRA, 2013, p. 4).

Analisando a cidade contemporânea, vê-se uma nova forma de relacionar-se com seu(s) centro(s), porque “uma das características da urbanização planetária é a sua articulação com os processos de reestruturação econômica e espacial que redefiniram as maneiras de produzir e constituir a centralidade no espaço urbano” (PEREIRA, 2018, p. 140). Conforme Silva, “diferente das cidades antigas que por muito tempo estiveram estruturadas em torno de um único centro, e depois na cidade moderna onde as funções se separaram completamente”, com a dinâmica do zoneamento, “o que tem se estabelecido nos dias atuais é a cidade com múltiplas centralidades, plurifuncionais, com dominantes específicas” (SILVA, 2019, p. 31).

Portanto, apesar de o bairro Jundiaí não possuir significativa carga simbólica, ou mesmo traços de identidade e memória como o Centro Pioneiro<sup>18</sup> de Anápolis, os seus eixos de comércio e oferta de variados serviços públicos e privados tem conferido à área algum caráter de centralidade, traduzido em um espaço urbano de referência aos cidadãos. Voltando a citar Pereira, ele apresenta que “Estes espaços comerciais modernizados são produtores de centralidade” (PEREIRA, 2018, p. 253), concluindo que “A centralidade clássica, sobreposta ao centro da cidade, se mantém ante a produção de novas áreas com expressão de centralidade no espaço urbano” (*idem*, p. 422).

No bairro Jundiaí, um marco dos últimos anos foi a inauguração do Parque Ipiranga, que desde idealizado atraiu novos olhares e investimentos para o local, especialmente nas

<sup>18</sup> “para nos referir ao núcleo embrionário de Anápolis e onde se desenvolveu nos primeiros anos de sua existência, assim como define o seu Plano Diretor atualizado em 2016” (SILVA, 2019, p. 52).

áreas mais próximas ao parque, gerando alterações significativas na paisagem, e, principalmente, valorizando a imagem do lugar<sup>19</sup>. No final do ano de 2011, foi sancionada a Lei Nº 3.603, que institui o Hino ao Bairro Jundiaí (Anexo A), com letra do prof. Tiziano Mamede Chiaroti, demonstrando a intenção de criar-se uma identidade para o bairro. Nos versos, o autor faz referência “ao majestoso Parque Ipiranga”, e no refrão, lê-se repetidas vezes “Jundiaí, Jundiaí / É o símbolo da prosperidade”, reafirmando uma imagem urbana construída e constantemente reforçada no percurso de sua história.

Mas, contestando estes discursos, concordamos com Sánchez, na afirmação de que “o que é visto através das imagens não é uma realidade dada, objetiva, mas um conjunto de informações parciais, construídas a partir de uma determinada perspectiva, através de representações” (SÁNCHEZ, 2001, p. 35). Por isso, faz-se necessário questionar esta imagem dominante, que não condiz com toda a realidade percebida, mas que por força e repetição se faz verdade no imaginário dos indivíduos. Buscam-se outras perspectivas, que só aparecerão na experiência do lugar. Antes, porém, importa conhecer as propostas iniciais daqueles que idealizaram o espaço urbano tal como foi projetado.

### 1.3 O PROJETO DO BAIRRO JARDIM: DESENHO, *DESIGNOS* E DISCURSOS

Em resposta às expectativas da insurgente modernidade em Anápolis, o projeto urbanístico do novo loteamento apresentava as marcas de um desenho modernista, ao mesmo tempo orgânico e aparentemente livre de rigor geométrico (Ilustração 25). A planta, elaborada pelo engenheiro e urbanista João Alves Toledo, representando a *Companhia Serviços de Engenharia* de São Paulo, data de 1943 e faz referência ao conceito de *ciudades-jardins* de Ebenezer Howard (1850-1928). Um dos principais objetivos deste modelo urbanístico é combinar as características do campo e da cidade na busca de uma cidade ideal, preocupando-se ainda em formar núcleos urbanos autossustentáveis.

Na verdade, não há somente duas alternativas, como se crê – vida urbana ou vida rural. Existe também uma terceira, que assegura a combinação perfeita de todas as vantagens da mais intensa e ativa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia (HOWARD, 1996, p. 107).

Este conceito surge inicialmente na Europa, especificamente na Inglaterra, em 1902, e é adotado em outras partes do mundo, como nos subúrbios norte-americanos, chegando também ao Brasil, primeiro em São Paulo, e depois em diversos outros estados brasileiros,

---

<sup>19</sup>Sobre isso, discorreremos especialmente no capítulo 2, item 2.3.

sempre buscando trazer novas formas de habitar, muito voltadas aos padrões e modos de vida da classe média.

As ideias de Howard que começam a ser implantadas na Inglaterra no início do século XX também irão repercutir em todo o mundo, sendo no geral implementadas de maneira a justificar as críticas formuladas, pois se produziam subúrbios-jardins de qualidade variável para defender somente a melhoria do ambiente residencial da classe média alta (HOWARD, 1996, p.67).

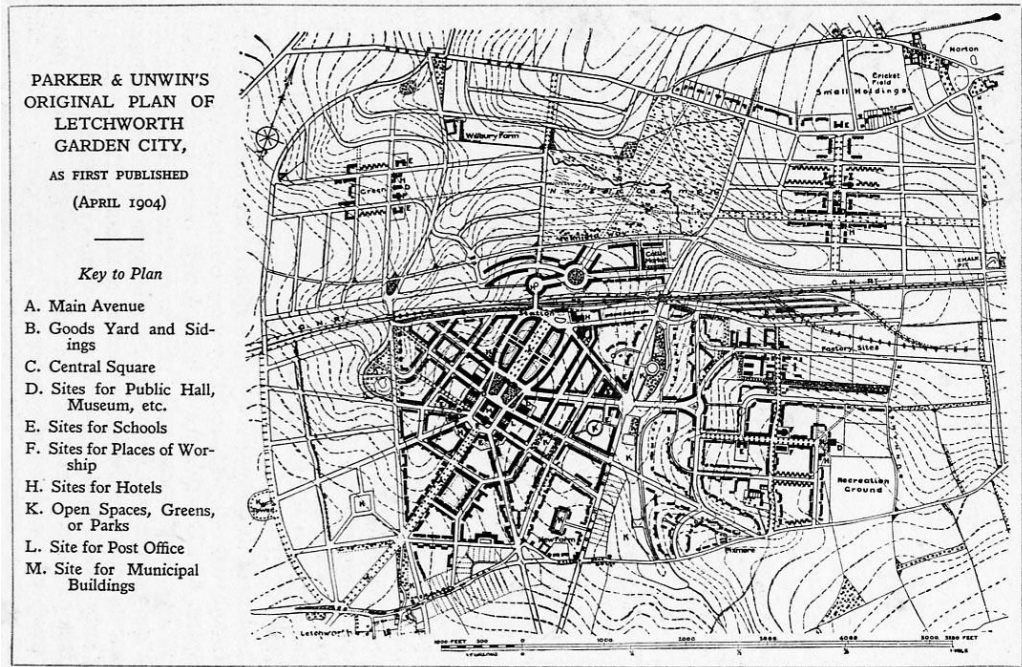
Ilustração 25 - Foto do jornal O Anápolis com planta do bairro, janeiro de 1945.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

No contexto brasileiro, destacam-se: São Paulo, com a Companhia City, em 1913; Rio de Janeiro, com o Plano Agache, em 1930; e, ainda, bairros residenciais de Belo Horizonte e Goiânia, especialmente o Setor Sul proposto por Armando de Godoy na revisão que fez do Plano de Atílio Corrêa Lima, de 1933, nos quais foram empregados sistemas similares aos das cidades-jardins inglesas, *Letchworth* (Ilustração 26) e *Welwyn Garden City*.

Ilustração 26 - Plano urbanístico de Letchworth, Inglaterra (1903), por Unwin e Parker.



Fonte: Google Imagens.

Todos estes planos possuem uma carga de conceitos de melhoramento da qualidade de vida e salubridade, através do contato com a natureza, materializada nos parques, praças e demais áreas livres, onde se poderia respirar um ar mais puro, em contraposição com o que a cidade pós-Revolução Industrial (no caso europeu) e o aspecto urbano tradicional (no caso brasileiro) ofereciam. Esse ideário reflete-se no desenho urbano a partir da concepção de uma malha viária sinuosa, com largas faixas arborizadas, e também com vias locais sem saída (*cul-de-sacs*) destinadas a gerar a socialização entre os habitantes de cada quadra, além da preocupação em criar uma paisagem agradável e dotada de qualidade ambiental. Conforme Howard (1996, p. 67), “o nome Cidade-Jardim vai dar algum status a vários empreendimentos da época”, e isso se apresenta no Bairro Jundiaí (Ilustração 27). Conforme Hassenpflug,

Houve uma travessia transatlântica reversa no conceito britânico de cidade-jardim. Howard a idealizou usando esquemas das cidades ideais do Renascimento e do Barroco. É por isso que os esquemas das cidades-jardim são fortemente radiais concêntricos, assim como o centro primário e os subcentros. Usou, além disso, a boa e velha tradição europeia quando promoveu os centros das cidades-jardim como centros comunitários e culturais, como lugares predestinados para serviços coletivos e atividades de vizinhança. Ao integrar o melhor das cidades e do campo em uma cidade num jardim e um jardim numa cidade, Ebenezer Howard encontrou o conceito-chave do urbanismo moderno. Desde então, todos os planejadores urbanos modernos procuram por uma boa mistura e boa organização espacial de aspectos urbanos e rurais, para superar as desvantagens ambientais, econômicas, sociais, espaciais e culturais da grande cidade industrial (HASSENPFUNG, 2007).

Apesar desse discurso romantizado, que diz propor a integração de aspectos urbanos e rurais, na prática nota-se que os planejadores e administradores das cidades não buscam esta

mistura; antes, desprezam, negam o aspecto rural desde os desenhos, quanto mais na apropriação do espaço construído (conforme o item 1.4 que segue).

Segundo dados do jornal *O Anápolis*, o projeto do bairro Jundiáí havia destinado 30% da área do bairro para *espaços públicos*, compreendendo, este número, “11,7% para parques, jardins e escolas, campos de esportes etc. e 18,3% para logradouros” (*O ANÁPOLIS*, julho de 1946, p. 5). As manchetes orgulhavam-se ao anunciar a presença de 12 praças, 17 avenidas, 64 ruas e alguns parques (Ilustração 28).

Ilustração 27 - Foto do jornal *O Anápolis* com propaganda do empreendimento, julho de 1946.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Ilustração 28 - Foto do jornal *O Anápolis*, julho de 1946.

**DADOS SOBRE O BAIRRO**

# JUNDIÁÍ

**Pense o Bairro Jundiáí 12 Praças — 17 Avenidas — 64 Ruas**

**PRAÇAS** — 1) Dom Emmanuel Gomes — 2) Praça da Estação — 3) Manoel de Macedo — 4) General Curado  
5) General Xavier de Brito — 6) João Teixeira Alvares — 7) São Francisco Xavier — 8) Felix de Bulhões —  
9) Senador Olegario Pinto — 10) Piloto Valoz — 11) Major Henrique Silva — 12) Hermogenes Monteiro

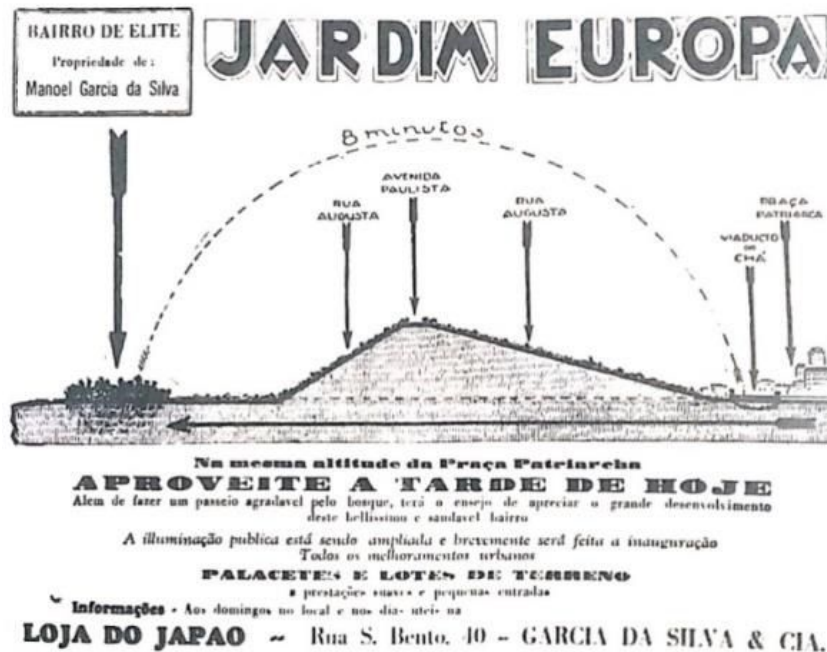
**AVENIDAS** — 1) Mato Grosso (Contorno) — 2) Pará (Contorno) — 3) Maranhão (Contorno) — 4) Rala (Con-  
torno) — 5) Bahia (Contorno) — 6) Bartolomeu Bueno — 7) Bartolomeu de Gusmão — 8) Santos

Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

A denominação de “lugar mais saudável da cidade”, devia-se, sem dúvida, ao número significativo de praças e parques que caracterizavam o assentamento original do bairro. Não somente nos projetos de revitalização de cidades industriais na Europa, mas em outras situações e lugares do mundo, a ideia da salubridade – geralmente relacionada aos *espaços públicos* e às *áreas verdes* (que não necessariamente são conceitos complementares) – foi e ainda é muito vendida.

No cenário urbano nacional, vemos que as primeiras décadas do século XX foram caracterizadas por transformações estruturais que geraram novas demandas habitacionais e de serviços urbanos, visando adequar as cidades tradicionais ao estilo de vida republicano. Entre os modelos urbanísticos adotados neste período para tais adequações, encontra-se, como já apresentado, o de *cidades-jardins* de Howard, implantado pela primeira vez na América Latina a partir dos novos bairros projetados em São Paulo para atender à crescente burguesia cafeeira: *Jardim América* e *City Lapa*, projetos de Barry Parker entre 1917 e 1919 (SEGAWA, 2002, p.22), seguidos de outros (Ilustração 29).

Ilustração 29 - Propaganda do bairro Jardim Europa em São Paulo, *Cia. City* (1928).

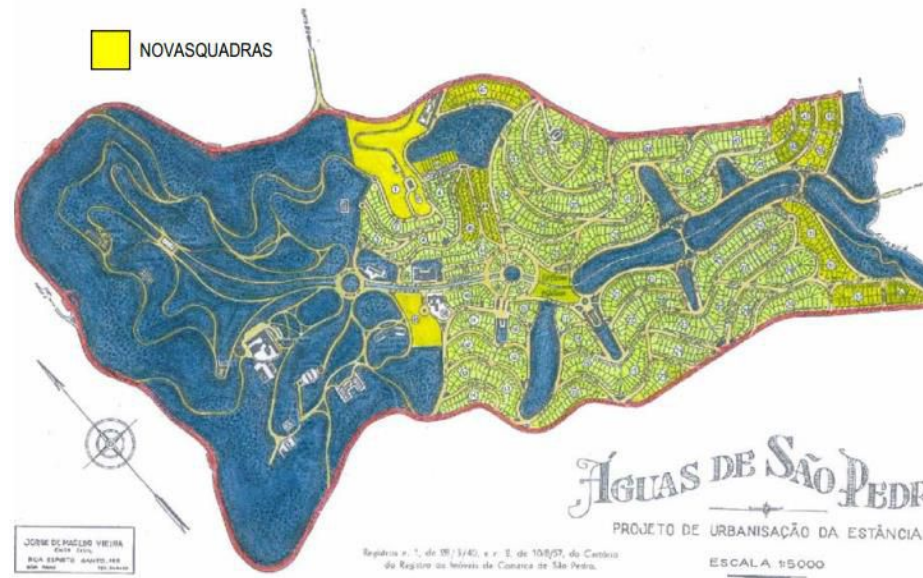


Fonte: SEGAWA (2002, p. 22).

Igualmente, no Rio de Janeiro, com a proposta de “Extensão, remodelação e embelezamento” (1930), de Alfred Agache, vemos a criação de cidades-jardins, especificamente na Ilha do Governador e na Ilha de Paquetá (MANSO, 2001, p. 206). Estes novos planos para o Rio de Janeiro e São Paulo inspiraram uma sequência de propostas para várias outras cidades brasileiras, tanto na criação de novos bairros ou subúrbios urbanos

voltados a classes elitistas, como no planejamento de novas cidades, como Águas de São Pedro, em São Paulo (Ilustração 30) e Maringá, no estado do Paraná (Ilustração 31), ambas planejadas pelo engenheiro civil Jorge Macedo Vieira, cujo desenho aproxima-se muito ao traçado proposto por Toledo para o bairro Jundiaí.

Ilustração 30 - Plano urbanístico da estância balneária de Águas de São Pedro – SP (1936), por Jorge Macedo, contendo acréscimos de quadras registradas em 1957.



Fonte: Bonfato (2003, p. 166).

Ilustração 31 - Plano urbanístico de Maringá – PR (1943), por Jorge Macedo.



Fonte: Google Imagens.

Também durante os debates do planejamento e construção de Goiânia, ficam claras as influências do modelo cidade-jardim, nas proposições de Armando Augusto de Godoy, especialmente quando idealizou a zona residencial do Setor Sul, em 1938, “seguindo o modelo de Radburn (cidade jardim norte-americana projetada por C. Stein e H. Wright, em

1928)” (MOTA, 2004, p. 26). O bairro ficou caracterizado pela presença de parques internos e demais áreas livres destinadas a atividades lúdicas e de convívio (MANSO, 2001, p. 224).

A planta do bairro Jundiáí, concebida pelo Dr. Toledo, trazia características que remetem ao padrão urbanístico citado. Observa-se então, um desenho orgânico, com hierarquia viária bem estabelecida, largas avenidas para os acessos principais e estreitas travessas para os acessos mais locais; a demarcação de quadras e lotes livre de padrões ortogonais rígidos, e uma porção de espaços abertos destinados a áreas verdes, ou simplesmente espaços coletivos intra-quadras para a convivência entre os habitantes, a realização de feiras livres (Ilustração 32) e demais atividades de troca. No recorte abaixo, nota-se a intenção de conferir ao traçado do bairro um aspecto inovador, diferente do que existia na cidade até então.

As ruas do bairro não obedecerão ao sistema comum de xadrez. Por isso adotaram-se ruas de 12, 18 e até de 25 metros de largura. As de 12 metros terão a pista de tráfego de 6 metros, suficientes para comportar duas filas de veículos; as de 18 e 25 terão a referida pista de 9 metros para três filas de veículos. De cada lado dos logradouros, entre os passeios, com largura variável entre 2 e 3 metros, construir-se-ão faixas gramadas e arborizadas (O ANÁPOLIS, 31/03/1944, s/p.).

Ilustração 32 - Recorte do Jornal O Anápolis, sobre feiras na Praça Dom Emanuel, set. de 1953.

**Vamos ter as Feiras Livres**

Soubemos de fonte segura que os produtores, chacareiros, etc., vão dirigir-se ao sr. Prefeito Municipal, solicitando permissão para estabelecerem feiras livres em Anápolis.

Uma vez que o pedido parte desses interessados e sabendo-se que há grande desejo do povo em que retorne essa prática que tantos benefícios presta às classes trabalhadoras, estamos certos de que o sr. Prefeito Municipal deferirá satisfatoriamente à solicitação que lhe será feita.

As feiras livres, ao que apuramos, funcionarão: às 3as. feiras na Praça Sto. Antonio, servindo a população do bairro Tiradentes; às 5as. feiras, na Praça Dom Emanuel, sita entre a Vila Santana e Bairro Jundiáí, e, aos sábados, na Avenida Getulino Artiga, servindo os bairros Santa Terezinha, Jardim Santana e imediações.

**Cooperativa Agrícola Mista de Anápolis Ltda.**

Fala-nos sobre essa instituição o sr. Edward Vellasco, um dos seus organizadores

A Cooperativa Agrícola Mista de Anápolis Ltda. está sediada em Anápolis, e sua sede de manteiga está bem aparelhada, feita de acordo com as exigências.

Fonte: foto da autora sobre acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Acredita-se então, que as decisões projetuais do traçado do bairro Jundiáí refletem o que se aplicavam nos planos de remodelação e expansão urbana das demais cidades brasileiras, na medida em que tinham um viés ideológico comum, relacionado à busca do progresso urbano. Conforme Segawa (2002, p. 23),

[...] há um vetor comum nas pontuais operações urbanas processadas nesse período: a apropriação de um repertório ideologizado de intervenção nas estruturas urbanas – o urbanismo como disciplina, tal como se codificava na Europa –, instrumento modernizador por excelência, uma tentativa de equiparação da cidade brasileira aos patamares europeus ou a procura de uma tênue modernidade à brasileira.

Além do proposto para as vias destinadas ao tráfego de automóveis, a preocupação em acompanhar o desenvolvimento econômico através da linha férrea continua presente, como se lê na mesma publicação: “Pretende-se também, alí, a construção de uma estação auxiliar da Estrada de Ferro Goiaz, cuja linha divide o bairro da cidade atual, o que virá facilitar enormemente a população jundiaense” (O ANÁPOLIS, 1944, s/p.). Esta foi realmente construída e inaugurada em 1951, recebendo o nome de Estação Engenheiro Castilho, em homenagem ao diretor geral do Departamento Nacional das Estradas de Ferro. Localiza-se não na área compreendida no desenho inicial do bairro Jundiaí, mas na Vila Jundiaí industrial, fronteira ao bairro Jundiaí. A edificação principal da estação é hoje usada como sede da Panificadora Escola, enquanto os galpões auxiliares sediam órgãos da Prefeitura Municipal.

Toda esta proposta idealizada no projeto do bairro Jundiaí não foi, no entanto, adotada fielmente na prática quando da edificação e urbanização da área. Busca-se agora, então, investigar o que de fato se manteve conforme o projeto e o que veio a ser descaracterizado pelos próprios agentes produtores do espaço.

#### 1.4 DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: ENTRE PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES<sup>20</sup>

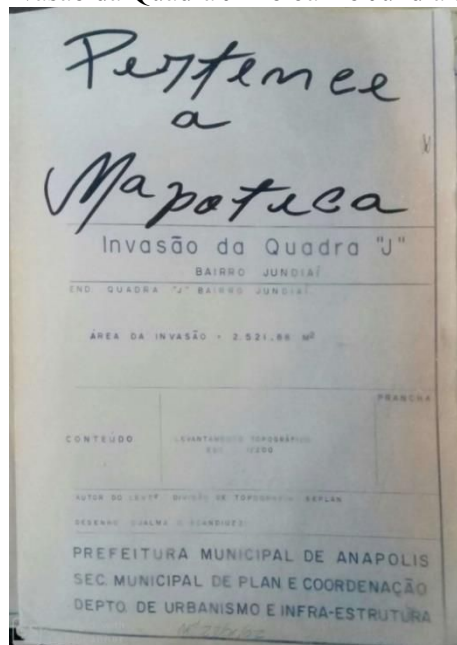
Entre a idealização do conceito do bairro e a sua ocupação, são percebidas grandes diferenças, que resultaram da forma como o espaço projetado foi realmente apropriado. Passados aproximados dez anos da inauguração do loteamento, o mesmo começou a receber alterações consequentes da instalação de estabelecimentos institucionais, de serviços de educação e hospitalares, e também da expansão de alguns lotes privados (Ilustração 33). Coube aos espaços públicos, tão midiáticos anteriormente, serem os principais alvos para a implantação destes novos investimentos, alguns de interesse público e, outros, privado.

[...] E assim, as praças daqui, que eram bonitas, foram todas incorporadas como terrenos doados para entidades diferentes. [...] Ali embaixo, perto da praça Dom Emanuel, tinha uma entrância em várias quadras, que foram apropriadas pelos proprietários de lotes. Fecharam e incorporaram ao loteamento da cidade. Então, assim, o bairro que era tão bonito com praças ficou mutilado por essas doações, porque a prefeitura não se interessou em embelezá-las, não tinha recurso, e a Companhia queria povoar. [...] Os miolos de quadras foram engolidos pelos proprietários dos lotes. Eram lugares onde havia feira, era aberta, como se fosse rua, uma rua que entrava ali e se realizava a feira. Os proprietários foram fechando, e a Prefeitura aceitando, e mudou todo o aspecto. Cada um foi ocupando o terreno de uma forma. Houve muita alteração, mutilação... Doavam os terrenos da prefeitura atoa (ASMAR, depoimento, 2015).

<sup>20</sup> A discussão deste item foi iniciada em 2016, em projeto de pesquisa desenvolvido através do PIVIC (Programa Institucional de Voluntariado em Iniciação Científica), sob orientação do prof. Dr. Patrick Zechin, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG.

Cabe aqui questionar como ocorrem estas concessões, doações e mesmo venda de bens públicos, que tem configurado também um debate contemporâneo em outros contextos urbanos. Na literatura do direito urbanístico encontramos que “A circunstância de um bem ser de uso comum, tal como a rua ou a praça, não significa que pertença ao povo; seu proprietário é a pessoa jurídica de direito público interno, que o entrega ao uso do povo, sem lhe transferir o domínio” (BUZAID *apud* SANTOS, 2000). Logo, o autor defende que “O povo não é titular do bem público de uso comum; é sim, o beneficiário.” (Idem). No entanto, considera-se fundamental que tanto o Estado como os demais agentes produtores do espaço urbano, demonstrem a preocupação de criar e manter estes espaços de uso comum como meios de promover a manifestação da vida pública, da cidadania e da própria humanidade (ARENDRT *apud* ABRAHÃO, 2008, p. 24-25).

Ilustração 33 - Projeto de “Invasão da Quadra J” no bairro Jundiáí. Área invadida: 2521,88 m<sup>2</sup>.



Fonte: foto da autora sobre acervo da Mapoteca Municipal.

Destaca-se, porém, que essa descaracterização do ideário do projeto de bairro-jardim através principalmente do apossamento de seus espaços públicos, não é um evento isolado, ocorrido apenas no Jundiáí; pelo contrário, já havia ocorrido em planos anteriores, como no Jardim América, em São Paulo:

Os espaços resultantes no interior das quadras seriam utilizados para uso comum dos moradores, como pequenos parques coletivos, confirmando assim o caráter social que Howard defendia para seu modelo urbano. Anos mais tarde, após a ocupação do loteamento, esta área ficou sem uso e sem cuidados necessários, levando a Companhia a parcelá-la e vendê-la como novos lotes residenciais (consequências: aumento do adensamento inicial proposto e descaracterização do conceito cidade-jardim, no que se refere à socialização do espaço urbano) (TREVISAN, 2014, p. 2010).

Outro exemplo da falta de apropriação adequada dos espaços públicos, buscando a aproximação da realidade urbana estudada, encontramos de forma visível no Setor Sul, em Goiânia. Também neste bairro, o projeto de Armando de Godoy – baseado no modelo da cidade-jardim *howardiana*, mas com referências que o aproximam mais dos subúrbios norte-americanos – foi descaracterizado em relação à proposta inicial, e as consequências espaciais produzem, ainda hoje, problemas urbanos de diversas outras ordens, como demonstram algumas reportagens do jornal *O Popular* (Ilustração 34).

Deve-se acrescentar, no entanto, que esta descaracterização do plano não foi um descaso por parte dos habitantes, mas uma inadequação do próprio plano urbanístico aos hábitos de morar daquela sociedade. Conforme Mota, “Mesmo quando se implantou o projeto as áreas livres não receberam nenhum tratamento e, dessa forma, não se constituíram como áreas verdes de parque” (MOTA, 1999, p. 7). Segundo a autora, a questão é que existe uma fissura entre o momento de concepção e o de apropriação do bairro:

Se no primeiro, Godoy criava o bairro residencial segundo o modelo dos bairros jardins, no segundo há uma sucessão de descaracterizações da proposta original que culmina na criação de um espaço onde o que seria motivo de qualidade diferencial - as áreas verdes públicas - gera, ao contrário, degradação espacial e social (MOTA, 1999, p. 11).

Ilustração 34 - Manchetes citam a inconclusão do projeto CURA.



Fonte: *O POPULAR* (04/08/2017 e 20/01/2019, respectivamente).

Apesar de várias tentativas de (re) urbanizar estas áreas, como o projeto CURA<sup>21</sup> na década de 1970, muitas destas foram privatizadas (tornando-se extensões das casas já existentes, áreas irregulares de depósito de entulho e lixo ou estacionamentos privativos, por exemplo), e as demais não foram absorvidas pelos habitantes locais como espaços ativos em seu cotidiano e estão também degradadas, visto que estes programas não envolveram

<sup>21</sup> Projeto Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada (CURA), “subordinado ao Programa de Complementação Urbana promovido pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), através da Carteira de Desenvolvimento Urbano – CDU. [...] Previsto para ser iniciado em 74 e concluído em 77 e concluído em 80. Mas mesmo após a sua conclusão as áreas livres continuaram ociosas.” (MOTA, 1999, p. 8-10).

efetivamente a população em todo o processo. Assim, as pessoas não usufruem adequadamente nem se empenham pela manutenção de tais áreas, pelo menos na maioria das vezes, porque não se identificam com elas, não fazem parte de seu modo de vida.

Portanto, questiona-se a aplicabilidade desse modelo urbanístico no meio socioespacial no qual foi proposto. Conforme Farias e Britto, “a imposição de uma nova ordem formal não é capaz, por si só de construir uma nova sociedade, visto que qualquer povo que vá ocupar um novo território levará consigo suas tradições, sua forma de morar anterior” (FARIAS & BRITTO, 2016, p. 10). Apesar disso, alguns destes locais ainda apresentam equipamentos e mobiliário urbano improvisados pelos próprios moradores (Ilustração 35), como formas criativas de driblar a deficiência estrutural destes espaços (FARIAS & BRITTO, 2016, p. 23), e por vezes são abrigos de expressões artísticas como o grafite, o lambe-lambe e outras formas de representação da arte urbana (Ilustração 36), demonstrando apropriação.

Ilustração 35 - Banco e canaletas de captação de água da chuva improvisados por moradores.



Fonte: FARIAS & BRITTO (2016).

Ilustração 36 - Grafite no miolo da Quadra F-38, e lambe-lambe no Bacião, Setor Sul.

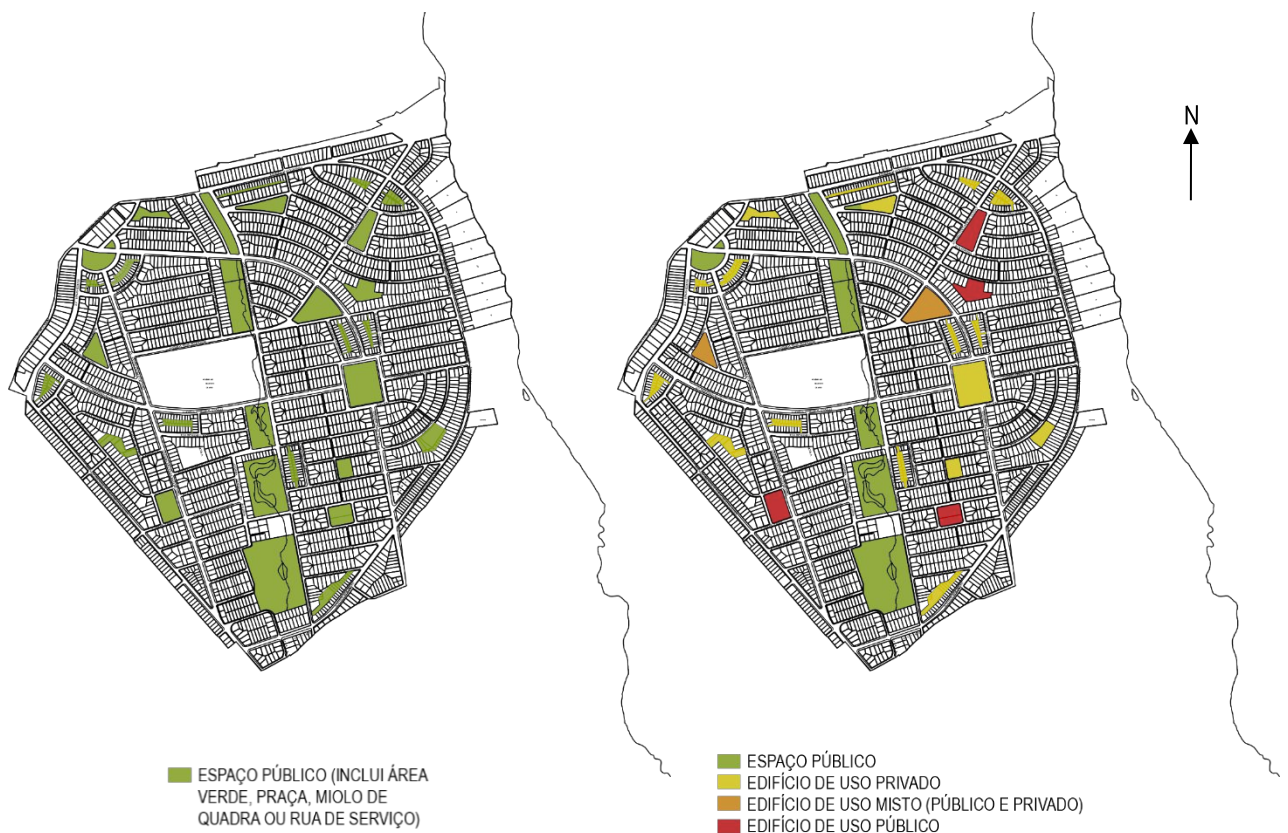


Fonte: NEVES (2018).

Voltando ao bairro Jundiaí, em Anápolis, a situação se repete, na medida em que os espaços originalmente destinados ao uso coletivo foram edificados, e, em sua maioria, apropriados para uso privativo (Ilustração 37), restando basicamente, a Praça Dom Emanuel, ponto de convergência entre o Centro Pioneiro e o bairro Jundiaí, e as praças no eixo do curso

d'água do córrego Ipiranga (mesmo canalizado e “invisível” na cidade), desde sua nascente no Clube Ipiranga, à Praça Abadia Daher. O que se tem então na prática é um abandono da ideia do bairro-jardim, ou a constatação da inadequação deste modelo urbanístico na sociedade e na época em que foi aplicado, ou ainda a tentativa de manter o *status* conferido por este conceito, sustentando-o nas áreas livres restantes. Apesar da aparente falência do ideal urbano, percebe-se o verdadeiro sucesso da imagem urbana construída a partir dele, que insiste em permanecer no imaginário ainda no presente, influenciando em boa medida a produção do espaço no bairro.

Ilustração 37 - Espaços públicos no plano original do Bairro Jundiaí (à esquerda) e a alteração do uso desses espaços, como resultado da apropriação (à direita).



Fonte: CABRAL (2016).

Como é possível ver nos mapas, apenas quatro dos espaços públicos apropriados tornaram-se espaços/edifícios de caráter público, em vermelho. Uma das antigas praças abriga atualmente o Feirão Coberto do Bairro Jundiaí e uma área de estacionamento; outra, o Colégio Estadual Padre Trindade; em outra, foram construídas duas escolas públicas, sendo uma da rede estadual e a outra, municipal (Ilustração 38); a quarta foi ocupada por três instituições públicas: uma Escola Pública, a Sede Regional do Ipasgo e um Posto de Saúde (Ilustração 39).

Ilustração 38 - Fotos do Feirão Coberto do Bairro Jundiáí, do Colégio Estadual Professor Heli Alves e da Escola Municipal Antônio Constante, respectivamente.



Fonte: <http://mariahelenareporter.blogspot.com.br> (acesso em nov./2016); e registros da autora em campo.

Ilustração 39 - Fotos da Escola Pública (de Professores), da Sede do Ipasgo e da Unidade de Saúde, respectivamente (as três instituições estão localadas na mesma quadra, antiga praça).



Fonte: Registros da autora em campo.

Outra praça foi utilizada para implantação da Santa Casa de Misericórdia de Anápolis (1946), que realiza atendimentos através do SUS – Sistema Único de Saúde – e particulares, considerando-se, então, como instituição de caráter misto, público e privado. E ainda outra praça, foi edificada para a construção de um Colégio Carmelita, de sistema conveniado, podendo-se dizer que possui um caráter misto, representado em cor laranja no mapa. Porém, o colégio não se encontra hoje em funcionamento, desempenhando a função de extensão da Santa Casa e do Hospital de Urgências desde 2014.

Ilustração 40 - Fotos da Santa Casa de Misericórdia e do antigo Colégio Carmo, respectivamente.



Fonte: Registros da autora em campo.

Dos espaços totalmente privatizados, em amarelo, destaca-se o interior da quadra 2, que foi ocupado para a construção do Colégio Gente Miúda/Crescer (1987), particular e de

alto custo, se comparado a outras escolas localizadas em outros pontos da cidade. Também foi privatizada a Praça General Curado, quase em sua totalidade, para a construção de um Colégio e de uma Igreja Adventistas, ambos os edifícios de caráter privado, utilizados restritamente pelo público a que atendem. Segundo moradora que reside próximo ao complexo adventista, quando ela se mudou para o local, por volta de 1967, a praça acolhia festas populares e religiosas, além de circos e parques temporários. Hoje resta apenas um resquício do que era a praça, com poucos bancos solitários.

Ilustração 41 - Escola Gente Miúda/Crescer; Colégio Adventista; Igreja Adventista e parte que restou da Praça General Curado depois da implantação do complexo educacional-religioso.



Fonte: Registros da autora em experiências de campo.

Ainda outra grande praça foi doada pela Prefeitura para o SESC, cujo acesso à Biblioteca, ao Clube e outras dependências destinadas ao lazer<sup>22</sup>, é restrito aos associados. Uma área destinada a um *playground* foi também loteada, e, por fim, uma praça que abrigava uma unidade da Faculdade Católica de Anápolis; atualmente há obras no local. Outros miolos de quadras, como o da quadra 15, ilustrado abaixo, e ruas de serviço, como da quadra 29, por exemplo, propostos como espaços públicos de convivência, onde se realizavam feiras (ASMAR, depoimento, 2015), foram incorporados ao loteamento preexistente e, portanto, tornaram-se espaços privativos, residências unifamiliares em sua maioria.

Ilustração 42 - SESC Anápolis; antigo acesso ao miolo da quadra 15; entrada da antiga rua de serviço na quadra 29 (atualmente dá acesso a uma casa), respectivamente.



Fonte: Registros da autora em experiências de campo.

<sup>22</sup> Compreendemos o lazer como um conceito caro às disciplinas de Turismo e Lazer, e cuja definição não chega a ser um consenso entre seus estudiosos. Mas como indicadores, temos que o lazer é composto por “atividades culturais, englobando os diversos interesses humanos, [...] podendo ser efetuadas no tempo livre das obrigações, [...] e são buscadas tendo em vista o prazer que possibilitam.” (MELO & ALVES JÚNIOR, 2003, p. 32).

Nota-se, então, que dentre os espaços inicialmente livres para uso público, a maioria foi aglutinada pelo loteamento, e, como residências particulares, assumiram caráter privativo, contrariando a proposta do projeto e a real finalidade dos espaços públicos. Apenas quatro tornaram-se dependências de uso público, e outros dois, edifícios de uso público e privado, considerados mistos aqui. Áreas antes totalmente acessíveis pelos cidadãos, espaços dedicados à convivência dos habitantes em sua diversidade, onde se promoviam feiras e outras atividades urbanas de caráter coletivo, estão interditados e/ou foram cedidos ao domínio privado, na grande maioria das vezes, limitando a interação entre os cidadãos, estabelecendo verdadeiras barreiras. Qual a qualidade espacial destes lugares se ainda houvessem praças ao invés de muros e cercas? (Ilustração 43). Conforme Tardin,

A configuração das edificações também é um determinante do caráter negativo dos espaços livres públicos urbanos quando, por exemplo, estas conformam verdadeiras barreiras, como muros que limitam diretamente os espaços livres, impossibilitando o acesso, seja físico ou visual (TARDIN, 2012, p. 59).

Ilustração 43 - SESC visto da Av. Santos Dumont.



Fonte: Registros da autora em experiências de campo.

Por outro lado, há espaços como ruas e estreitas vielas que, ao manter-se conforme o traçado proposto, pelo menos quanto às suas dimensões, configuram espaços que parecem abrigar manifestações criativas de grupos artísticos que apropriam-se e experimentam este espaço mais diretamente, como suporte para suas expressões pessoais ou coletivas (Ilustração 44). Há ainda outros “resquícios” daquele desenho urbanístico (Ilustração 45) que, talvez com algum tratamento paisagístico adequado ao seu tempo, teriam potencial para gerar ou cultivar as dinâmicas relacionais e de convivência sócio-espacial tão motivadas pelos idealizadores deste modelo de projeto. Mas, não parece haver este cuidado...

Ilustração 44 - Imagens da Rua Arlindo Costa, bairro Jundiaí. Lambes à esquerda.



Fonte: Registros da autora em experiências de campo.

Cabe aqui questionar em que medida a representação do bairro ideal nos moldes da cidade-jardim de Howard resistiu às transformações aqui apresentadas, já que o espaço urbano não reflete este discurso, que parece ter enfraquecido há bastante tempo. Conforme Pitanguy, “Na falta de comunicação entre as cidades desta cidade, entre os sonhos dos projetistas e aqueles dos usuários, entre o ideólogo e o sobrevivente, pode estar a distância entre o planejamento e a apropriação cotidiana do espaço” (PITANGUY, 1996, p. 127).

Ilustração 45 - Travessia de pedestres entre a Rua dos Carreiros (B. Jundiaí) e Avenida Dona Elvira (Vila Santa Maria de Nazaré); cul-de-sac para acesso local à quadra 69, respectivamente.



Fonte: Registros da autora em experiências de campo.

Outros autores afirmam que “o que se verifica é que a cidade planejada, ainda no papel, é uma e a cidade real, que vai se materializando no tempo, é outra” (RIBEIRO FILHO & LINS, 1996, p. 260). Então, se já não encontram-se na paisagem construída, em que lugar ou dimensão estão estas representações? Como os agentes produtores do espaço tem sustentado a imagem do bairro nos dias atuais? Quais as novas estratégias utilizadas para a formação de representações positivas e atraentes do lugar e para comunicá-las à população? O próximo capítulo propõe ampliar estas discussões.



Foto por Aline Araujo



## CAPÍTULO 2. A IMAGEM NA MEMÓRIA: O PROCESSO DE (RE)PRODUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO/NO BAIRRO JUNDIAÍ

*“A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 2012, p. 11).*

**Diário de bordo.** Costurando comentários e diálogos sobre o varal.

- É um bairro nobre, bem completo! Tipo Jaiara, que é bem completo também... Adoro essa Igreja [São Francisco]! Adoro a feira também, é bem popular. Gosto muito de comer pastel lá! Olha só, que vitrine bem posta... Gosto! Mas essa daqui sintetiza: a modernidade, os arranha-céus... É isso aí!

- Isso aqui é onde, meu Deus? Ah, a feira! Ótima, gosto demais! Tudo coisa boa aqui, né?

- Parque Ipiranga! Sempre que vem alguém da roça eu levo no Parque Ipiranga! Fazemos altas fotos lá, vídeos... Muito bom! Gosto dessas pinturas aí [murais do parque]!

- Pra mim, vejo como um bairro da elite.

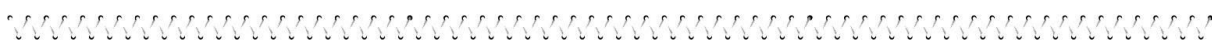
- Moro na [Vila] Santa Maria, bem pertinho. Mas já vou mudar pro Jundiaí.

- Jundiaí não é chique não, é só conversa do povo! [risos] Nós mesmo é simples e mora aqui [no Jundiaí Industrial, na verdade]. Pra mim é essa foto aqui da Santa Casa. Mas não atende bem não, viu?

- É um bairro diferente dos outros...

- Isso aqui nem sei onde é! [trecho de rua sem asfalto]

- Esse Jundiaí é bom! Bem desenvolvido... Jaiara também. Os dois são bem desenvolvidos...



No percurso do capítulo anterior, permeando a exposição dos fatos da história urbana de Anápolis e do bairro Jundiaí, foram citados alguns conceitos que sustentam teoricamente esta pesquisa. Neste segundo capítulo, apresentaremos de forma mais enfática esta abordagem conceitual, entremeada por diversas leituras interdisciplinares, priorizando autores que discutem o tema na contemporaneidade, de forma a atualizar e ressignificar os principais conceitos adotados aqui.

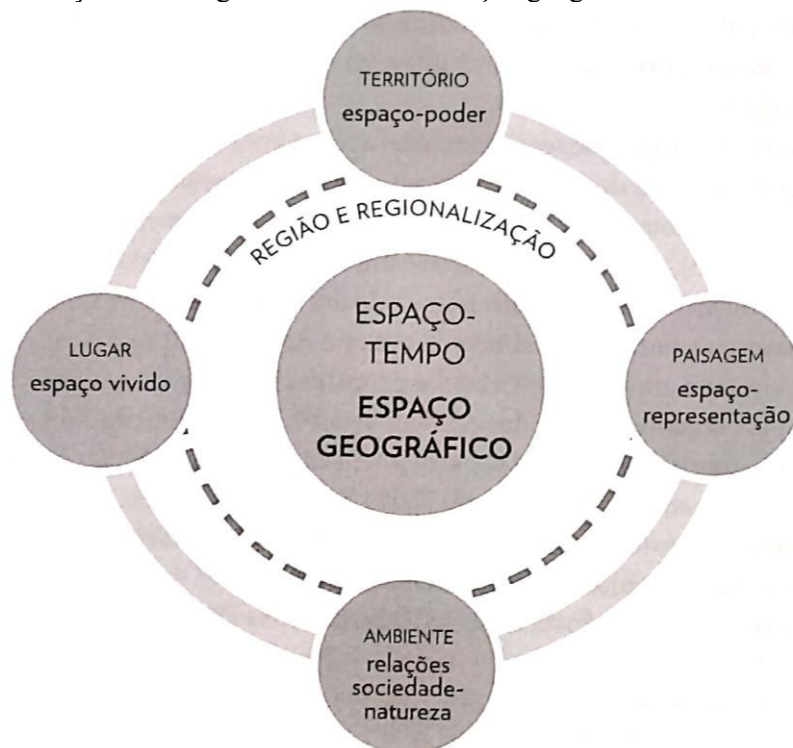
*Imagem, imaginação, imaginário e memória* serão apropriados como elementos importantes na produção e reprodução do espaço urbano, especialmente no contexto das cidades globais de hoje, que inspiram os modelos das demais cidades, constituindo ou destituindo valor aos lugares, recriando a estética arquitetônica e urbana, reinventando estilos de vida, hábitos, etc. Conforme Harvey, “Uma avalanche de imagens de diferentes espaços

que chega quase simultaneamente, sobrepondo os espaços do mundo em uma série de imagens na tela de um televisor... A imagem dos lugares e espaços se torna tão suscetível à produção e ao uso efêmero quanto qualquer outra” (HARVEY, 2007, p. 293).

Esta sobreposição de informações proposta por Harvey é o que nos cega, ofuscando a compreensão da “realidade”, o que leva-nos ao desejo da decodificação destas diferentes leituras, através do conjunto de nossos sentidos. Para tanto, é necessário investigar a construção das imagens dominantes e a atuação dos diversos agentes urbanos nesta produção imagética que se considera anteceder à produção espacial.

Na categoria do espaço, fala-se da produção de paisagens construídas, mas também de paisagens sociais, na medida em que sua definição extrapola à de uma paisagem meramente visual ou mesmo estática, considerando sua dinamicidade e a atuação dos sujeitos que produzem e reproduzem-na. Esbarramos também aqui no conceito de ambiente, como meio onde ocorrem trocas entre o homem e a natureza. Posteriormente, exploramos os conceitos de território e territorialidade, quando estão relacionados *espaço* e formas de *poder*. No último capítulo falaremos mais do *espaço vivido*, correspondente ao conceito de lugar em Haesbaert (2014), conforme o diagrama apresentado abaixo (Ilustração 46).

Ilustração 46 - Diagrama: “Uma constelação geográfica de conceitos”.



Fonte: HAESBAERT (2014, p. 34).

Recorre-se ainda ao debate da linguagem, especialmente sobre o discurso e o poder das construções verbais e não-verbais que compõem o imaginário urbano. Pallasmaa (2011, p. 22) coloca que, “A atual produção industrial em massa do imaginário visual tende a afastar a visão do envolvimento emocional e da identificação, e a tornar o imaginário em um fluxo hipnótico sem foco ou participação”. É neste mundo do imaginário que queremos adentrar, na intenção de atravessar as fontes de grande parte destas imagens produzidas e reproduzidas do/no espaço em questão, analisando o duplo papel do espaço urbano contemporâneo, como “lugar de consumo e consumo do lugar” (LEFEBVRE, 2001, p. 12).

## 2.1 IMAGEM, IMAGINAÇÃO, IMAGINÁRIO NO BAIRRO JUNDIAÍ

Afinal, de que *imagem* falamos aqui? Como definir *imaginação* e *imaginário* no contexto desta pesquisa? Para iniciar, pontuamos que estes três conceitos estarão sempre associados, desde a raiz linguística às relações socioespaciais nas quais atuam, conforme as leituras apresentadas. Começamos interpretando com Machado, que considera

Imaginários entendidos como construção social e histórica, e criação incessante e essencialmente indeterminada, de figuras, formas e imagens a partir das quais, somente, se pode falar do real. Cidade complexa, multifacetada, polissêmica, fragmentada, diferenciada: realidade que incita imaginários. Real e concreta, locus de sonhos, desejos, desígnios, desenhos. Espaço do imaginário, território da imaginação (MACHADO, 1996, p. 9).

Define-se então, que o imaginário que tratamos aqui, tem como *locus* a própria cidade, e atua entre o universo das coisas reais e concretas e o da subjetividade, porém, de forma não excludente. Segaud, quando investiga o *habitar*, afirma que “Na relação entre habitação e arquitetura, dois níveis de reflexão se enfrentam: o que se lê por meio de investigações, relativo aos usos concretos dos habitantes, e o da inovação doutrinal, portanto da produção de imagem” (SEGAUD, 2016, p. 222). Podemos dizer que o que se deseja aqui é atravessar estes dois níveis de reflexão de que fala a autora, compreendendo que em ambos encontramos a atuação da imaginação. Outro destaque em sua fala é a questão da produção de imagem, e, como produto, podemos questionar sobre quem a produz, para quem é produzida e através de que meios.

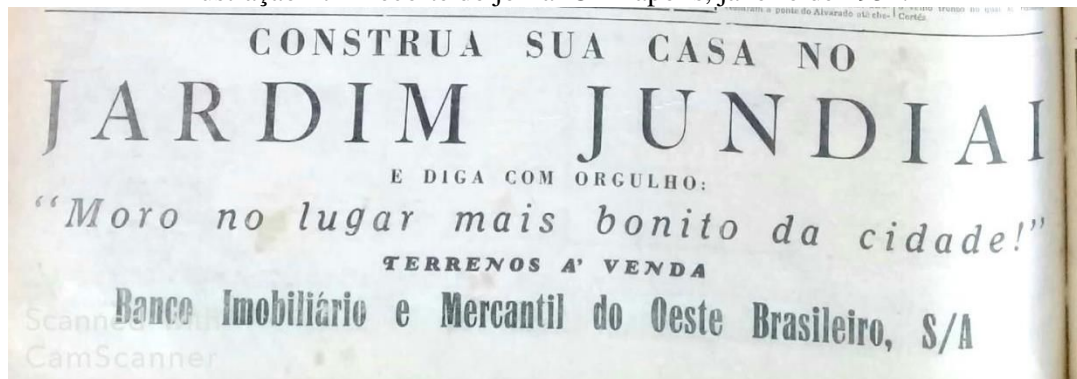
Em Ribeiro, lemos que “o imaginário urbano mescla-se a identidades e anseios sociais e, portanto, a trajetórias e objetivos de vida” (RIBEIRO, 1996, p. 58), termos que remetem à subjetividade, que é construída na costura de experiências urbanas coletivas e individuais. Chiavari apresenta assim a relação entre a cidade e a construção de imagens:

A imaginação é a faculdade do espírito, de evocar, criar e representar imagens. A ideia nasce do material virtual, conjunto de sabedoria e lembranças, percepções,

valores e formas gravadas e armazenadas na mente, que o contato crítico com a realidade resgata dando origem à imagem. A representação estabelece limites ao infinito movimento da razão e transforma a imagem em objeto, ao lhe dar uma forma. Na forma, está contida a história. [...] A cidade não é construída por imagens, mas ela surge, como cada uma de suas construções, a partir de imagens (CHIAVARI, 1996, p. 81).

Uma chave para interpretarmos a imagem urbana seria, então, a análise de suas representações, análise esta que pressupõe a percepção através de indícios corporais, especialmente os sentidos, dos quais predomina a visão, que, em conjunto, captam as diversas informações do meio e constroem as imagens dos ambientes. Segundo Ferrara, a imagem urbana é polissensorial, não se restringindo à imagem visual, é “uma representação construída cotidianamente pelos moradores, a partir da informação inferida da vivência de variáveis contextuais consideradas como elementos de informação urbana” (FERRARA, 1999, p. 71). Como visto no primeiro capítulo, a construção da imagem do bairro Jundiá se deu através do tempo, utilizando-se dos discursos publicados nos veículos de comunicação de cada época, especialmente pelos jornais locais, que insistiam em apresentar o bairro como “o lugar mais bonito da cidade” (Ilustração 47).

Ilustração 47 - Recorte do jornal O Anápolis, janeiro de 1954.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Conforme Kohlsdorf & Kohlsdorf (2005, p. 2), “a imagem mental forma-se por representação e interpretação pela memória de características morfológicas recolhidas na percepção; com esta, integra o modo de conhecimento sensível, que se apoia em informações captadas pelos sentidos humanos” (2005, p. 2). Nos dias atuais, cabe aos novos meios de comunicação reforçar a imagem urbana já criada, com representações e discursos cada vez mais apelativos, para fixar a ideia no imaginário e na memória social (Ilustração 48). As propagandas dos novos empreendimentos vem acompanhadas de dizeres como: “O melhor projeto, com o espaço, o conforto e a privacidade de uma casa, chega à melhor localização do melhor bairro de Anápolis” (Skyscrapercity, s/d.).

Ilustração 48 - Propaganda de novo empreendimento no bairro Jundiaí.



Fonte: Anúncio eletrônico (MIA, 2018).

Silva coloca que as imagens fascinam e convocam a visão e os outros sentidos para aliar o mundo imaginário e sensível:

A leitura das imagens é construtora de significados. [...] As imagens usualmente são condenadas pelo seu poder de fascínio e este poder é real. Contudo, elas, como tapetes voadores ou como o espelho de Alice, guardam uma camada de compreensão que nos joga para os universos do imaginário, do sensível, do faz de conta. Nesta imprevisibilidade da imagem, os outros sentidos podem ser convocados. Visão aliada ao tato, aos perfumes (SILVA, 2012, p. 116).

Este poder de fascínio da imagem, pode inclusive alterar a realidade dos fatos, condizer com ela ou distorcê-la. Conforme Pitanguy, “As imagens da cidade, visíveis e invisíveis, construindo e desconstruindo o real, estabelecem sua plasticidade, sempre aberta aos nossos olhares” (PITANGUY, 1996, p. 127). Imagens no plural justamente porque não existe apenas uma forma de imaginar um lugar, mas uma composição de imagens “visíveis e invisíveis”, mais ou menos presentes no imaginário social e na memória dos cidadãos, mais ou menos percebidas na vivência do espaço urbano, superpostas, de acordo com Ostermann:

A cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem: um livro de pedras construído, permitindo a formação de uma imagem. Para entender a imagem de uma cidade a partir do conceito de imaginação, podemos dizer que ela é construída da superposição de imagens gerais e singulares, objetivas e subjetivas, quer dizer, de imagens percebidas e imagens imaginadas (OSTERMANN, 1996, p. 161).

Entre as imagens percebidas e as imagens imaginadas, estão as representações, que exercem grande influência na imaginação do espaço. Novamente em Segaud, “as imagens e as representações tem por missão manifestar a riqueza, o prestígio, ou a consolação; nutrem-se e participam das relações sociais como um todo” (SEGAUD, 2016, p. 263). Acompanhadas de palavras ou não, tais imagens e representações sempre demonstram a intenção com a qual

foram produzidas, e ajudam a fixar ideias e significados sobre determinado objeto/sujeito a que fazem referência (Ilustração 49).

Ilustração 49 - Imagem gerada ao pesquisar por “bairro Jundiaí” no Google Maps.



Fonte: *Google Maps*

Nesta imagem do *Google Maps*, por exemplo, nota-se a intenção de conferir certa grandeza ao lugar, tendo adotado como referência um ângulo que possibilita uma visão mais verticalizada do bairro, apesar desta não ser dominante na paisagem, mas representar apenas uma região específica do bairro. A iluminação das ruas e no interior dos edifícios contrasta com o céu noturno, dando a impressão da dinamicidade do lugar apesar do horário do registro. Sabe-se, e como ainda iremos apresentar, que existem outras áreas do bairro que se comportam de forma bem diversa, mas esta seria a imagem-síntese que domina o imaginário social, interferindo nas relações sócio-espaciais. Concluimos com Souza que,

Portanto, o espaço é uma representação coletiva onde existe uma relação direta entre o mesmo e o comportamento social. Mas a representação social é basicamente construída pelo imaginário que uma coletividade elabora de si mesmo, a partir do estabelecimento de papéis e das posições sociais, exprime ou impõe crenças comuns e constrói códigos através de modelos formadores de ideia ou opiniões. Assim sendo, o imaginário social é uma das forças reguladoras da sociedade (SOUZA, 1996, p. 210).

É exatamente sobre forças reguladoras que a pesquisa seguirá tratando, tendo em vista a forte influência imagética dos agentes produtores do espaço urbano, e de sua ação na construção da paisagem.

## 2.2. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM INTENCIONAL E O SEU LUGAR NA MEMÓRIA COLETIVA DA CIDADE

Conforme discutido até aqui, a imagem urbana do bairro Jundiaí foi construída e solidificada com o passar do tempo. E quando se fala de tempo, remete-se logo ao conceito de

*memória*, e, enquanto memória urbana, deve-se passar pelas memórias individuais e também coletivas da cidade. Conforme Kevin Lynch, “todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações” (LYNCH, 1959, p.11).

Se cada cidadão, individualmente, carrega em si relações simbólicas próprias para cada lugar, podemos considerar a complexidade do conjunto que tratamos aqui como *memória coletiva da cidade*, fazendo-nos pensar num imaginário comum. Sobre estes termos, Lefebvre relaciona-os assim:

A imagem, a imaginação, o imaginário parecem mergulhar no fluxo temporal e prolongá-lo; no entanto, a essência do imaginário situa-se, talvez, na evocação, na ressurreição do passado, ou seja, numa repetição. Isso aproximaria a imagem da lembrança e o imaginário da memória, assim como do conhecimento (LEFEBVRE, 1991, p. 24-25).

Em busca de capturar essa memória coletiva que contenha a imagem hegemônica do bairro Jundiaí, recorre-se a depoimentos e entrevistas<sup>23</sup> com moradores do bairro, tanto os que estão ali desde os anos iniciais (década de 1940), como os que chegaram mais recentemente, e que por diversos motivos decidiram fixar-se neste lugar. Uma das entrevistadas, moradora desde 2003, fez este relato: “Eu nasci em Anápolis e morava no centro, mas a gente, desde pequeno, ouvia falar do bairro Jundiaí, que era *O<sup>24</sup> top*. E minha mãe era louca pra morar no bairro Jundiaí! Era engraçado, que não só a nossa família, mas várias pessoas, amigos, e até hoje a gente acha graça, porque o passeio da gente era passear no bairro Jundiaí” (SOUSA, entrevista, 2019<sup>25</sup>).

Um dos lugares que apareceu de forma unânime nas falas dos entrevistados como sendo o principal espaço de lazer na época é a Praça Dom Emanuel, que conforme disseram, possuía espelhos d’água, bancos de cimento e parquinho infantil, “pras crianças era a diversão! Então, era *O lugar* de passear na cidade, não tinha outro” (SOUSA, entrevista, 2019). Além do parque infantil, a praça abrigava também outros eventos públicos (Ilustração 50), característica que permanece ainda nos dias atuais<sup>26</sup>. Em outro momento da conversa, Sousa enfatizou novamente a questão do desejo de morar no bairro, apesar de ter alegado que se mudou para o bairro pela questão da acessibilidade às melhores escolas para os filhos:

<sup>23</sup> Para a realização das entrevistas, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás - UEG. O parecer do CEP encontra-se no Anexo B.

<sup>24</sup> A opção pela letra maiúscula aparece no texto sempre que a entrevistada deu mais ênfase ao falar a palavra.

<sup>25</sup> **Entrevista II** [set. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

<sup>26</sup> Com muita frequência a Praça Dom Emanuel torna-se palco de eventos da Prefeitura Municipal, como comemoração do aniversário da cidade, festivais de cultura e gastronomia, feiras de artesanato e atrações musicais gratuitas.

Minha mãe, o sonho dela era morar no Jundiaí. Moramos numa casa ali perto da Câmara; não era bairro Jundiaí ainda, mas minha mãe já ficou satisfeita! Amava a ideia de morar no Jundiaí... Engraçado que eu, quando mudei pra cá, mais em função da praticidade, não deixei de trazer essa satisfação. Minha mãe ficou satisfeita de eu morar aqui, porque eu estava morando MUITO bem! É *O lugar*, onde as coisas acontecem na cidade (SOUSA, entrevista, 2019).

Ilustração 50: “Concerto evangélico na Praça D. Emanuel”, 1986 (à esquerda); Festival Gastronômico e Cultural como parte da comemoração dos 105 anos da cidade, 2012 (à direita).



Fonte: IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 19) e ANÁPOLIS (2012), respectivamente.

Outro entrevistado, morador do bairro há cerca de 57 anos (aproximadamente em 1962, segundo relatou), diz ter se fixado ali por trabalhar no Colégio São Francisco, como um dos primeiros professores e, logo depois, diretor da instituição. Ele e seus familiares (esposa e filha presentes, que também lecionaram lá por vários anos) consideram o colégio como a maior referência do bairro. Em sua fala apareceu a questão, apresentada no capítulo anterior, da alteração de usos do Jundiaí, tornando-se um bairro misto<sup>27</sup> e assumindo para si a imagem de “independente”, “autossuficiente”. As intervenções de sua filha durante a entrevista foram colocadas para apresentar a percepção de ambos:

**Sr.:** Houve uma mudança muito grande aqui, no sentido de transformar uma coisa que era essencialmente residencial em comércio; tudo quanto é tipo de atividade comercial tem no bairro.

**Filha:** É um bairro independente.

**Sr.:** É como se fosse uma pequena cidade aqui, que também não é tão pequena assim. Eu até comento o seguinte: eu não consigo viver fora daqui. Eu gosto disso aqui e é muito.

**Filha:** Quando a gente saiu da [avenida] São Francisco, nós viemos aqui pra Pinheiro Chagas em três casas diferentes, só nessa rua...

**Sr.:** Se eu não gostasse tanto, eu já teria mudado; mas se não mudei até hoje...

(ARANTES, entrevista, 2019<sup>28</sup>).

Um pouco mais tarde, a esposa do professor também intervém na entrevista, e em sua fala é possível perceber um forte sentido de pertencimento ao bairro: “A gente é vigilante

<sup>27</sup> O termo misto neste caso refere-se aos diversos usos, como o residencial, comercial e de prestação de serviços.

<sup>28</sup> **Entrevista III** [set. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

desse patrimônio aqui. Ninguém põe a mão! Ninguém muda nada: tem que deixar o prédio [do Colégio São Francisco] do jeito que é, deixar o pé de pequi, deixar as caraíbas; e se ver alguém mexendo a gente corre lá e briga!” (ARANTES, entrevista, 2019).

Ilustração 51: Na legenda da foto: “É impossível falar do Bairro Jundiá sem falar no Colégio São Francisco de Assis. Pioneiro na educação em Goiás.”



Fonte: Revista IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 21).

Também Santos<sup>29</sup>, morador da Avenida São Francisco, foi atraído ao bairro Jundiá pela proximidade do Colégio São Francisco, onde havia matriculado seus filhos na época, há 42 anos. Ao conversar com ele, identificamos novamente a ideia da independência do bairro:

Aqui era um vazio; era uma casa aqui e outra ali. Hoje já tem o posto de gasolina, tem bancos, muitas farmácias, tem supermercado, então é um bairro que tem tudo! Você só vai lá no centro se quiser mesmo, mas é um bairro que tem tudo, eu gosto disso aqui. É um bairro alegre, você chega aqui tarde da noite e tem movimento, entendeu? (SANTOS, entrevista, 2019).

Quando questionado sobre o desenho urbano do bairro, foi rápido em responder com uma crítica que reforça a questão que também já colocamos anteriormente, acerca do plano que, apesar de toda a bagagem técnica modernista da *cidade-jardim*, nunca foi concretizado como previsto no espaço urbano, certamente por não ser adequado àquela sociedade e época:

Foi mal planejado. Segundo falam, numa imitação muito grosseira das Superquadras de Brasília, eles fizeram em volta os lotes e deixaram um espaço no centro pra ser comunitário, mas aí o pessoal foi avançando e hoje já é tudo legalizado. Cada confrontante pegou um pedaço. Nunca chegou a funcionar. Não sei antes, mas quando chegamos já não existia o espaço. Já comprei o terreno da maneira que está. (SANTOS, entrevista, 2019).

<sup>29</sup> **Entrevista IV** [set. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

Diferente de Arantes, Santos cogita deixar o bairro, com intenção de ter um lote mais espaçoso para plantar o que quiser. Mas sua esposa aparentemente não concorda muito com a ideia:

Já cresceu muito [o bairro], além do que nós queríamos; uma movimentação muito intensa certas horas... Não dá pra sair determinadas horas aqui tranquilo. Por isso que nós estamos namorando um lote ali no Anápolis City30, numa rua sem saída, agradável, silenciosa... – *Mas eu gosto disso aqui.* [esposa intervém] – Eu quero sair daqui, ela não. Porque eu gosto de plantar, e aqui quase não tem espaço; queria uma horta, um pomarzinho... (SANTOS, entrevista, 2019).

Ilustração 52 - Fotos com os entrevistados Arantes e Santos, respectivamente.



Fonte: registros da autora durante entrevistas.

Com outra entrevistada, fez-se presente a ideia da independência do bairro: “Então, lá eu acho que já está independente, porque tem agências de banco, tem feira, hospital, cartórios, advogados...” (NUNES, entrevista, 2019<sup>31</sup>). É interessante notar que a maioria dos entrevistados justifica a imagem da autossuficiência com base nos estabelecimentos de comércio e serviços oferecidos. Mas será que isso é suficiente para qualificar um bairro como novo centro ou ainda como um setor independente do centro pioneiro? Nunes continua seu relato e, apesar de não morar mais no bairro por opção do marido, ela fez lembrança da época em que viveu lá:

Era muito tranquilo. Não tinha tanto movimento, os meninos brincavam na rua, não tinha ainda aquelas escolas que tem hoje. Lá era seguro, não tinha ladrão, não tinha assalto, morei lá no tempo que o padeiro passava de madrugada, botava o pão numa sacola, ficava no alpendre. As casas eram todas de murinho baixo, não tinha grade nem cadeado no portão, não tinha nada (NUNES, entrevista, 2019).

<sup>30</sup> Bairro adjacente ao Jundiaí, onde se localizam a Vila Militar e a Vila dos Sargentos da Base Aérea. O restante do espaço do bairro é caracterizado, em sua maioria, pelo mesmo caráter de vila, com ruas fechadas e guaritas, a estilo dos novos condomínios horizontais.

<sup>31</sup> **Entrevista VI** [out. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

Ilustração 53 - Exemplos de casas com muros baixos e alpendres, das que ainda restam hoje.



Fonte: registros da autora em experiências de campo (Rua Silva Souza).

Em entrevista com a senhora Rocha<sup>32</sup>, moradora de região limítrofe ao Jundiáí, hoje considerada<sup>33</sup> como Vila Santana, ela reafirma a mudança de caráter do bairro:

Eu gostei muito daqui. Eu custei acostumar no bairro, porque eu achava que era longe do centro. Mas o meu marido falava “Não, você vai de carro, coisa e tal...”, mas logo eu aprendi a ir até a pé, passava aqui pela prefeitura, porque eu gostava muito de ir no centro pra olhar as vitrines de manhã... roupa, calçado... Mas eu gostava de ir assim, bem cedo. E mercado, não tinha UM mercado por aqui. Ih, mercado era longe! Tinha pouca coisa, né? Tudo a gente ia no centro! Aí depois passou anos, veio supermercado, foi vindo né, hoje tem tudo, né? (ROCHA, entrevista, 2019).

Ilustração 54 - Fotos da entrevista com Rocha: ela em sua cozinha, e a sala de estar. Casa projetada na década de 1960 carregada de elementos modernistas.



Fonte: registros da autora durante entrevista.

Diante do tema da segurança, a maioria dos entrevistados concorda que se sentiam mais seguros no passado, e que o Parque Ipiranga, apesar da valorização que gerou para o bairro [mais sobre isso no item 2.3], que eles consideram vantajosa, trouxe também novos grupos sociais para a área, cuja presença parece incomodar os antigos moradores:

<sup>32</sup> **Entrevista VIII** [nov. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

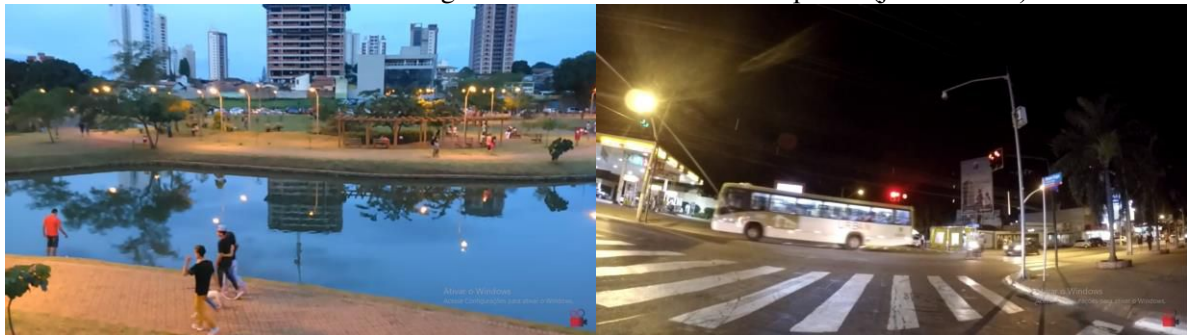
<sup>33</sup> As revisões do Plano Diretor Municipal (2011 e 2016) alteraram a delimitação do bairro Jundiáí no mapa da cidade, apesar de alguns endereços ainda constarem o nome do bairro, assim como para a população. Exemplo disso é o “Campus Jundiáí” como é ainda conhecido o Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG, apesar de estar agora nos limites da Vila Santana, limítrofe ao Jundiáí.

É um bairro nobre, mas tem muita violência, principalmente depois do parque [Ipiranga]. Porque é droga, é roubo e, assim, não é à noite só não! Dia de domingo, por exemplo, se você vier aqui no fim da tarde, você vai ver pessoas de outros bairros distantes que vem pra usufruir, que é o direito deles. Segunda feira de manhã, fazendo caminhada no parque, você tropeça em lixo; as lixeiras estragadas, os banheiros eles tiveram até que isolar... (ARANTES, entrevista, 2019<sup>34</sup>).

Santos também comenta sobre isso em sua fala: “As terras vizinhas [ao Parque Ipiranga] tiveram grande valorização, foram prédios e mais prédios, porque o parque é um atrativo a mais, né. Tem gente da periferia que vem pra cá. Já vi uns rapazinhos...” (SANTOS, entrevista, 2019).

Outro depoimento interessante, foi com o administrador de um canal do *YouTube*, que faz filmagens do espaço urbano de Anápolis e de eventos e manifestações culturais da cidade, inicialmente para registrar para familiares que mudaram-se para o exterior. Ele não mora no Jundiaí, mas, entre os vídeos do canal, notamos certa predileção em registrar as ruas do bairro (25 vídeos) em diferentes períodos do dia, especialmente o Parque Ipiranga, que segundo ele, “é um *dos melhor lugar que tá tendo pra filmar*”, pois “falta entretenimento na cidade” e, em sua opinião, o Parque tem suprido isso (*FILMAGENS*, entrevista, 2019<sup>35</sup>).

Ilustração 55 - Captura de tela de dois vídeos do Canal: “Time Lapse Parque Ipiranga” (abril de 2016) e “Bairro Jundiaí e Colégio São Francisco à noite Anápolis” (jun de 2016).



Fonte: *FILMAGENS 1080P A 4K (YouTube)*.

Quando questionado sobre o que o bairro representa para ele, respondeu:

Bairro Jundiaí me vem classe monetariamente mais alta. Sei lá. Pessoal fala: “pessoal da alta”, né. Jundiaí, o que vem na sua cabeça? Vem o quê: vem luxo, né, gente rica, carro bonito, moto bonita, gente bonita, os *prédio bonito* tudo é pra cá, *os condomínio mais caro* é pra cá também, aluguel... [...] Aqui você também vê mais polícia, né. Mas só que aqui tem mais ocorrência. *As maior ocorrência* é aqui, de roubo e de tudo. Aqui no Jundiaí tudo é mais, né? Tudo *o primeiro* é aqui. Asfalto é aqui, *eles fala*; as lâmpadas de led que o prefeito tá trocando... tudo é aqui. Porque eu acho que, por ser um bairro de poder aquisitivo maior, é mais visto, né, que os

<sup>34</sup> Fala da filha do professor Arantes durante entrevista.

<sup>35</sup> Entrevista concedida por *FILMAGENS 1080P A 4K (Canal do YouTube)*. **Entrevista I** [jun. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

outros. [...] Porque eu vejo também analítica: sempre os vídeos aqui do Jundiaí tem mais visualizações do que os outros bairros (*FILMAGENS*, entrevista, 2019<sup>36</sup>).

Considerando os recortes de jornais e as entrevistas, supomos que a repetição destas informações que qualificam o bairro é que tem afirmado e reafirmado a sua imagem urbana até então. Porém, nem sempre estas afirmações representam tudo o que se poderia dizer sobre este lugar. Em alguns informativos de jornais da década de 1950, em notas mais discretas que as manchetes que proclamavam o “bairro nobre, saudável e pleno de qualidade de vida”, é possível encontrar realidades de conflito e problemas relacionados à precariedade urbana, e que destoam desta interpretação hegemônica (Ilustração 56).

Ilustração 56 - Recorte do jornal O Anápolis, abril de 1958.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Apesar disso, porém, resistiram no imaginário urbano as imagens positivas do bairro, fixando-as na memória coletiva, como ouvimos nos relatos orais. De acordo com Ostermann, a imagem de uma cidade não é formada apenas pelos seus aspectos geográficos e socioeconômicos, “ela se forma também de outras imagens que compõem seu passado e o presente de sonhos. Sempre existe algo de obscuro no mundo das imagens, que tornam encantadas uma cidade” (OSTERMANN, 1996, p. 162).

Portanto, a imagem de um lugar, em sua subjetividade, pode confundir nossa interpretação sobre ele, na medida em que generaliza, condiciona, ou não revela a totalidade

<sup>36</sup> Entrevista concedida por *FILMAGENS 1080P A 4K* (Canal do YouTube). **Entrevista I**. [jun. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

do sujeito em questão. Colusso defende a ideia de que “As cidades não contam histórias, elas podem nos contar algo sobre a história; elas podem preservar e mostrar seu histórico, torná-lo visível ou ocultá-lo. Elas podem abrir os olhos, como acontece nos filmes, ou fechá-los. Elas podem devorar ou nutrir a imaginação” [tradução nossa] (COLUSSO, 1998, p. 14). Concordando com o autor, entende-se que a cidade pode tornar sua história visível ou ocultá-la, e isso se dá através da opção por imagens carregadas de intenções que, quando evocadas através da memória, misturam realidades diversas, escondendo outras.

Nos recortes apresentados na Ilustração 57, por exemplo, leem-se notícias que apelam à desesperança diante dos problemas cotidianos do bairro, com expressões como: “Poeira infernal”; “Correria desenfreada”; “Por isto, não sabemos como vão ficar as coisas naquele setor de nossa cidade” (ambas no recorte à esquerda). Na foto da direita, vê-se ainda que os próprios moradores tiveram que tomar providências diante dos danos no arruamento da avenida: “foram convocados todos os moradores do Bairro Jundiá para um mutirão geral que, como de praxe, terminará com um grande ‘pagode’ numa das praças do importante bairro”.

Ilustração 57 - Recortes do jornal O Anápolis, em maio de 1958.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Graças à lembrança destes registros, aprende-se que a vida cotidiana do bairro não reproduzia fielmente a imagem de nobreza ou de alto *status* que se pretendia e ainda pretendia-se conferir ao lugar, revelando as situações de precariedade e também os momentos de lazer informal dos habitantes, como o pagode para encerrar o mutirão. Arantes Neto afirma que “lembranças são experiências retrabalhadas, conservadas, transformadas, amalgamadas em sonhos, e escrever sobre elas é realizar explorações que cruzam inevitavelmente diferentes planos de realidade” (ARANTES NETO, 2000, p. 19). Também em Pallasmaa, encontramos esta discussão, que une imaginação, memória, e novamente a percepção:

Temos uma capacidade inata de lembrar e imaginar lugares. Percepção, memória e imaginação estão em interação constante; a esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia. Continuamos construindo uma imensa cidade de evocações e recordações, e todas as cidades que visitamos são ambientes desta metrópole que chamamos de mente (PALLASMAA, 2011, p. 64).

Também no presente é possível encontrar algumas leituras que divergem da imagem hegemônica que prevalece no imaginário coletivo<sup>37</sup>, mas esta última insiste em ter o domínio sobre a memória do lugar, tornando-se referências para as decisões urbanas, devido à *avalanche de imagens* (HARVEY, 2007) que repetem sempre a mesma ideia. Novamente em Arantes Neto, tem-se que “as paisagens são criadas pela ação humana e, ao se tornarem referências de tempo-espaço para as ações e experiências compartilhadas, elas por sua vez realimentam o processo histórico” (ARANTES NETO, 2000, p. 84). Por fim, Pallasmaa (2011, p. 68) coloca que as nossas lembranças de determinados espaços tornam-se nossa identidade, participam de nossa existência:

Uma memória incorporada tem um papel fundamental como base da lembrança de um espaço ou um lugar. [...] Em experiências memoráveis de arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem em uma dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes de nossa própria existência.

Por isso, a aproximação com a memória coletiva se fez importante para se compreender o caminho que conduziu ao que se tem por imaginário do bairro Jundiaí hoje, e como isso é reforçado pelas intervenções atuais no espaço urbano, como se apresenta a seguir.

### 2.3 NOVOS AGENCIAMENTOS URBANOS E O REFORÇO DA IMAGEM NA PAISAGEM

Tendo em vista o que já foi apresentado sobre a *imagem, imaginação e imaginário*, deseja-se compreender em que medida as relações socioespaciais são afetadas por eles, já que, de acordo com Silva, “é estreita a associação entre paisagem e imagem” (SILVA, 2012, p. 115). Depois de conhecer a história do bairro Jundiaí desde sua idealização em 1943, evidenciando os discursos jornalísticos que sustentaram a imagem de um lugar promissor, com vocação para representar uma nova centralidade urbana, além de traçar o percurso da memória com o auxílio da história oral, chega-se ao momento presente, no qual se acompanha um desenvolvimento imobiliário concentrado, especialmente, nos arredores de uma intervenção urbana que apareceu em diversas falas: o Parque Ipiranga.

---

<sup>37</sup> Sobre estas outras leituras, trataremos especificamente no terceiro capítulo.

Inaugurado em 2010, o Parque é considerado o melhor da cidade, sendo referido, pelo próprio governo municipal, como o cartão postal de Anápolis (ANÁPOLIS, 2012). Nota-se que o bairro Jundiá tem passado por significativas alterações socioespaciais desde então, as quais estão aliadas à valorização imobiliária consequente das novas dinâmicas que a implantação do parque tem ocasionado nesta área. Tais transformações tem contribuído para a construção de uma nova paisagem.

Ilustração 58 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.



Fonte: *OPUSIC*.

Quanto a isso, Moreira & Silva (2012, p. 3) afirmam que “O termo paisagem possui um significado mais amplo e complexo do que apenas o valor estético, referindo-se a tudo que a vista abarca, a ambientes construídos ou naturais, mas também é composta por elementos intangíveis e inclui valores e significados”. Trata-se aqui, portanto, não somente de uma paisagem visual, mas de uma paisagem cultural, ou socialmente construída, conforme determinam as dinâmicas territoriais no âmbito urbano, que transformam as relações entre o ser humano e o seu meio. Milton Santos define a paisagem como “aquilo que a vista abarca”, apesar de formar-se não apenas de volumes, como de cores, movimentos, odores e sons (SANTOS, 1997, p.61). Portanto, a dimensão perceptiva insiste em fazer parte do debate:

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato (SANTOS, 1997, p. 62).

Para Kevin Lynch, a paisagem desempenha uma função social, na medida em que forma um “sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção de ideias e da história do grupo”, permitindo a comunicação dentro dele (LYNCH, 1959, p.140). Já em Bley, encontra-se um conceito de paisagem que incorpora o sujeito como um agente importante em seu meio:

A paisagem também não é simples objeto em face do qual o sujeito se situa em relação de exterioridade. Nela sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas, também, porque o sujeito está envolvido pela paisagem. Em outras palavras, o sujeito está dentro da paisagem (BLEY, 1996, p. 125).

Conforme Dittmar & Hardt, a paisagem é produto do acúmulo de diferentes períodos temporais, sendo considerada como construção histórica, com uma carga de significados e memória, transparecendo impressões passadas, “tempos diferenciados acumulados”. Assim sendo, “a paisagem não é um fato, mas um processo, uma história de movimentos, apropriação e uso” (DITTMAR & HARDT, 2007, p.239). Segundo Hardt & Hardt,

Em um conceito amplo, a paisagem pode ser interpretada como combinação dinâmica de elementos naturais (físico-químicos e biológicos) e antrópicos, inter-relacionados e interdependentes, que, em determinado período de tempo, espaço e momento social constituem um conjunto único e indissociável, equilibrado ou não, em permanente evolução, produzindo percepções mentais e sensações estéticas, como um "ecossistema visto" (HARDT & HARDT, 2007, p. 3).

De acordo com Schwrez, que entende a paisagem em sua pesquisa como “a manifestação de relações objetivas e subjetivas do indivíduo e da sociedade em determinado espaço”, a dimensão concreta e subjetiva (cultural sentimental e simbólica), estão diretamente associadas neste conceito. Para ele,

A paisagem, assim, é indissociável de seu sentido temporal, pois é mutável pela interação ativa e criativa das instâncias citadas. A paisagem admite, sob este argumento, dimensões que são perceptivas e até mesmo políticas que influenciam simbólica e concretamente a configuração do espaço [...] (SCHWREZ, 2017, p. 28).

Diante dessas falas, analisa-se o Parque Ipiranga como produto de uma decisão política que reconfigurou tal espaço na dimensão da paisagem. Sabe-se que existe uma estratégia ecológica (pelo menos inicialmente) com a sua implantação, no concernente à preservação do curso d’água ali existente, o córrego Ipiranga – cujas nascentes localizam-se no Clube Ipiranga<sup>38</sup> – e de suas matas de galeria, a vegetação que compõe o ecossistema às suas margens, ainda composta por algumas espécies nativas do bioma Cerrado, e outras ali implantadas.

Mas, sabe-se também, que a existência destas amenidades no meio urbano, como o lago, as áreas de preservação da vegetação, ou seja, o ambiente “natural” em seu conjunto representa uma paisagem atrativa para a fixação de pessoas em suas proximidades, principalmente através de novos empreendimentos imobiliários. Sobre isso, afirma Corrêa que

---

<sup>38</sup> Segundo Rocha (2007, p. 119), o clube foi fundado na década de 1950, tendo como primeiro presidente Dahas Bittar. O autor faz referência ao lugar como “um celeiro de revelação de atletas, principalmente em futebol e natação”. Atualmente, encontra-se fechado para obras de futuro jardim botânico municipal.

De fato, a ação dos promotores imobiliários se faz correlacionada a: (a) preço elevado da terra e alto status do bairro; (b) acessibilidade, eficiência e segurança dos meios de transporte; (c) **amenidades naturais ou socialmente produzidas**; e (d) esgotamento dos terrenos para construção e condições físicas dos imóveis anteriormente produzidos, conforme indica R. S. de Almeida. Estas características em conjunto tendem a **valorizar diferencialmente certas áreas da cidade**, que se tornam alvo da ação maciça dos promotores imobiliários: são as áreas nobres, criadas e recriadas segundo os interesses dos promotores, que se valem de maciça propaganda. Assim, de um lado, verifica-se a **manutenção de bairros de status**, que continuam a ser atrativos ao capital imobiliário e, de outro, a criação de novas áreas nobres em razão do esgotamento de áreas disponíveis em outros setores valorizados do espaço urbano: os novos bairros nobres são efetivamente criados ou resultam da **transformação da imagem de bairros antigos** que, dispondo de alguns atrativos, tornam-se de status elevado (CORRÊA, 1995, p.23). [grifo nosso]

No caso do bairro Jundiaí, nota-se tanto a estratégia da manutenção de seu status, socialmente construído desde o planejamento, como temos visto, quanto uma tentativa de ressignificá-lo, revalorizando esta área da cidade. O acesso ao meio “natural”, tendo o parque urbano como o principal elemento, faz com que haja uma valorização do bairro e incremento de novas e velhas funções, quer sejam relacionadas com o residir, entreter-se ou mesmo investir.

Insiste-se em colocar aqui o termo *natural* entre aspas, considerando que há na realidade, a “criação de fantasias de natureza, onde os condomínios, as reservas, os parques naturais e os aquários – espaços altamente tecnificados – são apresentados como naturais. A natureza passa a ser associada a equipamentos e objetos cada vez mais técnicos” (HENRIQUE, 2006, p. 3). Segundo o mesmo autor, tem-se que

a natureza na cidade, cujo elemento caracterizador será a vegetação, está confinada no desenho urbano a uma espécie de metonímia da natureza. Uma natureza racionalizada (em diferentes gradações), uma natureza construída, não uma representação direta da natureza, mas sim um modelo de natureza historicamente construído pela técnica, pela ciência, pela cultura, pela prática e pela ideologia (HENRIQUE, 2009, p. 118).

Ilustração 59 – Legenda: “Opus Arboreto: Design Natural”. Captura de tela em vídeo de anúncio.



Fonte: OPUSIC.

No anúncio acima, por exemplo, as referências a elementos naturais estão no design da logo do empreendimento, que remete à uma folha, e nas cores do plano de fundo, fazendo alusão à sombra de uma árvore. Esta *natureza imaginada* ou mesmo criada, como colocam os autores, refere-se às influências que as fantasias e utopias do imaginário exercem no ambiente construído. Este tipo de simulação da natureza é uma prática comum no planejamento de parques urbanos, que em sua essência são ou deveriam ser espaços públicos.

Ilustração 60 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.



Legenda: “Parque Ipiranga: 45 mil m<sup>2</sup> de *natureza* e lazer aos seus pés”. Fonte: *OPUSIC*.

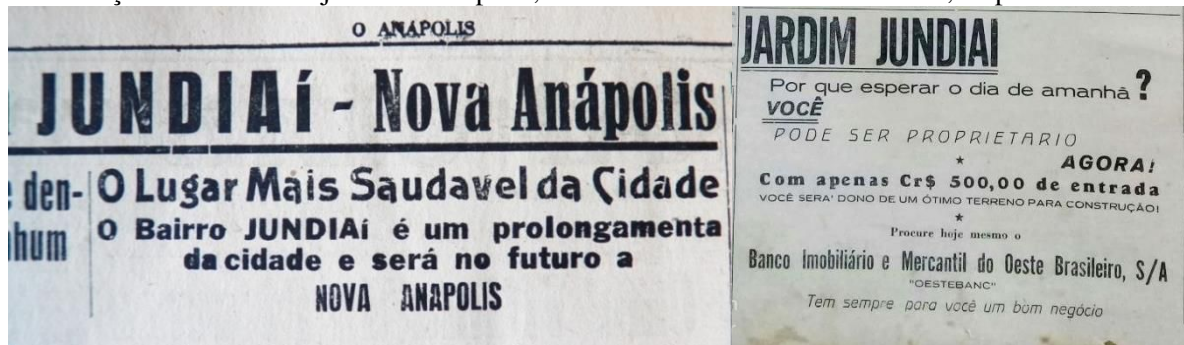
Pode-se afirmar, conforme Rocha (2007, p. 119), que o Clube Ipiranga foi o foco gerador da expansão urbana de Anápolis em direção à área hoje compreendida pelo bairro Jundiá. Conforme entrevista publicada no jornal *O Anápolis* em 16 de maio de 1943, concedida pelos dirigentes<sup>39</sup> da *Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda.* criada neste mesmo ano, a iniciativa da implantação do bairro datava ainda de 1933, quando da construção do estádio do Anápolis Esporte Clube, na área hoje compreendida pelo Clube Ipiranga.

Desde essa época, os administradores e investidores locais aspiravam a construção de uma ponte sobre o ribeirão das Antas para conectar a parte antiga da cidade ao estádio, facilitando o acesso ao mesmo, o que só ocorreu na década seguinte. Quanto ao projeto do *bairro-jardim* e sua rápida descaracterização, já tratamos no capítulo anterior, mas vale lembrar este fato aqui, porque o que vemos no momento presente é como uma evocação àquela ideia inicial de ser um loteamento permeado por áreas livres e verdes para o convívio público e o contato com as vantagens do campo.

<sup>39</sup> Lindolfo Louza, Jonas Duarte e Plácido de Campos, que além de empreendedores imobiliários eram ou vieram a ser gestores municipais e estaduais, em Anápolis e Goiás.

Mesmo considerando as perdas destes espaços públicos que foram, em sua maioria, rapidamente apropriados e edificados (ver item 1.4), a imagem do bairro com boa qualidade de vida sobressaía nos veículos de informação, quando se referiam ao Jundiaí como “O lugar mais saudável da cidade” e com vistas ao progresso urbano: “a nova Anápolis” (Ilustração 61).

Ilustração 61 - Fotos do jornal O Anápolis, dezembro de 1946 e abril de 1953, respectivamente.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Assim, pode-se dizer que, apesar da descaracterização do projeto original com a privatização da maioria de seus espaços públicos, essa imagem construída para o bairro se manteve, e foi um dos fatores que contribuiu para que o Jundiaí seja considerado como um bairro nobre e de status elevado. Recentemente, a política ambiental, muito presente na última gestão municipal<sup>40</sup>, encontrou uma oportunidade de fortalecer ainda mais o status do bairro, com a implantação do Parque Ipiranga, a partir da revitalização da área que compreendia uma antiga floricultura municipal, que foi considerada degradada.

Localizada no corredor verde do córrego Ipiranga, entre o Clube, onde estão suas nascentes, e o terreno da Paróquia e Colégio São Francisco (que até hoje compreendem a maior área do bairro), cultivava-se a Floricultura Municipal, contornada por gradis e fechada ao público. Com o passar dos anos, a área, mesmo como propriedade do Clube – endividado por não pagar seus impostos –, tornou-se depósito de entulho e lixo. Passado um tempo, a prefeitura decidiu intervir e, destituindo a concessão do terreno devido à situação de inadimplência do clube, anunciou em abril de 2009 a proposta de criação de um parque ambiental (JORNAL CONTEXTO, 2010). Tal iniciativa viria contribuir para a conservação do curso d’água e da vegetação de suas margens, além de devolver à população a área originalmente pública, que não estava cumprindo adequadamente sua função.

<sup>40</sup> Nota-se que foi uma prioridade na gestão do prefeito Antônio Roberto Gomide, vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Seu primeiro mandato foi de 2009 a 2012, foi reeleito, mas renunciou em abril de 2014 para candidatar-se ao governo estadual, perdendo o pleito (ANÁPOLIS, 2013).

Em 2010, finalizadas as obras e entregue o parque, acompanhou-se o desenvolvimento e revalorização daquela área do bairro, dado o acesso a este ambiente “natural”, dotado de padrões e qualidades estéticas estabelecidos. Agentes imobiliários e outros investidores adiantaram-se em adquirir terrenos e imóveis nos arredores do parque, implantando novos empreendimentos e intensificando a especulação na área.

Não demorou muito para que a dinâmica urbana fosse alterada, o que trouxe efeitos nem sempre positivos ou condizentes com os anseios de toda a população. Além das intenções aparentemente boas, relativas à revitalização de áreas urbanas para abertura de parques ambientais, existem outras que atendem a interesses bastante específicos de determinados agentes produtores do espaço, como a promoção da gestão pública, a possibilidade de empreendimentos imobiliários apoiados ao ideal do parque, o desenvolvimento de atividades de negócios e prestação de serviços, etc.

Então, pode-se dizer que há um processo de “mercadificação” deste ambiente natural, conforme a lógica capitalista de planejamento urbano, na medida em que este ambiente está intimamente associado ao ideal de qualidade de vida urbana, e é posto à venda junto aos demais itens anunciados pelos programas residenciais (Ilustração 62). De acordo com Alves,

Desse modo, criam-se e valorizam-se espaços para moradia, lazer e turismo a partir da exploração da proximidade às áreas verdes e/ou aos parques contemplativos e às unidades de conservação ambiental, atribuindo à natureza à condição de mercadoria, junto à qual se vendem características de um ritmo de vida que tende ao desaparecimento na metrópole: a tranquilidade, o ar puro (agora um bem raro), a segurança e a beleza, todos postos em oposição à vida metropolitana (ALVES, 2013, p.119).

Ilustração 62 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Belvedere du Parc.



Fonte: EMISA.

Tal apropriação é facilmente observada nos discursos de vendas dos novos empreendimentos dispostos no entorno do Parque Ipiranga, e publicados nos anúncios de

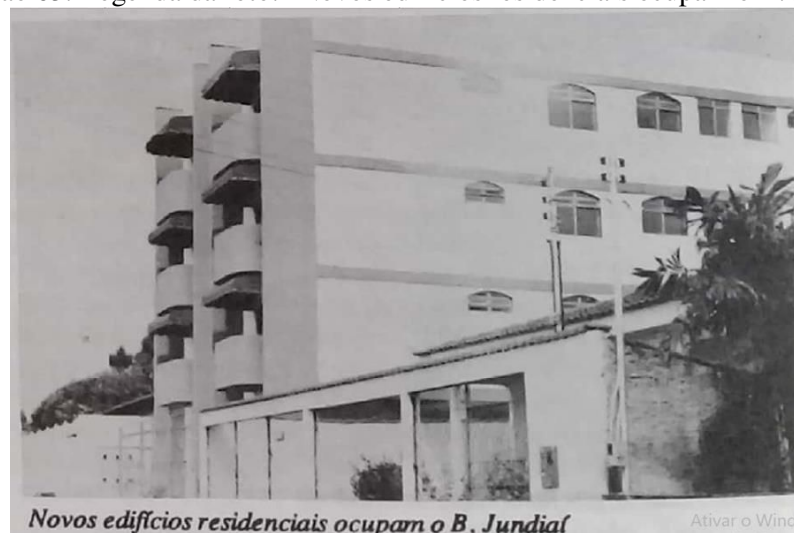
divulgação destes: “Viver próximo à natureza é o sonho de muitas famílias, mas ter um parque com mais de 45.000 m<sup>2</sup> na porta de casa é um privilégio para poucos” (CE, s.d.); “Na Pinheiro Chagas, a 100 metros do Parque Ipiranga, um novo empreendimento vai se destacar na paisagem” (OPUSIC, s.d.).

O processo de verticalização, iniciado em Anápolis na década de 1970, apresentou considerável impulso a partir dos anos 1990, especialmente com o lançamento de empreendimentos no bairro Jundiáí, expandindo o fenômeno do centro pioneiro para este bairro. Desde então, tem-se intensificado ainda mais nos últimos anos, com os novos investimentos urbanos. Conforme Rocha (2007),

Ao final do primeiro quinquênio do século XXI, quando se aproximava do seu centenário, celebrado em 2007, o crescimento de Anápolis adicionava um forte, talvez surpreendente mesmo, aumento de construção de edifícios residenciais. Antes em menor número de andares, agora acima de 10 andares (ROCHA, 2007, p.209).

Na Tabela 1 elaborada por Santos (2008)<sup>41</sup>, nota-se que nos empreendimentos iniciais prevalecia uma tipologia de condomínios mais horizontalizados, com a implantação de blocos com 3 ou 4 pavimentos (Ilustração 63), dispersos em terrenos maiores. Essa tendência foi aos poucos sendo adequada e, o que se tem hoje, em grande parte, é a construção de menos torres, com mais pavimentos, em terrenos menores; portanto, com elevados índices de ocupação e de aproveitamento. Na Ilustração 63, é interessante ainda notar que o edifício lançado na época (final de 1980), está localizado nas proximidades da Feira Coberta, uma das regiões menos verticalizadas do bairro atualmente, quando comparada ao entorno do parque ambiental.

Ilustração 63: Legenda da foto: "Novos edifícios residenciais ocupam o B. Jundiáí".



Fonte: IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 18).

<sup>41</sup> Em sua monografia, Santos utilizou apenas os três primeiros intervalos de tempo, entre 1997 e 2008, quando seu trabalho foi concluído. Dando continuidade ao levantamento iniciado por ele, respeitamos a escolha do intervalo temporal de 4 em 4 anos, acrescentando três novas colunas para chegar aos dias atuais.

Tabela 1 - Empreendimentos verticais lançados entre 1997 e o presente no Bairro Jundiaí.

| Nome do Edifício                         | Período da entrega do empreendimento |           |           |           |           |               | Nº de pavimentos |
|------------------------------------------|--------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------|------------------|
|                                          | 1997-2000                            | 2001-2004 | 2005-2008 | 2009-2012 | 2013-2016 | 2017-presente |                  |
| Res. Vilage Cardoso (1988) <sup>42</sup> |                                      |           |           |           |           |               | 4                |
| Res. Califórnia                          | X                                    |           |           |           |           |               | 3                |
| Res. Frankfurt                           | X                                    |           |           |           |           |               | 15               |
| Res. Paris                               | X                                    |           |           |           |           |               | 16               |
| Res. Porto Nobre                         | X                                    |           |           |           |           |               | 17               |
| Res. Jerusalém                           | X                                    |           |           |           |           |               | 13               |
| Res. Vila Real                           |                                      | X         |           |           |           |               | 14               |
| Res. Palma de Maiorca                    |                                      | X         |           |           |           |               | 6                |
| Res. Algarve                             |                                      | X         |           |           |           |               | 17               |
| Res. Rio Jordão                          |                                      | X         |           |           |           |               | 15               |
| Res. Santorini                           |                                      | X         |           |           |           |               | 13               |
| Res. Acácias                             |                                      |           | X         |           |           |               | 21               |
| Res. Ana Carolina                        |                                      |           | X         |           |           |               | 4                |
| Res. Firenze                             |                                      |           | X         |           |           |               | 14               |
| Res. Pinheiros                           |                                      |           | X         |           |           |               | 13               |
| Res. Portinari                           |                                      |           | X         |           |           |               | 14               |
| Res. Riviera de Itália                   |                                      |           | X         |           |           |               | 15               |
| Res. Versailles                          |                                      |           | X         |           |           |               | 12               |
| Res. Jundiaí                             |                                      |           | X         |           |           |               | 4                |
| Res. Granville                           |                                      |           | X         |           |           |               | 14               |
| Res. Viena                               |                                      |           | X         |           |           |               | 16               |
| Res. Turin                               |                                      |           | X         |           |           |               | 4                |
| Res. Vitória Régia                       |                                      |           | X         |           |           |               | 3                |
| Res. Bruna Cardoso                       |                                      |           | X         |           |           |               | 3                |
| Res. Luciano                             |                                      |           | X         |           |           |               | 4                |
| Res. Espanha                             |                                      |           |           | X         |           |               | 20               |
| Res. <i>Contemplare</i>                  |                                      |           |           |           | X         |               | 20               |
| Res. Genebra                             |                                      |           |           |           | X         |               | 14               |
| Res. Rio Pison                           |                                      |           |           |           | X         |               | 18               |
| Res. <i>Venetian Palace</i>              |                                      |           |           |           | X         |               | 20               |
| Res. Solar do Bosque                     |                                      |           |           |           | X         |               | 20               |
| Res. <i>Belvedere du Park</i>            |                                      |           |           |           | X         |               | 22               |
| Res. Rio Giom                            |                                      |           |           |           | X         |               | 22               |
| Res. Mirantes do Vale                    |                                      |           |           |           | X         |               | 17               |
| Res. Alameda Jundiaí                     |                                      |           |           |           |           | X             | 25               |
| Res. Dunas Douradas                      |                                      |           |           |           |           | X             | 17               |
| Hotel <i>Park Imperial</i>               |                                      |           |           |           |           | X             | 9                |
| Res. Amsterdã                            |                                      |           |           |           |           | X             | 20               |
| Res. Itapuã                              |                                      |           |           |           |           | X             | 8                |
| Res. Rio Eufrates                        |                                      |           |           |           |           | X             | 24               |
| Res. Casa Opus Ipiranga                  |                                      |           |           |           |           | X             | 21               |
| <b>Em obras</b>                          |                                      |           |           |           |           |               |                  |
| Res. Forma Opus Jundiaí                  |                                      |           |           |           |           | X             | 26               |
| Res. Ipiranga <i>Park</i>                |                                      |           |           |           |           | X             | 21               |
| Res. <i>MontPellier</i>                  |                                      |           |           |           |           | X             | 20               |
| Res. Opus Arboreto                       |                                      |           |           |           |           | X             | 24               |
| Res. Terra Mundi                         |                                      |           |           |           |           | X             | -                |
| Res. Torre Jundiaí                       |                                      |           |           |           |           | X             | 16               |
| São Francisco <i>Business Tower</i>      |                                      |           |           |           |           | X             | 15               |
| <i>Privilège</i> Jundiaí (lançamento)    |                                      |           |           |           |           | X             | 16               |
| TOTAL (48)                               | 5                                    | 5         | 14        | 1         | 8         | 15            | -                |

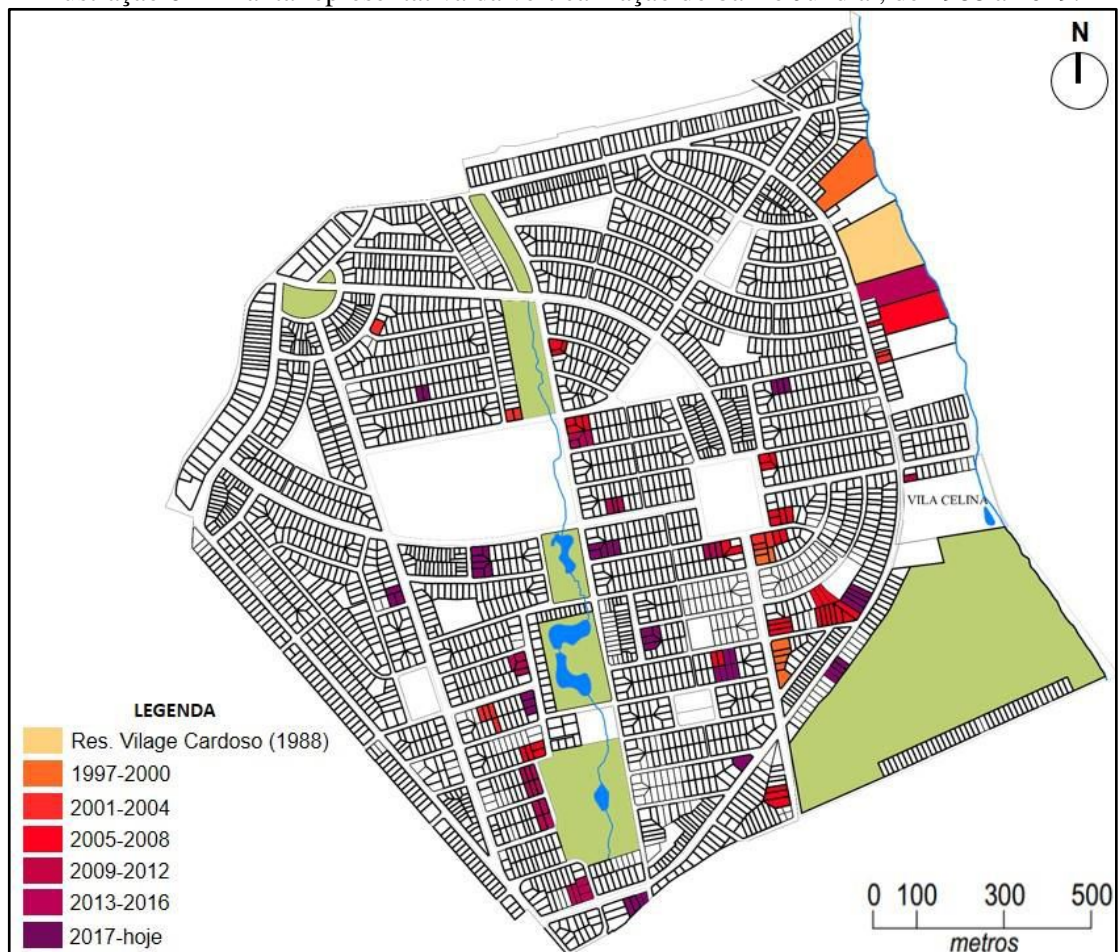
Fonte: SANTOS (2008), alterada pela autora (2019).

<sup>42</sup> O autor não considerou este edifício em sua análise; foi acrescentado à tabela para fins desta pesquisa.

Analisa-se ainda, a partir dos dados da tabela, a intensificação do processo de verticalização, através da construção de edifícios com mais pavimentos: o primeiro residencial com múltiplos pavimentos do Jundiaí, *Privê Vilage Cardoso* (entregue em 1988), possui 4 pavimentos, enquanto hoje tem-se, por exemplo, o *Forma Opus Jundiaí*, ainda em obras, cujo projeto estipula construir 26 pavimentos. Calculando a partir da tabela 1, vemos que havia uma média de 11 pavimentos por edifício até o ano 2000, mantida até 2012, enquanto que, de 2013 ao presente, esta média foi elevada a 19 pavimentos por edifício.

Além disso, os novos empreendimentos lançados parecem competir quanto ao padrão construtivo, ligeireza da execução e acabamento cada vez mais refinado, encarecendo o valor final dos imóveis e direcionando-os à uma parcela bem específica da população, detentora de alto poder aquisitivo. Na Ilustração 64 abaixo é possível visualizar a espacialização dos dados apresentados na Tabela 1, facilitando a análise dos processos aqui descritos, onde temos nos tons mais claros os empreendimentos mais antigos e nos tons escuros os empreendimentos mais recentes e em verde, cortado por um canal de drenagem em azul, a área do Parque.

Ilustração 64 - Planta representativa da verticalização do bairro Jundiaí, de 1988 a 2019.



Fonte: planta cadastral da Prefeitura (2016) com intervenções da autora (2019).

Grande parte destes novos empreendimentos, especialmente os que estão no entorno imediato ao Parque e ao Clube Ipiranga, sustentam seu *marketing* justamente nas vantagens de sua localização, que se apresenta como um privilégio (Ilustração 65). A criação do parque e a busca pela valorização do bairro traz também a necessidade da instalação de novos equipamentos que atendam às demandas residenciais, a exemplo destes anúncios: “O imóvel está localizado no Jundiaí, bairro nobre da Cidade, próximo a escolas, clinicas, supermercado, lanchonetes e a poucos metros do Parque Ipiranga” (LC, s.d.); e “Jundiaí, o bairro mais nobre de Anápolis, ganha o conceito mais exclusivo da Opus” (OPUSIC, s.d.).

Ilustração 65 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.



Fonte: ENGECOM.

Assim, este processo de valorização seguido da verticalização representa um adensamento populacional na área, acompanhado de outras transformações nas dinâmicas socioespaciais, como os fluxos de circulação de pessoas e veículos, além de mudanças de usos, visando fornecer estrutura física para estabelecimentos de comércio e prestação de serviços que atendam às necessidades sociais emergentes. Fenômenos de crescimento urbano como o adensamento, trazem consigo impactos de diversas naturezas, tanto ambientais como econômicos, sociais, de tráfego e tantos outros.

Como exemplo de impacto ambiental, observa-se o problema do rebaixamento do lençol freático, que ocorre devido à implantação de obras em solos, destinados, em sua maioria, às áreas de estacionamento dos edifícios residenciais. Segundo publicado em setembro de 2014 pelo Jornal Contexto, “Dados da Secretaria Municipal de Obras, Serviços Urbanos e Habitação indicam que o nível do Córrego Ipiranga, nas proximidades do Parque Ipiranga, teve redução de até 50% em seu volume na nascente” (JORNAL CONTEXTO, 2014). A reportagem, que tem como subtítulo “Crescimento urbanístico sem controle seria a

causa principal do esgotamento do leito”, aponta que as construtoras dos novos empreendimentos estavam realizando a drenagem dos subsolos sem o posterior reabastecimento do lençol freático, gerando, paulatinamente, a redução do volume do curso d’água, fenômeno que tem ocorrido em tantas outras cidades brasileiras.

Vale lembrar que uma das diretrizes da Política de Qualificação Ambiental proposta no último Plano Diretor Participativo de Anápolis, apresentada no art. 146º, inciso VIII, diz: deve-se “restringir o parcelamento do solo nas imediações, no entorno e adjacências das nascentes e dos cursos d’água” (ANÁPOLIS, 2016, p. 46). No entanto, o que se vê é o adensamento via verticalização das construções, as quais ocorrem, como registrado neste estudo, próximo às áreas de nascentes e vales de córregos.

Outra questão a investigar é a respeito do licenciamento ambiental e dos estudos prévios para a realização de empreendimentos deste porte nas proximidades de cursos d’água, conforme propõe também o Plano Diretor da Cidade como um dos Institutos Jurídicos e Políticos da Política Urbana Municipal, no art. 196, inciso II:

w) Estudo de Impacto Ambiental – EIA, Relatório de Impacto Ambiental – RIMA, Plano de Gestão Ambiental – PGA, Plano de Controle Ambiental – PCA, Estudo Prévio de Impacto de Vizinhança – EIV, Estudo de Impacto de Trânsito – EIT e Relatório de Impacto de Trânsito – RIT (ANÁPOLIS, 2016, p. 66).

É interessante pontuar que não são apenas novas unidades residenciais, comerciais e de serviços que vem alterando a paisagem do bairro. Existe a proposta de instalação de um Jardim Botânico no Clube Ipiranga, acompanhada da transferência das secretarias municipais de Educação, Saúde e Meio ambiente para o local (PORTAL 6, 2018). Estima-se que essa mudança afetará no deslocamento de 800 servidores para a região diariamente, o que nos faz indagar a dimensão dos impactos decorrentes destes novos fluxos para a dinâmica e o espaço urbano do bairro Jundiaí.

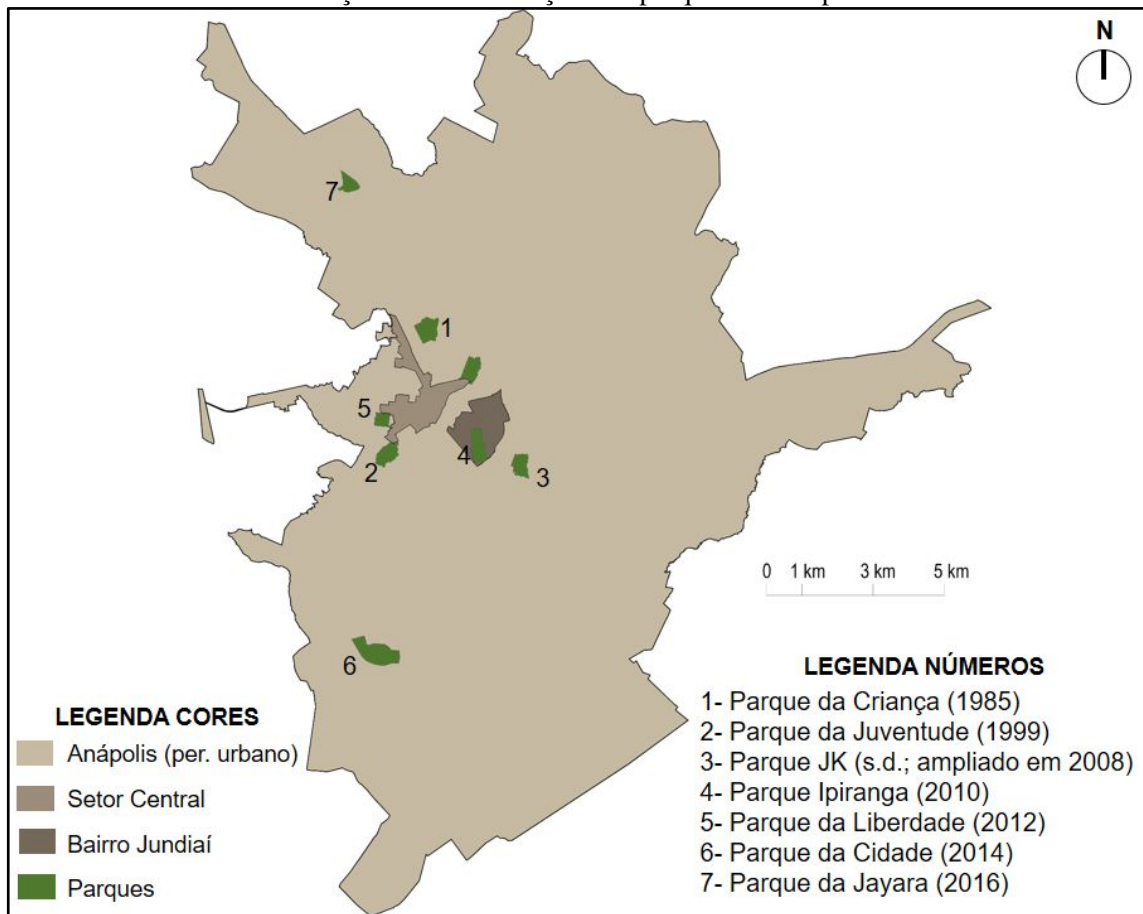
Diante destes fatos, coloca-se ainda a questão da aparente predileção do Parque Ipiranga em detrimento aos demais parques da cidade. Como já mencionado neste estudo, a gestão municipal anterior em Anápolis foi caracterizada por consideráveis investimentos na política ambiental, especialmente a partir da criação de novos parques. Conforme Vainer, Oliveira & Junior,

Assim como os grandes projetos tendem a promover rupturas na dinâmica imobiliária e na formação dos preços fundiários, as formas de envolvimento estatal na sua formulação, operação ou gestão também sofrem descontinuidade. A intervenção do Estado vai muito além de uma participação financeira e é decisiva ao produzir exceções ou renúncias fiscais ou urbanísticas que oferecem ao grande

projeto um espaço legal formatado segundo suas necessidades (VAINER, OLIVEIRA & JUNIOR, 2012, p. 15).

Segundo os autores, o Estado intervém no espaço urbano conforme as suas necessidades, e seus investimentos e decisões demonstram seus interesses. A cidade de Anápolis conta hoje sete parques, criados ao longo de sua história (Ilustração 66). Mas se comparamos a atenção recebida pelo Parque Ipiranga no cenário municipal, em vista dos outros parques nas demais áreas da cidade, percebemos que existe uma priorização desse. Tal fato se reflete em uma maior apropriação, esforços de manutenção, incentivo e promoção de atividades culturais, investimentos em infraestrutura, entre outros aspectos, que são consequência especialmente de sua localização, dita nobre e privilegiada no bairro Jundiáí.

Ilustração 66 - Localização dos parques de Anápolis.



Fonte: planta cadastral da Prefeitura (2016) com intervenções da autora (2019).

O primeiro parque criado em Anápolis, em 1985, localiza-se no bairro Maracanã, o Parque Antônio Marmo de Canedo, chamado popularmente de Parque da Criança ou Parque da Matinha. Nele, é visível a despreocupação com a manutenção e atração de visitantes, uma vez que os brinquedos que compõem o parque de diversões encontram-se subutilizados (Ilustração 67). Este parque recebeu uma reforma em 2010, com a instalação de novos

*playgrounds* e aparelhos de ginástica, mas os brinquedos originais permanecem em estado de abandono, deteriorados pela ação de intempéries e pelo vandalismo.

Na região central, no Parque Senador Onofre Quinan ou Parque da Juventude, inaugurado em 1999 na Vila Góis, o lago para a preservação do Rio das Antas encontra-se assoreado. As obras de recuperação do canal foram iniciadas em 2012 com previsão de conclusão em 2015, o que não ocorreu, e o canal de drenagem segue degradado (Ilustração 66). A pista de caminhada ainda atende à sua função, servindo a determinado público e faixa etária, mas os equipamentos de *playground* estão abandonados, e outros foram removidos por falta de uso ou vandalismo, assim como no primeiro caso. Segundo entrevista, depois do Parque Ipiranga, o Parque da Juventude ficou “de lado” (RESENDE, entrevista, 2019)<sup>43</sup>.

Ilustração 67 - Parque da Criança (brinquedos sucateados) e Parque da Juventude (lago assoreado).



Fonte: fotografias da autora (2018) em experiências de campo.

Já o Parque JK, localizado no bairro de mesmo nome, setor Nova Capital, o qual também é conhecido como “Praia”, passou por obras de ampliação e de sinalização em 2008, e de controle de erosão em 2011, fazendo com que fosse melhor aproveitado pela população. A pista de caminhada que contorna o lago por um bom tempo foi a melhor alternativa da cidade, mas atualmente é a rampa de *skate* que mais atrai jovens a frequentá-lo (Ilustração 68). Mesmo sendo um bairro afastado da área central, este parque possui boa estrutura.

Considerando os parques criados mais recentemente, posteriores inclusive ao Parque Ipiranga, percebemos que os mesmos não recebem a mesma atenção da gestão municipal ou não são considerados atrativos para os cidadãos. O Parque da Liberdade, por exemplo, datado de 2012, localiza-se no bairro São José, próximo à região central da cidade, e se refere à uma área de recuperação de uma antiga erosão que se tornara depósito de lixo, com a intenção de preservar as nascentes do córrego Catingueiro. Apesar de os caminhos estarem pavimentados,

<sup>43</sup> **Entrevista VII.** [out. 2019] Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, 2019.

e de apresentar outros atrativos como lago, *playground*, estações de ginástica e locais de descanso, a topografia muito acidentada torna-o menos atrativo, fazendo com que uma pequena quantidade de pessoas o visite mesmo aos finais de semana (Ilustração 68).

Ilustração 68 - Parque JK (pista de skate) e Parque da Liberdade (pouco movimento aos domingos).



Fonte: fotografias da autora (2018) em experiências de campo.

O Parque da Cidade, ou Parque Ambiental das Antas, aberto em 2014, sendo fruto de uma compensação ambiental<sup>44</sup> da *Valec Engenharia, Construções e Ferrovias SA*, empresa vinculada ao Ministério dos Transportes, em decorrência das obras da Ferrovia Norte-Sul, se localiza bem próximo às nascentes do ribeirão das Antas. A compensação ambiental responde ao que exige na Lei Orgânica vigente no município de Anápolis, em seu art. 200º, § 2º, que diz “Aqueles que exploram recursos minerais ficam obrigados a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei” (ANÁPOLIS, 2009, p. 59).

Conforme Carvalho, Santana & Morais (2010, p. 6), “o projeto descreve que a qualidade ambiental do Rio das Antas está bastante comprometida na área de interferência da ferrovia com alguns bairros de Anápolis, nas proximidades do Kartódromo Internacional”, daí a necessidade de criação do parque. Mas, como o mesmo localiza-se entre a rodovia BR-153 e o início da Avenida Brasil Sul, em uma área afastada de grandes setores habitacionais, tal fato justifica o abandono e a não apropriação pela população (Ilustração 69).

Por fim, o Parque da Jaiara (2016) foi o último a ser entregue pela administração municipal anterior. Trata-se também de intervenção em área degradada, uma vez que no local se instalou uma erosão, além disso, tratava-se de ponto de alagamento do córrego Reboleira. No final das obras, porém, sofreu danos devido a uma forte chuva, tendo que ser reformado e

<sup>44</sup> Uma espécie de indenização pela degradação, na qual os custos sociais e ambientais identificados no processo de licenciamento são incorporados aos custos globais do empreendedor (O ECO, 2015).

reentregue em 2018, já na gestão atual. Seus poucos frequentadores restringem-se aos moradores da Vila Jaiara e arredores, por tratar-se de uma área periférica da cidade, também à beira da rodovia Belém-Brasília (Ilustração 69).

Ilustração 69 - Parque da Cidade (baixo movimento, mesmo num sábado à tarde) e Parque da Jaiara (também pouco frequentado).



Fonte: fotografias da autora (2018) em experiências de campo.

Contrapondo-se a estes cenários, o Parque Ipiranga, desde que foi inaugurado em 2010, concentra notavelmente a atenção não só do poder público como do privado, a começar por localizar-se num bairro que desperta muito interesse destes agentes, e estando próximo ao centro tradicional, também se comporta como uma nova centralidade em Anápolis, como já foi apresentado. Além disso, possui uma dinamicidade interessante, atraindo pessoas de diversas partes da cidade não só aos finais de semana, mas diariamente, e em diferentes períodos, inclusive à noite (Ilustração 70).

Ilustração 70 - Parque Ipiranga durante o dia e à noite.



Fonte: fotografias da autora (2018-2019) em experiências de campo.

Na entrevista com o administrador do canal de Filmagens, quando questionado sobre sua impressão do Parque Ipiranga e dos demais parques da cidade, afirmou:

Acho que o comparativo é mais é a localidade, porque localidade igual essa aqui, não tem. E o povo gosta mais é daqui, não é verdade? Olha o Parque da Cidade: abandonado! Mas aqui colou por causa do bairro. Por isso que colou, se não tava

abandonado também, igual lá. [...] Aqui não, aqui já vem gente de tudo quanto é lugar, né? (FILMAGENS, entrevista, 2019).

É recorrente encontrar afirmações nos diversos meios de comunicação referenciando-o como o local mais bonito e atrativo da cidade, como neste trecho de uma notícia publicada no portal da prefeitura, que dizia respeito ao parque da Liberdade, mas relembra a importância do Ipiranga: “Em dezembro de 2010 foi inaugurado o Parque Ambiental Ipiranga, no Bairro Jundiáí, que se tornou o mais novo cartão postal da cidade.” (ANÁPOLIS, 2012). Esta é uma ideia que está sempre impregnada nos discursos de agentes públicos e imobiliários; é defendida e reforçada como verdade.

Conforme apresentado neste item, as estratégias que envolvem a criação do Parque Ipiranga no bairro Jundiáí não se restringem à ideia inicial de recuperação de uma área degradada, com vistas à preservação do córrego existente e de suas matas. É possível perceber que as reais intenções dizem respeito a um conjunto de interesses públicos e privados no resgate ou reforço de uma imagem do bairro. Desde 1943, quando foi inaugurado como primeiro bairro formalmente planejado em Anápolis, o Jundiáí foi apresentado como o mais bonito, nobre, saudável, entre outros adjetivos.

Portanto, apesar de fazer parte de uma política ambiental que abarcou a implantação de diversos outros parques e praças na cidade de Anápolis, o Parque Ipiranga se sobressai em termos de investimentos públicos em manutenção, realização de atividades culturais, atração populacional e mesmo como foco da promoção urbana, quando é referenciado o “cartão postal”. Evidencia-se que este *marketing* por trás da ideia da natureza, do verde e conceitos afins, anunciados e vendidos pelos agentes imobiliários, passam a criar a necessidade de se construir edifícios com cada vez mais pavimentos vendidos por valores exorbitantes – com apartamentos que chegam a três milhões de reais (próximo item) – evidentemente destinados a “consumidores” bem específicos.

#### 2.4. IMAGEM, DISCURSO E PODER: A AÇÃO PUBLICITÁRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO IMAGÉTICA DOMINANTE

*“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, quando você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber”* (CALVINO, 1972, p. 9).

O que então tem sustentado a imagem dominante do bairro Jundiáí nos dias atuais? Se nas décadas anteriores eram as manchetes dos jornais locais que exerciam esta função, hoje

temos outros meios para a representação e a divulgação desta imagem, visando as relações econômicas que poderão surgir a partir do seu alcance e valorização. Estas novas ferramentas tem recorrido a discursos cada vez mais apelativos para enfatizar a imagem que desejam transmitir, e vice-versa. Conforme Lefebvre,

A imagem e o discurso remetem um ao outro. A imagem traz um campo de significações (de significantes) muito vasto, sempre incerto e múltiplo, que só o discurso pode dizer (mudar em significado), enquanto ele mesmo flutua no espaço. Ela parece apoiar-se na imagem, e é ela que precisa de apoio; mas o próprio discurso não sabe mais sobre o que se apoiar e se aplicar (LEFEBVRE, 1991, p. 128-129).

Tanto o discurso como a imagem apoiam-se nas representações, que ocupam o imaginário coletivo, ressignificam espaços e lhes atribuem valores diferentes. De acordo com Arantes Neto, os habitantes da cidade “compartilham certas representações em suas leituras do espaço urbano, atribuindo significações diferenciadas a lugares de poder, estruturando-os em graus de importância e centralidade” (ARANTES NETO, 2000, p. 103). Estas representações compartilhadas é que produzem o convencimento, primeiro no campo das ideias, depois, nas relações socioespaciais de forma mais concreta.

Fábio Duarte afirma que, “a vivência de um espaço se dá na relação entre o uso que se faz dele e a carga simbólica que lhe é impregnada”, logo, se dá tanto na subjetividade como na dimensão do espaço construído, propriamente. O autor ainda continua: “estes elementos (objeto, uso, carga simbólica), alimentam-se e transformam-se constantemente; ou seja, tanto uma intervenção física pode alterar as possibilidades de uso de um espaço, quanto uma construção simbólica pode tentar induzir determinados usos” (DUARTE, 2007, p. 194). O papel da publicidade estaria aliada a esta construção simbólica, com vias à indução de imagens e de usos. Ao discutir este tema, Paola Jacques questiona que

O que já foi pensado enquanto opinião pública, debate público, acabou resumido a mera pesquisa de mercado, cujo principal objetivo é atuar como uma eficiente **fábrica de consensos**. Na atual sociedade do espetáculo não há, de fato, lugar para qualquer tipo de espaço dissensual ou contra-hegemônico, o que resulta no empobrecimento da própria experiência urbana, em particular da experiência sensível e corporal das cidades – aquilo que vai além da pura visualidade imagética. O consenso busca também uma **homogeneização das sensibilidades**, das diferentes formas de “partilha do sensível” (JACQUES, 2009, s/p.). [grifo nosso]

Essa “fábrica de consensos” tem como finalidade convencer o consumidor a comprar seu “produto” que, neste caso, trata-se do próprio espaço da cidade, tendo, por isso, que ser bem representado. Conforme Steinberger, “construir discursivamente representações sociais do mundo é também produzi-lo socialmente” (STEINBERGER, 2005, p. 31), por isso percebemos que é crescente o investimento em ferramentas discursivas aliadas às visuais para fortalecer imagens e comercializar a mercadoria urbana. Acreditando que o consumidor-alvo

desta “*cidade-objeto de luxo*” (VAINER, 2000, p. 78) sejam os que detêm maior capital, concordamos novamente com Steinberger, quando diz que “as elites consomem hoje mais bens simbólicos do que bens materiais” (STEINBERGER, 2005, p. 200).

Hoje, os novos empreendimentos lançados no bairro Jundiaí tem adotado como discursos não apenas a sua localização no dito “melhor bairro da cidade”, mas estratégias que remetem a “uma nova forma de viver” (Ilustração 71), que aparecem nos vídeos produzidos e cuidadosamente editados, acompanhados de efeitos sonoros e músicas que realçam o “espetáculo” da mercadoria ofertada, além de sorrisos e registros de momentos que representam a felicidade como consequência de tal aquisição.

Ilustração 71 - Captura de tela em anúncio do empreendimento Forma Opus Jundiaí.



Fonte: *OPUS IC*.

Quanto à aparência, a estetização da paisagem é reproduzida no acabamento das fachadas dos edifícios, no jogo de transparências, no uso de revestimentos que simulam diversos materiais, nas novas soluções de desenho, no paisagismo e ainda no tratamento das imagens de apresentação dos projetos, seguindo padrões de escritórios de arquitetura que atendem a grandes centros metropolitanos, o que reforça a representação que convence sobre o espaço ideal (Ilustrações 72 e 73). Conforme Jacques,

Os atuais projetos urbanos contemporâneos são realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia: homogeneizadora, espetacular e consensual. Estes projetos buscam transformar os espaços públicos em cenários, espaços desencarnados, fachadas sem corpo: pura imagem publicitária (JACQUES, 2009, p. 6).

Ilustração 72 - Imagem do projeto do edifício São Francisco Business Tower.



Fonte: *SFBT*.

Pallasmaa (2011, p. 29) também compartilha desta opinião, e pontua que “em vez de uma experiência plástica e espacial embasada na existência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da persuasão instantânea; as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade”.

Ilustração 73 - Imagens dos projetos Casa Opus Ipiranga e Forma Opus Jundiá.



Fonte: *OPUS IC*.

Os novos hábitos que estes edifícios pretendem assumir ou ressignificar passam ainda por ideais de beleza e saúde da vida contemporânea que tem valorizado os equipamentos esportivos e de estética corporal. Portanto, os espaços privativos destinados a academias, *spas* e entretenimento fazem parte do programa arquitetônico contemporâneo como se seguissem a uma bula (Ilustração 74). Conforme Arantes Neto, “novas configurações socioculturais e novos estilos de vida passam a participar do jogo político de identidades, tendendo a produzir repertórios simbólicos, demandas e reivindicações que terão efeito sobre a vida social e, particularmente, sobre a agenda política local” (ARANTES NETO, 2000, p. 156).

Ilustração 74 - Panfletos dos empreendimentos Ipiranga Park e Terra Mundi, Anápolis.



Fonte: fotos de material impresso recebido na rua.

Atendendo à demanda das classes para as quais são realizados, os empreendimentos milionários tem proposto e vendido um número cada vez maior de vagas privativas de estacionamento, correspondendo aos modos de vida desta parcela da população, caracterizada pela escolha do automóvel particular como principal meio de locomoção (Ilustrações 75 e 76).

Ilustração 75 - Imagem de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.

**Apartamento com 4 Quartos à Venda, 335 m<sup>2</sup> por R\$ 2.999.000**

Rua Padre Castelli, 21 - Jundiá, Anápolis - GO COD. CasaOpuspiranga1900

13 de 14

PREÇO DE COMPRA  
**R\$ 2.999.000**

CONDOMÍNIO  
R\$ 900

TIPO DE IMÓVEL  
Apartamento

ÁREA  
335m<sup>2</sup> (R\$ 8.952/m<sup>2</sup>)

4 quartos (sendo 4 suítes)

6 banheiros

**4 vagas**

Fonte: IMOVEL WEB.

No anúncio ilustrado acima, tem-se um único apartamento com quatro vagas de garagem exclusivas e, ainda, na imagem abaixo, na proposta do edifício multifuncional, a destinação de cinco pavimentos para estacionamento, totalizando 380 vagas. Sobre isso, Sposito pontua que está relacionado também à criação de uma nova centralidade:

[...] as redes de distribuição comercial e de serviços, ao instalarem esses grandes equipamentos, não somente respondem aos interesses das novas zonas residenciais e aos hábitos de uso cada vez mais frequentes do automóvel, mas, sobretudo, propõem e criam uma nova centralidade. Para fazê-lo, incluem no projeto imobiliário e na

estratégia locacional elementos capazes de materializar objetivamente essa centralidade (acesso ao sistema de circulação, vastas áreas de estacionamento, oferta concentrada de produtos e serviços etc.) e de maneira subjetiva (nova imagem urbana, marca do modernismo etc.)” (SPOSITO, 2010, p. 207).

Ilustração 76 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.



Fonte: *ENGECOM*.

Portanto, este anseio por estabelecer novas formas de viver, tão presente nos anúncios imobiliários do Jundiaí, faz parte da estratégia subjetiva de ressignificar a imagem do bairro para atrair ainda mais investimentos e valorização para a área. Esse fenômeno geralmente é acompanhado por uma diferenciação de valores imobiliários, inclusive de impostos sobre a terra urbana em determinadas áreas da cidade. De acordo com Arantes Neto (2000, p. 155)

Essa competição, que é motivada pela expectativa de bons negócios e de um saldo econômico positivo para as cidades e seus habitantes (em termos de investimentos permanentes na infraestrutura urbana), é o principal elemento do processo pelo qual algumas delas constituem imagens diferenciadas de lugar e procuram elevar, por intermédio do capital simbólico, sua posição na competição mundial por visibilidade e por investimentos. [...] Essa acumulação cria sítios de densidade informacional e tecnológica diferenciada e estabelece hierarquias entre países, cidades e, sobretudo, entre zonas dentro de cidades, pelas quais se reordenam e estratificam-se os usos do solo urbano que produzem, em última instância, valor imobiliário diferenciado.

Ilustração 77 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.



Fonte: *ENGECOM*.

Por isso é que se encontram anúncios como: “Escolher sempre a melhor localização é um cuidado que para a Opus não tem preço, tem um valor” (OPUS IC). E deste *valor*, nem todos podem usufruir; bem poucos, aliás, se consideramos que a maioria da população não tem condições de comprar um apartamento que custe cerca de três milhões de reais. Por isso, não mentem os anúncios que falam sobre a exclusividade e o privilégio (Ilustrações 78 e 79) de seus clientes: “Exclusividade é morar em um condomínio vertical de alto padrão, com localização privilegiada e uma vista única para o parque mais bonito da cidade: O Parque Ipiranga.” (EMISA). Quanto a isso, Vainer afirma que,

Em todos os níveis, tanto do ponto de vista concreto (infra-estruturas, subsídios, favores fiscais, apoios institucionais e financeiros de todos os tipos) quanto do ponto de vista da imagem, não resta dúvida: a mercadoria-cidade tem um público consumidor muito específico e qualificado (VAINER, 2000, p. 82).

Ilustração 78 - Anúncio eletrônico do residencial Ipiranga Park.



Fonte: GRUPO PROENG.

Logo, esta dita novidade no habitar não chega a todos, mas é destinada a uma parcela específica e qualificada da sociedade, que possua capital suficiente para escolher seu lugar na cidade além de possuir maior “controle dos tempos de deslocamento” (VILLAÇA, 2001) graças à disponibilidade de automóvel (is) na garagem. Pallasmaa (2011, p. 67) afirma que “a arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos”. No entanto, o Jundiá não pertence só a este público para o qual se destinam os novos empreendimentos, mas abriga ainda uma população diversa, que contradiz os discursos dominantes.

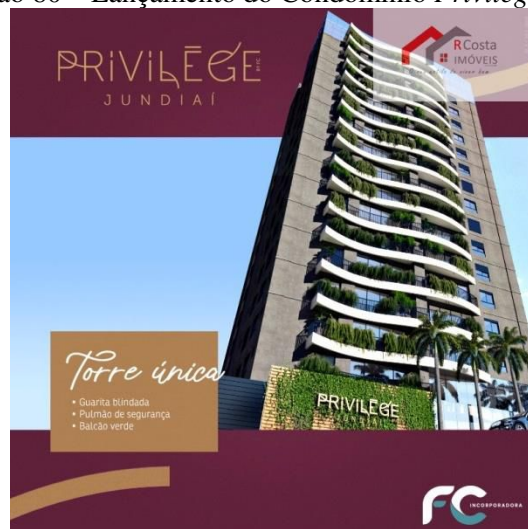
Ilustração 79 - “Privilégio”. Captura de tela em anúncio do residencial Ipiranga Park.



Fonte: GRUPO PROENG.

Estas imagens do bairro “s sofisticado e autossuficiente” (PREMIERE), “uma cidade em Anápolis”, melhor localização da cidade, etc., que encontramos nos anúncios publicitários, são exemplos das *imagens-síntese* que reforçam o imaginário acerca do bairro Jundiá, e que induzem a busca por estabelecimento de padrões para construir e habitar este espaço, mas que não o representam em sua totalidade. Conforme Ribeiro, trata-se de “uma seleção que escolhe lugares para o imaginário urbano e que tende a substituir o discurso do habitante pelo da imprensa: ‘A sociedade quer isto ou aquilo’, ‘A sociedade quer paz’” (RIBEIRO, 2011, p. 29).

Ilustração 80 – Lançamento do Condomínio *Privilége* Jundiá.



Fonte: RCosta Imóveis.

Mas, apesar de não serem representações fiéis, “as palavras qualificam o espaço” (SEGAUD, 2016, p. 104), influenciando as dinâmicas econômicas e socioespaciais. Muitos destes discursos sobre o bairro referem-se na verdade ao entorno imediato do parque Ipiranga,

reconhecido diversas vezes como o “cartão-postal de Anápolis” (PORTAL 6, 2017), ou o “coração do Jundiá” (SFBT), como se este fosse um sujeito independente do corpo urbano em geral. Esta discussão, que toca na questão da relação entre centro e periferia, ocorre em diversos outros bairros e cidades, como visto em Pereira, pontuando que,

Assim, mesmo alguns dos comerciantes referindo-se a um sentido de “coração do bairro”, que pode levar a um entendimento de que o bairro é uma unidade autônoma da cidade, isso é preciso ser entendido, nos termos que sugerimos, como uma centralidade e um espaço de referência situado e subordinado ao próprio movimento da cidade e à hierarquia subjacente a ele (PEREIRA, 2018, p. 177).

Concordando então com Pereira, chamar o bairro Jundiá de “autossuficiente” soa presunção, tendo em vista que possui relações de interdependência com o centro tradicional e outros bairros da cidade, seja na oferta de equipamentos públicos, serviços urbanos e, principalmente, abastecimento de mercadorias e mão de obra. Mas retomando a ideia da “fábrica de consensos” de Jacques (2009), devemos considerar a força quase manipuladora dos discursos midiáticos para construir realidades como estratégia subjetiva para criar e fortalecer lugares. Segundo Steinberger,

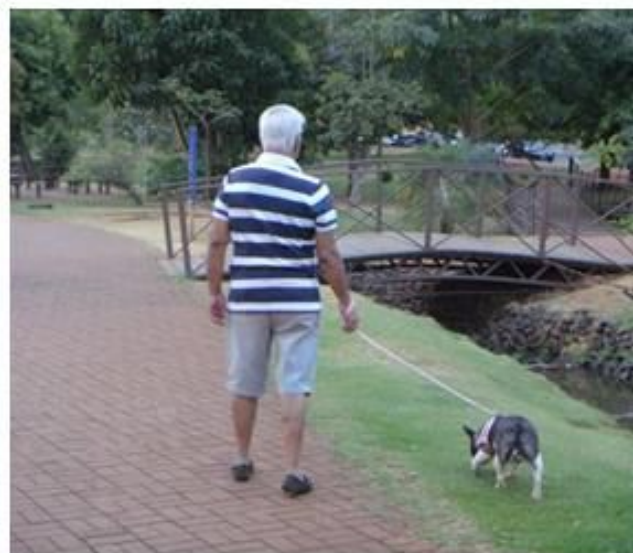
A mídia desempenha um papel, nessa perspectiva, de agente social que pressiona, através da formação da opinião pública, para que os fatos gerem os efeitos desejados pelos que dela se utilizam. Atua, portanto, como instrumento de práticas político-ideológicas (STEINBERGER, 2005, p. 210).

Tais práticas atingem o domínio do espaço, já que este é socialmente construído e alterado, especialmente quando investem cada vez mais em ferramentas para comunicar estas ideias e discursos consensuais, como as produções audiovisuais que promovem a cidade e seus novos empreendimentos, veiculados através da televisão e dos diversos dispositivos que permitem o acesso à internet e às redes sociais. Ribeiro nos aponta ainda que “existem desafios relacionados à preservação da palavra diante do poder de convencimento da imagem e, sobretudo, das várias linguagens que prometem representar o espaço com perfeição” (RIBEIRO, 2011, p.24). Em Ferrara (1997, p. 7), encontramos o desafio da própria *realidade*:

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real.

Por fim, acredita-se que questionar os discursos, imagens e leituras do espaço, é um caminho alternativo para se interpretar este universo “real”, também contestável. Segaud coloca que “é preciso considerar que os lugares existem não em abstrato, mas de maneira concreta, material e simbólica, especialmente verbal” (SEGAUD, 2016, p. 106). A partir disso, deseja-se investigar os contrassensos, os avessos do que está colocado como regra.

*Fitness e pets (apenas uma amostra dos tantos vistos)*



### CAPÍTULO 3. CONFRONTANDO O LUGAR: EM BUSCA DE OUTRAS PERCEPÇÕES

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 1972, p. 27).

**Diário de bordo.** 17 de janeiro, sexta-feira; manhã (Parque Ipiranga)

Primeiro dia no parque. Comecei cedinho, por volta das 7hs, e já tinha bastante gente caminhando e fazendo exercícios físicos por lá e também no calçadão do colégio. Dei uma volta completa no parque e escolhi um bom lugar de passagem pra estender o varal. As pessoas desviam; alguns parecem olhar com curiosidade, mas rapidamente abaixam a cabeça. Custou pra alguém parar. Até que dois senhores se aproximam...

- Tá pesquisando sobre o bairro Jundiaí?
- Olha, Jundiaí é bairro só de rico, pode anotar aí! [risos]
- Uai, então é por isso que *nós mora* aqui! [risos] Inclusive amanhã vamos comemorar o aniversário da minha mãe, tá fazendo 94 anos! É surpresa. E ela mora lá na avenida Mato Grosso, já tem um tempão...
- Olha, sobre o que eu falei que era bairro só de rico era brincadeira, tá bom? [risos]

---

Outras falas que escutei no parque:

- Pra mim esse aqui é o bairro mais bonito da cidade. O ângulo dessa foto ficou bom, hein?! Pegou os prédios em volta e tal... E são bem caros, viu? Nossa...
- Olha, o Jundiaí pra mim representa bem dois extremos: a burguesia e a pobreza. É onde tem mais burguês e onde a pobreza tá mais excluída, oprimida... Esse *rap* aqui mesmo: resume o quanto essa galera é oprimida aqui. Direto tem bacu, a polícia já chega batendo, oprimindo a galera, e isso 8hs da noite, saca? Da última vez colocaram logo 20 duma vez ali naquele paredão, entendeu? Deu advogado e tudo... Foi feio. A galera filmou e tudo mais. Essa cidade não tem senso de comunidade! Falta ação social. Até que tem um *cross fit* aqui no parque, mas só dá madame, sabe? Eu moro aqui no bairro, e o aluguel é suado! Nesses seis anos eu já fui embora várias vezes. Só moro aqui porque meu negócio é comida, saca? Tenho que preparar, entregar e *tals*... Tô estudando gastronomia e quero só acabar o curso e vazar daqui!
- Jundiaí pra mim representa progresso, lazer, cultura, sem contar a religiosidade do pessoal. Moro em Anápolis há 58 anos, morei no Jundiaí entre 1966 e 1976, perto da Avenida Mato Grosso. Na época era mais residência lá, depois foi virando tudo comércio, né. Como é uma região mais central, mais próxima ao centro, é mais acessível e tudo mais; foi uma pedra cantada, né. É um lugar que nasceu pro o progresso.



Andanças e deriva  
fotográficas



- Gosto de fotografar lugares abandonados...



- Será que a gente não consegue entrar lá?

- Olha, o cara que pegou a manga já saiu comendo pela rua!  
- Sim, agora ele será o nosso guia.



Conhecer as leituras que dominam o imaginário acerca do bairro Jundiaí, possibilita uma análise um pouco menos ingênua ao nos depararmos com o espaço experimentado pelos sentidos, o que amplia esse entendimento para além do campo visual. “E como experienciá-la senão através de nosso corpo? A cidade só se desdobra para nós quando caminhamos por ela. Pela implicação espacial e temporal de nosso movimento é possível descobri-la como pluralidade, diversidade, superabundância.” (OLIVEIRA, 2012, p. 224). Esta heterogeneidade pode ser encontrada quando abandonamos a cegueira própria do universo das imagens hegemônicas e deparamo-nos com outras realidades. Conforme Ostermann, “sempre nos perdemos um pouco quando deixamos que a subjetividade oriente a interpretação de um lugar” (OSTERMANN, 1996, p. 162).

Compreendendo este “perder-se” na interpretação do lugar como um processo que atravessa do nível pessoal ao coletivo, embaralhado pela experiência sensível da cidade, considera-se a importância de abrir espaço para outras leituras. Isto porque o *habitar* apresentado pelos novos empreendimentos não contempla uma visão democrática do lugar, concordando que “tais imagens consensuais de espaços aparentemente destituídos de seus conflitos inerentes, dos desacordos e dos desentendimentos, são imagens de espaços apolíticos.” (JACQUES, 2009, p. 7). Conforme Jacques, estas imagens que vendem espaços como um *espetáculo urbano*, encobrem uma realidade bem mais complexa. A autora coloca que,

As relações entre espaço público e imagens da cidade contemporânea passam hoje inevitavelmente pelo processo de espetacularização urbana contemporânea, que é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades, que buscam se tornar midiáticas e espetaculares (JACQUES, 2009, p. 4).

Esta espetacularização urbana, conforme a autora, esvazia as experiências socioespaciais de seu sentido, de sua vitalidade. Pallasmaa acrescenta que,

O bombardeio incessante do imaginário não relacionado leva a um esvaziamento gradual do conteúdo emocional das imagens. As imagens são convertidas em mercadorias infinitas fabricadas para postergar o tédio; os próprios seres humanos são mercantilizados, se consumindo de modo indiferente, sem ter a coragem ou mesmo a possibilidade de confrontar sua própria realidade existencial. Somos feitos para viver em um mundo de sonhos fabricado (PALLASMAA, 2011, p. 32-33).

Paralelamente, em Ribeiro temos que “existe, de fato, uma vitalidade social extraordinária sistematicamente recusada por discursos, mapas e imagens” (RIBEIRO, 2012 p.30), e é este habitar vivo, democrático, baseado na experiência do cotidiano, que se deseja continuar investigando neste capítulo.

Alguns trabalhos serviram como apoio metodológico para a apresentação do conteúdo deste capítulo, especialmente o livro *Atlas Ambulante* (2011) e a revista *Redobra da UFBA*, nº 9 (2012), para citar os mais importantes. Com o livro, apreende-se sobre colocar os personagens que protagonizam a cidade como articuladores entre a “cidade oficial – correspondente a uma ordem projetada e controlada (o espaço concebido) – e a cidade cotidiana (o espaço vivido), através das suas práticas singulares (o espaço percebido)” (MARQUEZ & CANÇADO, 2011, p. 12). E a revista, de forma complementar, apresenta trabalhos nos quais se relacionam a busca por uma “cartografia da ação” (RIBEIRO, 2011 e 2012) e do movimento com narrativas e ensaios fotográficos que norteiam os debates sobre o espaço urbano.

### 3.1 A HETEROTOPIA NÃO PERCEBIDA OU, UMA IMAGEM HOMOGÊNEA ONDE?

Neste item, discute-se a heterogeneidade do bairro Jundiaí partindo do conceito de heterotopia, inicialmente partindo de Foucault seguido de outros autores que tratam do tema inserido no Urbanismo.

Em Foucault, tem-se que “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis” (FOUCAULT, 1994, p. 6). O autor também afirma que “[...] o papel das heterotopias é criar um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arranjado quanto o nosso é desordenado, mal disposto e bagunçado. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação [...]”(FOUCAULT, 1994, p. 8).

Ilustração 81 - O habitar informal: pertences de morador de rua sob marquise na Av. Mato Grosso; à direita, com mais *zoom*, identificamos seus itens de higiene pessoal.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Quando se enfrenta o lugar corpo-a-corpo, encontram-se espaços que revelam modos de vida bastante opostos aos vistos no capítulo anterior, configurando diferentes maneiras de relacionarem-se a cidade e os seus cidadãos. Harvey (2011) relaciona o conceito de heterotopia ao de alteridade, às “outridades” que se apresentam no espaço, enriquecendo suas relações. Tanto na imagem acima (Ilustração 81), com os rastros de um habitar informal, como abaixo (Ilustração 82), onde se vê o veículo do catador movido à tração de cavalo, nota-se este espaço onde convivem tantas diferenças em vista dos espaços civilizados, normatizados, perfeitamente ordenados, que se imagina encontrar no bairro estudado. Conforme Ramos,

São esses espaços das práticas microbianas, da microfísica do poder, o poder sub-reptício, fruto das práticas socioespaciais mais cotidianas, mais comuns, mas, ao mesmo tempo, dotadas de elementos que fundamentam, a existência de “espaços outros” no que se refere a outros tipos de relações de poder espacializadas e outra dimensão do poder nas relações sociais, o que poderíamos chamar, de acordo com Foucault, de “heterotopias” (RAMOS, 2010, p. 5).

Ilustração 82 - Carroceiro e catador, em frente à Praça Abadia Daher.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

“Seriam contra espaços, lugares reais fora de todos os lugares, cujas funções remetem, essencialmente, à contestação de todos os outros espaços” (CHAVES & AQUINO, 2016, p. 2). Com isso, deseja-se falar da existência de outras possibilidades de interpretar e representar este lugar, “visto que cada cidadão possui experiências e relações pessoais com o espaço urbano, fazendo com que exista significativa variedade de interpretações, entre diferentes observadores” (LYNCH, 1959, p.16). Para Ostermann (1996, p. 163),

O processo de significação da imagem é complexo: ele depende dos diferentes repertórios dos usuários urbanos, porque a cidade é também a soma de experiências individuais, sendo sua leitura muitas vezes contraditória. A leitura não é objetiva

porque existem momentos de subjetividade, já que vivemos as imagens de uma cidade dando-lhes sempre a nossa interpretação particular.

Em Ferrara (1997, p. 23), há também a ideia de heterogeneidade para possibilitar uma leitura completa do espaço:

Para que seja possível a leitura é necessário tornar heterogêneos os ambientes através de uma operação da mente capaz de provocar um valor, um predicado, um juízo que atraia nossa atenção para fragmentos espaciais específicos e os imponha à nossa percepção, ou seja, que projete uma imagem valorativa desses fragmentos, a fim de que possam valer pelo ambiente como um todo e atuem como um prolongamento, um índice dele.

Mas o que se tem em regra é o que Sánchez apresenta: “As múltiplas identidades e diferentes formas de vida social, que coexistem na cidade, são simplificadas, depuradas numa única identidade que se pretende sintética” (SÁNCHEZ, 2001, p. 37). Nossa intenção, no entanto, é caminhar pelos avessos desta imagem sintética, explorando a heterotopia do espaço urbano e de suas representações. Concordando com Daou (2012, p. 157),

Por avesso entendemos o lado de dentro, aquele que não está visível, não é dado ao olhar, não é percebido ou não está incluído no conjunto harmônico ou singular que constitui uma paisagem. No entanto, as paisagens não são apenas o que está posto ao olhar, ainda que seja relevante considerar a perspectiva do observador e tudo o mais que apenas se insinua, os não-ditos, aquilo que está por traz, como sugerem diferentes autores na crítica que fazem à ênfase dada ao olhar.

Recorrendo novamente às entrevistas realizadas, encontram-se alguns significados de certas regiões do Jundiaí no imaginário das pessoas. Para o administrador do canal de Filmagens do *YouTube*, por exemplo, existe um *miolo* que representa mais a imagem do bairro, enquanto outras áreas não aparentam “ser Jundiaí”.

O miolo pra mim é onde tá mais concentrado o pessoal da classe A, nas bordas do Parque Ipiranga. [Sobre Santa Casa e Feirão]: Ali também é bom, perto da Santa Casa. Perto do Feirão eu já não acho tanto mais... Já é mais longe daqui. O Jundiaí Industrial também, já é mais afastado. É que a gente vai vendo muita construção boa perto da outra, e a gente vai intitulando como miolo. Aí você vai afastando ali vê umas casinhas mais fracas, entendeu? Ali perto do SESC também é ótimo. Ali faz parte do miolo, como se diz. A Avenida Mato Grosso pra mim já é um pedaço da Santa Maria [bairro adjacente]. Eu não acho muito Jundiaí não. Você já vê que não é Jundiaí, sei lá... (FILMAGENS, entrevista, 2019).

A partir das discussões conceituais sobre o conceito de heterotopia de Foucault, revisitado por outros estudiosos do espaço urbano, e também das *interpretações outras* acerca do bairro Jundiaí, a pesquisa exige percorrer este espaço com as próprias pernas, coletando impressões através da experiência urbana.

Jundiaí(s)



Vista para Jundiaí Industrial



- Será que esse coco é banhado a ouro? [risos]



### 3.2 EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PERCEPÇÃO; PERCEPÇÃO COMO PRINCÍPIO DA EXPERIÊNCIA

Neste item, ressalta-se a importância da caminhada e da experiência sensível da cidade, especialmente aqui, onde se deseja transpor a imagem do lugar através do exercício urbano de aproximação do espaço habitado, real, vivido. Como meio de apreender a percepção das pessoas sobre o lugar que habitam através do exercício urbano, foi realizada uma instalação com um varal de fotos do bairro Jundiaí em diferentes perspectivas.

Ilustração 83 - Visitantes na instalação: varal de fotos na Praça Dom Emanuel e Parque Ipiranga.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Foram expostas dez fotos, numeradas de 1 a 10 sem ordem classificatória, apenas para fins de contabilizar numa planilha a quantidade de votos referente à cada imagem, a partir do questionamento: “Quais destas imagens melhor representam o bairro Jundiaí pra você?”.

Ilustração 84 - Fotos do Jundiaí conforme foram expostas no varal.

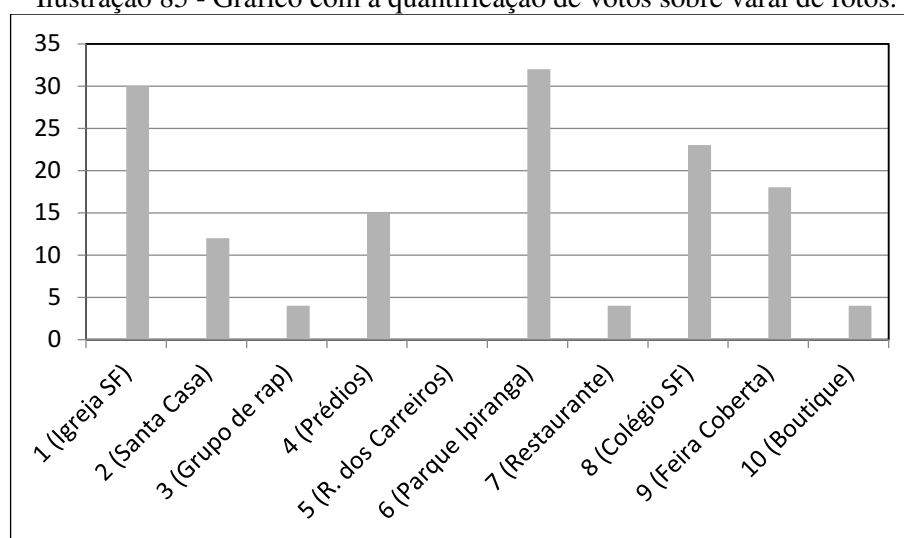


Fonte: registros da autora (2020).

As fotos referem-se respectivamente aos seguintes lugares ou situações: Paróquia São Francisco de Assis (1), Santa Casa de Misericórdia (2), grupo de *rap* do Parque Ipiranga (3), novos edifícios na Av. José Neto Paranhos (4), trecho da Rua Carreiros sem asfalto na beira do córrego Água Fria (5), lago do Parque Ipiranga (6), restaurante próximo ao SESC (7),

Colégio São Francisco de Assis (8), aglomeração na Feira coberta (9) e vitrine de boutique (10). Depois da exposição do varal em 4 pontos do bairro – Praça Dom Emanuel, Feira Coberta, SESC e Parque Ipiranga – escolhidos por serem os locais de maior fluxo de pessoas, alcançamos um quadro de 50 visitantes (que opinaram) que podiam votar em quantas fotos quisessem. Apesar de a instalação atrair a muitos passantes que se interessaram em olhar as fotos, nem todos aderiram à pesquisa, mesmo que rápida, por pressa em seguir seu caminho. Então, a partir das opiniões dos 50 visitantes que se dispuseram a opinar, foi gerado o seguinte gráfico com os resultados:

Ilustração 85 - Gráfico com a quantificação de votos sobre varal de fotos.



Fonte: elaborado pela autora (2020).

A partir do gráfico acima, analisa-se que a maioria das opiniões elegeu a foto do Parque Ipiranga como a mais representativa do bairro, seguida da Igreja e do Colégio São Francisco, apontados nas falas dos visitantes como principais marcos de referência. A Feira Coberta, quarta foto mais votada, foi escolhida especialmente pelas pessoas que a frequentam, principalmente nos dias em que o varal foi exposto lá. A foto dos edifícios quando comentada, era sempre acompanhada das palavras “modernidade” e “progresso”, como símbolos de “desenvolvimento” e de um “futuro promissor” para a região e a cidade.

Quanto à Santa Casa, não foi bem referida, na maioria das vezes sendo associada aos problemas estruturais que a instituição tem enfrentado atualmente. O grupo de *rap* do parque não foi reconhecido por muitos, assim como o novo restaurante e a boutique, ambos com a mesma quantidade de votos. E a Rua dos Carreiros, ainda menos reconhecida que o grupo de *rap*, era sempre observada com feição e entonações de estranhamento.

Lynch afirma que “grupos diferentes podem ter imagens essencialmente diferentes da mesma realidade exterior” (LYNCH, 1959, p.144), o que leva-nos a concluir que a imagem depende então das relações sócio-espaciais que se estabelecem e de sua percepção. Esta percepção do espaço apresenta-se mais intensa para os sujeitos que o experimentam mais diretamente no mundo sensível, caminhando, percorrendo-o, conhecendo-o através de seu corpo e seus sentidos. Conforme Ferrara (1997, p. 20),

Os textos não-verbais acompanham nossas **andanças** pela cidade, produzem-se, completam-se, alteram-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber, de registrar essa informação. É esse registro que transforma os textos não-verbais em marcos referenciais da cidade; signos da cidade, esses marcos aglutinam objeto e signo urbanos. Enquanto texto não-verbal, a cidade deixa de ser vista como espaço abstrato das especulações projetivas, sociológicas ou econômicas para ser apreendida como espetáculo, como imagem. [grifo nosso]

Estas leituras da cidade, ao mesmo tempo em que percorrem as individualidades de cada sujeito que vivencia o espaço a seu modo, construindo com ele suas relações de apropriação e subjetividade, e deixando “rastros de heterotopia urbana”, marcam o imaginário e a memória coletiva de significados tornados comuns. Para Arantes Neto,

O deslocamento excita a imaginação, libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Leva ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social. Um marco remete a outro, logo em seguida, na cidade onde se viveu por longo tempo. A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, estabelece relações (ARANTES NETO, 2000, p. 120).

Em Pallasmaa (2011, p. 38) fica evidente a relação do corpo para a experiência urbana: “Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim”. Silva (2017, p. 12) também enfatiza a caminhada como prática urbana:

Na compreensão de que a caminhada e a narração engendram uma prática urbana inventora dos espaços da cidade, a proporem múltiplas cartografias que jogam com os espaços e que, conseqüentemente, lançam perspectivas possíveis sobre o entendimento da complexidade da cidade, com a dissertação concentra-se sobre o pensar uma potência da imaginação que opera esta prática urbana.

E é justamente em busca desta outra cartografia, da cidade habitada, que recorreremos à experiência da caminhada, da instalação e da conversa com os caminhantes do dia-a-dia do Jundiaí, mergulhando na realidade cotidiana do bairro. Segundo Certeau (2008, p. 171),

Mas “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wabdersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. [...] Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada.



Foto por Aline Araujo



### 3.3 POR UMA OUTRA CARTOGRAFIA URBANA: COSTURANDO TRAJETÓRIAS

Neste item, discorre-se sobre o conceito de cartografia a partir de uma discussão atualizada, trazendo também debates teóricos sobre o habitar e o espaço vivido, com base em autores que tratam do tema, valendo-nos ainda de conceitos de Milton Santos, como *tempo lento*, *luminosidade* e *opacidade*. Cabe também discutir os conceitos de *territorialidade* e *temporalidade*, especialmente em Saquet, que traz contribuições valiosas para o debate. Entre as discussões teórico-conceituais, estão os registros de campo com diálogos e retratos, buscando representar este espaço de outra forma que não através da cartografia que a geografia entende por oficial ou regulamentada.

Para Gaston Bachelard, cuja contribuição sobre *a poética do espaço* faz-se relevante para esta pesquisa, é importante diferir entre o espaço geometrizado, enquanto material, e o espaço imaginado, se deseja-se analisá-lo partindo desta segunda dimensão: “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um **espaço vivido**. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai.” (BACHELARD, 1993, p.19) [grifo nosso]. Conforme Ostermann,

E, por trás das imagens que se mostram, existem outras que se ocultam, onde podem estar os significados secretos de uma cidade. A cidade tem muitas máscaras, sem dúvida, tem **muitos tempos** que vivem em suas fisionomias. [...] A cidade é um depósito de imagens contraditórias, uma geografia com **várias temporalidades**, com diversas interpretações. [...] Olhar uma cidade é perceber com a razão e com a imaginação, imagens gerais, particulares, objetivas e subjetivas, já que é através delas que a cidade tem uma existência concreta (OSTERMANN, 1996, p. 164).

Ilustração 86 - Família de catadores marcando seu próprio tempo em cruzamento, bairro Jundiáí.



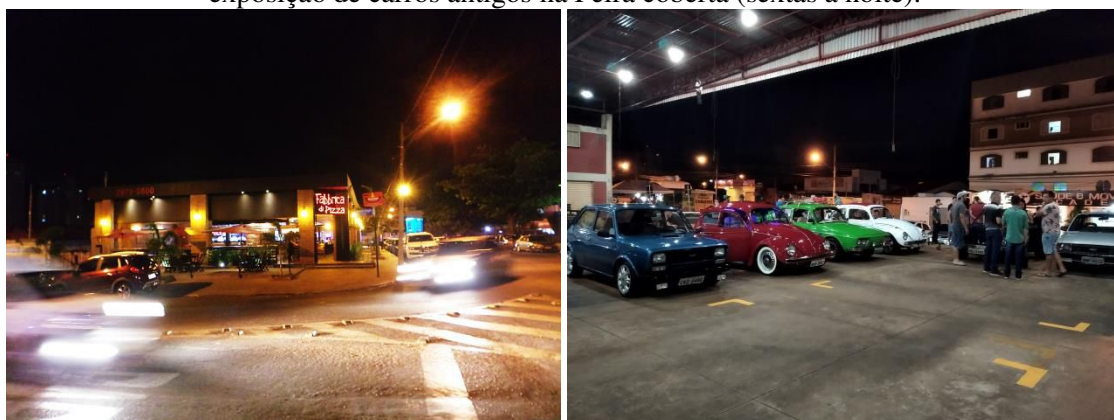
Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Na imagem acima, notamos de forma bastante evidente a concomitância destes tempos diferentes no espaço, que acabam criando também territorialidades diferentes.

Conforme Saquet, “São as temporalidades vividas, percebidas, sentidas, não apenas a partir das técnicas, mas tanto técnica como cultural, econômica e politicamente” (SAQUET, 2015, p. 85). Arantes Neto (2000, p. 106) coloca que,

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças, e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento”. Os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros, como se formassem um gigantesco e harmonioso mosaico. A meu ver, eles se superpõem e, entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição [...].

Ilustração 87 - Vida noturna no Jundiaí: fluxo de carros nos restaurantes próximos ao SESC; exposição de carros antigos na Feira coberta (sextas à noite).



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

### Diário de bordo. 10 de janeiro, sexta-feira; noite (Feira Coberta)

[Gerson, curitibano, cerca de 40 anos; mora no Parque Brasília] – “Tudo começou há dois anos, quando eu e 3 amigos criamos um grupo no *whatsapp* pra reunir nossos carros antigos e reunir a família. Aí eu vi que esse espaço maravilhoso estava ocioso, e eu fiz um ofício, levei na prefeitura e autorizaram nossos encontros aqui. Desde então a gente reúne quinzenalmente às sextas-feiras, das 19:30hs às 22:30hs mais ou menos. O grupo chamou a atenção de outras pessoas e foi crescendo. Hoje tem 231 participantes no grupo do *whats*, e são membros ativos mesmo, sempre aparecem, mandam coisas referente a carro antigo, etc. Quando chega alguém novo, mando um formulário *on line* pra cadastro de membros com várias informações. No final de 2018 me tornei o presidente da APCAR em Anápolis (Associação de Proprietários de Carros Antigos), tudo institucionalizado, tudo certinho. O ambiente é familiar, você pode ver que tem casais, crianças... A gente junta, traz uma churrasqueira e cada um traz um pouquinho de carne e faz a festa. O cara do espetinho e o do pastel sempre abrem também, e a gente se diverte. Você pode reparar que não tem som alto, gente acelerando carro, e se tiver, eu chamo atenção. Mas até hoje, nunca ninguém veio reclamar pra mim de bagunça aqui, de barulho; nem morador, nem prefeitura. Porque quem vem já conhece as regras, e respeita. Vem gente

de todo canto da cidade, **até da Jaiara**<sup>45</sup>. Lá na praça do Planetário o pessoal reúne também, toda sexta; mas lá é só a turma do *Rat Look* (aqueles carros descascados). Aqui vem de todo grupo: o Clube do Fusca, a turma do Opala... Tem a diferença entre os grupos, né. Mas o pessoal convive aqui. Sobre o local? Olha, primeiro que a feira, esse espaço maravilhoso estava sem uso à noite, né. E depois, é um bairro nobre, né. Estamos num bairro nobre da cidade!

Ilustração 88 - Exposição de carros antigos na Feira coberta torna-se ponto de encontro entre amigos.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Nas primeiras tentativas de se produzir uma outra forma de cartografar o bairro Jundiaí, a partir da apropriação de alguns conceitos de Milton Santos, como *tempo lento*, *luminosidades* e *opacidades* no espaço urbano, obtivemos (em parceria com Thalita Siqueira, colega da Geografia cuja pesquisa traz importantes contribuições para este trabalho e para o GT de forma geral) um mapa que tem por objetivo identificar regiões do bairro que comportam-se de forma distinta conforme os conceitos adotados. Para Santos (1997, p. 13),

O que existe são temporalidades hegemônicas e temporalidades não hegemônicas, ou hegemônicas. As primeiras são o vetor da ação dos agentes hegemônicos da economia, da política e da cultura, da sociedade enfim. Os outros agentes sociais, hegemônicos pelos primeiros, devem contentar-se de tempos mais lentos.

Ainda no mesmo texto, o autor utiliza-se do conceito de tempo lento para diferenciar o que ele denomina como zonas “luminosas” e zonas “opacas”:

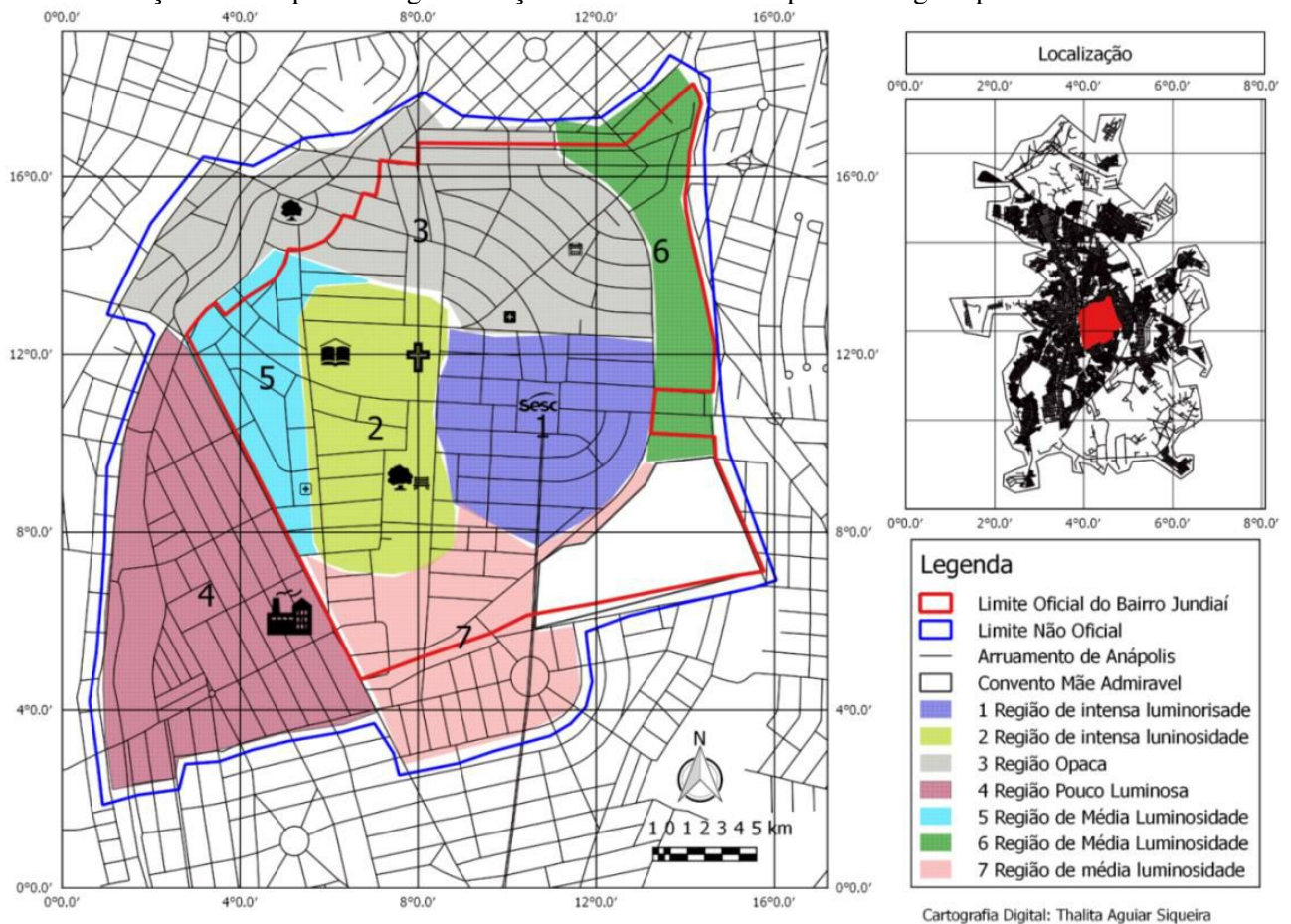
Na cidade, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico — uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa — essa historização da metafísica, crava no

<sup>45</sup> A expressão foi colocada em negrito para dar a devida ênfase conforme a fala da entrevistada. O bairro da Jaiara é considerado como um dos mais distantes do centro da cidade, apesar de terem outros mais periféricos e com menor acessibilidade. Mesmo assim, historicamente o bairro tem esta característica, talvez porque na época de seu planejamento (1943, contemporâneo ao Jundiaí) havia uma gleba inabitada entre o bairro e o centro.

organismo urbano, áreas "luminosas", constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas "opacas". Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores, são espaços da lentidão e não da vertigem (SANTOS, 1997, p. 41).

Com base nisto, foi produzido o mapa abaixo, no qual, apesar de ainda muito enrijecido pela estética da cartografia habitual, apresenta elementos que ajudam a compreender, pelo menos inicialmente, este espaço urbano que desejamos explorar, como o que denominou-se limite oficial (conforme consta no último Plano Diretor, 2016) e limite não-oficial (ou imaginado, simbólico) do bairro.

Ilustração 89 - Mapa com regionalização do bairro Jundiá a partir de alguns pontos focais.



|                   |                        |                        |
|-------------------|------------------------|------------------------|
| Praça Dom Emanuel | Colégio São Francisco  | OSEGO (Posto de saúde) |
| Feira coberta     | Paróquia São Francisco | Galpões industriais    |
| Santa Casa        | Parque Ipiranga        |                        |

Fonte: SIQUEIRA & CABRAL (2018).

Vale ainda dizer que as manchas de cor que definem as áreas ocupadas por cada região, não devem ser interpretadas como caixas delimitadoras, mas como espaços permeáveis, onde é possível encontrar dinâmicas características das demais regiões. Sobre isso, Saquet coloca que “No mesmo território, a vivência do tempo, bem como sua percepção,

não é a mesma para todas as pessoas. Há coexistências de ritmos-temporalidades, em sincronia-transtemporalidades e em unidade com os processos diacrônicos também transtemporais” (SAQUET, 2015, p. 86).

Destaca-se que a Região 2 de Intensa Luminosidade (em amarelo no mapa), coincide com o “miolo” ou “coração” do bairro, conforme considerado pelo imaginário coletivo, segundo aparece nos relatos e entrevistas. É nesta região que se encontram os marcos referenciais mais citados na intervenção urbana do varal: o Parque Ipiranga, a Igreja e o Colégio São Francisco de Assis.

Como consequência da regionalização proposta no mapa, segue o debate acerca do território. Para além do conceito de um espaço influenciado por relações de poder, entende-se “o território enquanto terreno disputado material e simbolicamente” (ACSELRAD, 2010, p.5). Concorde-se que “esse sistema de ações da espacialidade humana tem a ver com o espaço vivido, experimentado, significativo, que resulta em um espaço subjetivo, um espaço de identificação cultural, um produto do que as pessoas fazem e pensam, do que ele estima e valoriza” (GRANÖ, 1981, *apud* VITRY, 2012, p. 303) [tradução nossa].

Para Haesbaert, o território carrega uma dupla conotação, uma referente à dominação (significado de ordem funcional, material) e outra à apropriação (conferindo um sentido mais simbólico), “carregado das marcas do vivido, do valor de uso” e das relações culturais (HAESBAERT, 2014, p. 57). O autor propõe ainda uma revisão teórica sobre o conceito de *territorialidade* e, de sua síntese, elencamos duas concepções a partir das quais trabalharemos nesta pesquisa, a saber: “como imaterialidade (p. ex.: controle simbólico, através de uma identidade territorial ou ‘comunidade territorial imaginada’)” e “como ‘espaço vivido’ (frente aos espaços – nesse caso, territórios, formais-institucionais), conjugando materialidade e imaterialidade” (HAESBAERT, 2014, p. 64-65).

A partir destas discussões, apresentam-se outras formas de se representar com a cartografia, agora numa escala que permita visualizar o bairro Jundiaí em relação aos demais bairros da cidade, revendo, numa outra perspectiva, a imagem do bairro conhecido como autossuficiente e independente no contexto urbano de Anápolis. Além disso, os relatos e ensaios fotográficos que complementam este capítulo, visam trazer vida à esta cartografia, em “Uma tentativa visual de representar identidades através de histórias contadas e de geografias praticadas” (MARQUEZ & CANÇADO, 2011, p. 10).

Ilustração 90 - Origens das mercadorias, vendedores e funcionários entrevistados no Jundiáí.



Fonte: Planta cadastral da prefeitura (2016) com intervenções da autora (2020).

Os personagens entrevistados e representados na última cartografia compõem o espaço vivido do bairro Jundiaí de uma forma bastante expressiva e particular. Alguns poucos ambulantes e, a maioria, tendo um ponto fixo de trabalho, devidamente cadastrado na prefeitura, fazem sua renda na feira coberta, na calçada do SESC ou no entorno das praças do bairro. Ambos, *fixos* ou *fluxos*, geralmente não moram no bairro; mas, deslocar-se para o Jundiaí faz parte de suas rotinas há um bom tempo. Tiram dali seu sustento, enquanto sustentam este espaço vivo, dinâmico. Não vivem *no* bairro, mas *do* bairro.

Ilustração 91 - Diagrama conceitual.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Estão ilustrados acima alguns conceitos que se relacionam, conforme apresentado, no processo da experiência sensível do espaço urbano no bairro Jundiaí.

### 3.3.1 Fixos: feirantes e vendedores das praças e SESC

Ilustração 92 – Tampico: vende verduras na Praça Dom Emanuel há 17 anos; Eliseu: vende abacaxi e melancia na Praça Abadia Daher há 34 anos.

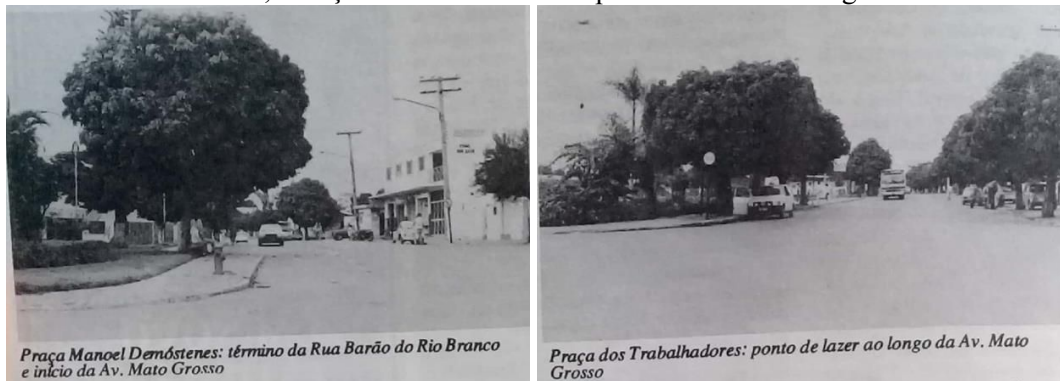


Fonte: registros da autora em experiências de campo.

**Diário de bordo.** 7 de janeiro, terça-feira; manhã (Praça Abadia Daher)

- Essa praça tinha mais movimento antes da praça do Ipiranga; hoje o povo vai pra lá, tem mais espaço. Aqui são três praças, né: Praça General Curado, Praça Abadia Daher e Praça Humberto Batista, conhecida por Praça do trabalhador. Cheguei aqui no dia 2 de outubro de 1986. Esse Meta (cursinho pré-vestibular) era uma máquina de arroz quando cheguei. Primeiro eu ficava na esquina ali da Avenida Mato Grosso, só tinha casinha velha naquela rua; depois fizeram um mercado na esquina e em 1998 vim aqui pra cima. Em 2010 mudei pra este local aqui na praça, em frente ao Meta e tô aqui até hoje.

Ilustração 93 – Nas legendas: “Praça Manoel Demóstenes: término da Rua Barão do Rio Branco e início da Av. Mato Grosso”; “Praça dos Trabalhadores: ponto de lazer ao longo da Av. Mato Grosso”.



Fonte: Revista IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 18).

- Em 2010 teve um fato interessante: mandaram tirar os bancos da praça! Aqui começou a ter fama de “praça dos atoa”. Aí o povo começou a reclamar que nos bancos da praça juntava muita gente atoa, que ficava aí sentado. E o banco não serve não é pra isso mesmo? O jornal esteve aí e entrevistou muita gente. Fui entrevistado, mas acho que não gostaram da minha opinião não. Falei o que eu pensava, e minha fala não passou no jornal! Arrancaram 24 bancos aqui. E o pior, quebrando! Se pelo menos fosse colocar em outro lugar, mas não... Quebraram tudo. Pedi pra não tirar o meu, falaram que não ia tirar. Enquanto fui buscar meu almoço arrancaram daí também. Depois questionei, falaram que tava danificado! Tava nada! Depois trouxeram de volta, eu mesmo assentei ele de novo. Na verdade tá só encaixado aí, pode ver... Ele é muito útil pra mim, ora!

Ilustração 94 - Banco restante na praça e local onde havia um dos que foi removido.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.



Destoando da maioria dos feirantes, Dona Carmem é moradora do Jundiá. Mora na Rua Dona Terezona. Compra os condimentos prontos e revende na feira, mas alguns potinhos de tempero é ela mesma quem prepara e embala em casa.

Ilustração 95 - Dona Carmem dos temperos, feirante no Jundiá há 30 anos.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

- Tô há 30 anos aqui na feira! Nós tem nome! Nós tem história nessa feira! Fica a vontade, meu bem, pode ir perguntando o que quiser! Fica a vontade!

Ilustração 96 - João Batista, vendedor de frango caipira na feira há mais de 30 anos; tapetes do Jerusalém, feirante ali há 15 anos.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

- Tapete desse jeito aqui você não acha em outra banca, só eu que vendo. Isso aqui é a técnica do Pará, aprendida na família. É tudo amarrado à mão. Não é fácil fazer, mas parado não posso ficar.

“Esses caminhantes, tão distantes de uma vida mecanizada nos mínimos detalhes, carregam habilidades” (MARQUEZ & CANÇADO, 2011, p. 19), “fabricam e vendem sua própria produção artesanal” (idem, p. 21).

Ilustração 97 - Vendedor de bucha vegetal e vendedor de sabão de soda e tamboretas.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

- A feira aqui é tradição ser quinta e domingo. Já tentaram mudar isso, mas não dá não, né... É a feira mais antiga da cidade!

Ilustração 98 - Na legenda: “Feira Coberta: a primeira a ser construída em Anápolis é modelo para todo o Estado de Goiás.”



*Feira Coberta: a primeira a ser construída em Anápolis é modelo para todo o Estado de Goiás*

Fonte: IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 21).

**Diário de bordo.** 14 de janeiro, terça-feira; tarde (SESC)

Vendedor de morangos [A]: 16 anos. Trabalha ali a sei anos, de segunda a sexta. Só vende morango, às vezes goiaba também. O morango é de Minas ou de Brasília, varia... Mora no Itamaraty, atrás do SESI da Jaiara. Traz a mercadoria na caminhonete da tia, que trabalha em outro ponto, também envolta do SESC. Já fez feira também, na Alexandrina. Tem alguns clientes fixos, outros de passagem... O movimento aqui é bom, todo mundo passa aqui, né?! É um bairro mais moderno que os outros, tem mais movimento... Muitos prédios, é seguro. Quando eu cheguei só tinha aquele prédio amarelo; depois, construíram mais.

Vendedor de carvão (super humorado) **[B]**: Vende aqui há 3 meses, mora no bairro, perto da feira coberta. O que me atrai aqui no ponto? Ah, o que me atrai aqui é o tanto de mulher bonita que passa (risos), e o tanto de comércio.

**A**: Esse bairro aqui só perde pra Jaiara, né. Aqui não tem muito comércio não! Lá na Jaiara é do início ao fim da Fernando Costa o comércio.

**B**: Quê isso, tem sim, uai. Vai dizer que no Jundiá não tem comércio? Tem sim! Na Jaiara tem também, mas é mais popular...

**A**: É, mas lá tem mais coisa. Tem banco, shopping, faculdade, várias lojas...

**B**: Quem diria que Jundiá ia ser um bairro nobre... Isso aqui era só lama, uai, eu lembro. Foi planejado onde? Ali onde é o Ipiranga tinha o viveiro e de lá pra cá era tudo lama, tudo brejo!

Vendedora de queijo **[C]**: Uma coisa que eu acho caro aqui em Anápolis é comprar roupa! Essas butiques aí? Uma calça normal assim é 500 reais!

**B**: Ah, mas isso aqui no Jundiá! Vai lá na Jaiara pra você ver se não acha até 3 por 100 reais! Lá você acha... Olha foi de 89 pra 90 que começou a ter fama de nobre aqui, porque começaram a construir muita casa boa, mansão mesmo! Esse prédio aí mesmo, demoliram uma mansão pra fazer! As casinhas também tão virando tudo prédio. Eu tinha uns 6 anos, morava num barraco ali em frente o Ipiranga. Agora, só prédio. Depois de crescido fui morar em Salvador. Quando voltei pra cá, já tava bem diferente. Tinha uns conjuntinhos de casa ali, simples mesmo... Era dos funcionários das empresas que construía essas coisas aí. Hoje não constrói mais conjunto de casa assim aqui, constrói só longe, é na Jaiara, no Industrial... Mas não tem muito tempo que a coisa mudou não... Foi em 96 que trocaram os postes de madeira por esses de ferro aí. Se bem que ali perto da feira do Jundiá ainda tem uns postes de madeira! Não trocaram ali não. O SESC aqui era uma fazenda, aí que lotearam a fazenda.

**A**: Praça Bartolomeu.

Ilustração 99 - Na legenda: "O B. Jundiá é o bairro das grandes mansões e belas residências."



Fonte: Revista IMAGEM ATUAL (maio de 1986, p. 22).

**B**: É, chamava de praça, né, mas era só mato, nem banco tinha. Agora esses prédios: Anápolis não tinha essa cultura de prédio, era só residência. Mas aí agora que tá tudo perigoso demais, começaram com moda de prédio, prédio... É bom pra gente, né? Mas pro Jundiá não é não. A hora que acabar mais esse aí, [construindo na esquina] olha o tanto de apartamento, tudo com um, dois carros cada. E se todo mundo resolve sair de casa e voltar na mesma hora? Isso aqui

para! Olha o que eu tô te falando, você pode escrever: daquele telhadinho pra lá [apontando pro rumo do parque Ipiranga], ainda tem muito barraquinho, feio, feio mesmo. Daqui 10 anos, não sobra mais nenhum, vira tudo prédio!

**A:** Mas aqui no Jundiaí tá faltando sabe o quê? Uma padaria boa! Porque mercado tem, mas padaria não...

[Comentando as fotos do varal:]

**B:** Tá faltando uns lugares antigos aqui: o Abrigo dos Velhos e o Lar da Criança. Eu acho que são importantes também!

**A:** Ah, olha: esse aqui é o doidão da pinga, uai! (risos) Aquele que nós demos uísque pra ele semana passada!

**B:** Olha, é mesmo! (risos) Pra mim o que representa mais é a feira coberta, a Santa Casa de Misericórdia, o São Francisco, a igreja e o colégio, né.

**A:** Esse aqui é o parque Ipiranga, né?

**B:** Deixa eu ver... É mesmo! É, esse Ipiranga até que representa também, né?!

**A:** Essa aqui é a galera do rap! Todo domingo eles tão lá. Mas desses aí a polícia quer é distância... Agora isso aqui é onde?

**B:** Essa aí eu sei, é lá na final da Carreiros, onde acaba o asfalto. Lá na rua dos Correios.

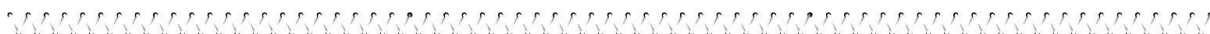
**A:** Ah, nunca vi não... Agora essa vitrine aqui pra mim não representa nada. Essa daqui também, da pizzaria, muito menos. É muito nova aqui também...

**B:** Agora, acho que se você tirar uma foto daqui olhando pra avenida Jamel, pegando os prédios assim, também representa bem, hein?! Pra mim faltou isso: a Avenida Jamel, o Abrigo dos Velhos e o Lar da Criança.

Ilustração 100 - Vendedores de carvão, queijo e morango, na calçada do SESC.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.



### 3.3.2 Fluxos: caminhanteres de Jundiá e outras bandas

Relacionando os tempos de deslocamento à compreensão do espaço urbano é que se enfatizam os vendedores ambulantes, que trabalham movendo constantemente seus corpos no espaço, e tendo, por consequência, um maior domínio sobre este.

Ilustração 101 - Vendedor de cocadas e vendedor de Pepininho, ambulantes.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

[Vendedor de cocadas comentando as fotos do varal:]

- Santa Casa [sua 1ª escolha]. Essa dos prédios é perto do Ipiranga, né? Ah, parece... É bom pra mostrar a população. Essa da feira... Gosto demais! Gosto dos lugares onde eu vendo.
- Posso tirar uma foto sua?
- Claro, pode sim! Posso ver? Legal!
- Quer que eu te envie?
- Não, não tenho essas coisas... Feliz ano novo pra senhora!

### 3.3.3 Batalha na fronteira: a cultura da margem no coração do cartão-postal

**Diário de bordo.** 19 de janeiro, domingo; noite (Parque Ipiranga)

Cheguei no parque às 18hs depois de girar uns 15 min procurando vaga de estacionamento, até que consegui. Estava LOTADO. Dezenas de toalhas de piquenique espalhadas no gramado no entorno dos lagos, casais, famílias passeando com crianças, outras tantas com cachorros; muitas pessoas caminhando, correndo, pedalando ou patinando pela ciclofaixa. Logo avistei o ponto de embarque do “Trenzinho da alegria” que faz um pequeno *tour* pela cidade aos finais de semana, partindo e retornando ao Parque Ipiranga. Em frente ao aluguel de patins, vejo a viatura de polícia. Continuo caminhando até chegar ao anfiteatro, onde já havia começado a disputa de *rap* conhecida como “Batalha do Ipiranga”. Conversei com um rapaz que estava acompanhando e que frequenta o evento aos domingos.

- Já tem bem uns cinco anos que venho aqui. Antes era no Praia, mas depois passou pra cá, que é bem mais cheio, né? Mas o *rap* ainda é muito discriminado aqui... Às vezes a polícia já chega enquadrando, e a galera nem tá fazendo nada, saca?

Aproximei-me pra filmar e tentar conversar com um dos líderes. Me indicaram a *MC Paulla Gabby*, que logo se dispôs a responder minhas perguntas, entre as batalhas que ela vencida.

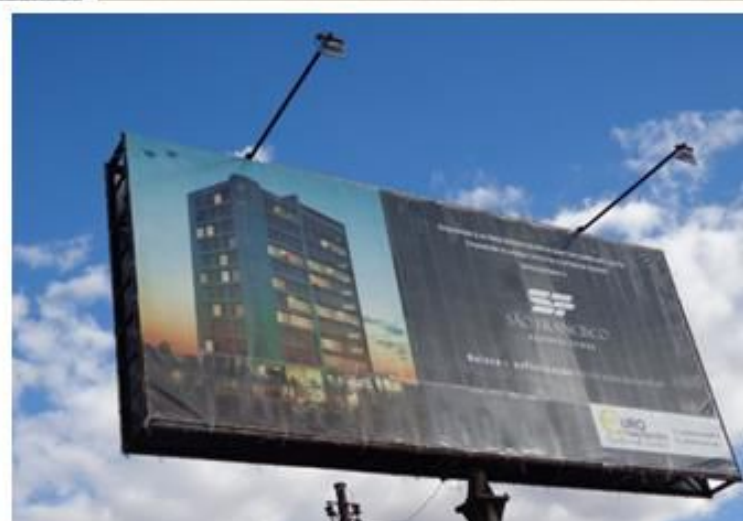
- Estamos aqui desde 2013. Mas que o nosso grupo está à frente da organização, tem dois anos. Fazemos oficinas de *rap* na Casa do *Hip Hop*, conhece? Somos cadastrados na Secretaria de Cultura e temos um auxílio mensal pra manter o grupo. Mas boa parte desse investimento fica pra custear o aluguel da própria casa. A estrutura que você vê aqui, a maioria das coisas é emprestada ou ganhada. A tenda é emprestada: já tem um ano que estamos usando, mas não é nossa. A mesa de som e microfones também são os próprios *MCs* que emprestam. Essa lâmpada aí foi doação de um casal que veio assistir o rap uma vez... E quando precisamos de mais alguma coisa, a gente mesmo que se vira e consegue, divide e tal, tudo com muito suor. Teve um tempo que era lá na Praça do Ancião [no centro], no Praia algumas vezes também, mas aqui ficou bom, porque tem mais espaço. Só é escuro aqui, né? Não é tão iluminado como as outras partes do parque... E já tinha fama de ser um *point* de droga, porque muita gente vinha e ainda vem aqui nessas arquibancadas e fica usando mesmo. Mas o nosso grupo não promove, muito pelo contrário. Tanto que já aconteceu da polícia baixar aqui, tinha umas duzentas pessoas perto da tenda. Colocaram todo mundo naquele paredão e revistaram. Não acharam nem resquício de droga com a gente; tamo na luta pra combater, até com as rimas mesmo a gente tenta cantar pra galera deixar essa vida e tudo mais. Mas ainda existe muito preconceito com essa cultura, com a forma que a gente se veste, de onde a gente vem e tal... Aqui vem gente de todo canto da cidade, **até da Jaiara** que é bem longe, sabe? Aquele menino ali mesmo **vem a pé da Jaiara!** Quando acaba muito tarde a gente faz uma vaquinha e paga um transporte pra ele voltar. Aqui nem todo mundo estuda, porque tem que se virar pra trabalhar, ajudar em casa e tudo... Isso a gente não aprende na escola, sabe? A gente aprende a raciocinar, calcular... muito bom. Mas sobreviver na vida mesmo, você ter que ir ali vender uma jujuba, a gente só aprende a sobreviver na rua. A gente quer ver esses meninos crescer com o *rap*. Tem muita gente que daqui já foi pra Brasília, São Paulo, e que já tá conseguindo fazer a vida, e começaram aqui, batalhando no Ipiranga. Então é uma cultura que merece respeito, entendeu? Tem que dar mais valor a isso aqui!

Ilustração 102 - Grupo de *rap* Batalha do Ipiranga, todo domingo às 17hs no Parque Ipiranga.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Rugosidades e renovação da paisagem



### 3.4 O QUE SE DIZ, DE ONDE SE VÊ: DESCOSTURANDO CONSENSOS, FORMAS E CONTEUDOS

Pretende-se reiterar a ideia de que não há uma imagem consensual do bairro Jundiaí, mas sim imagens diversas que dependem de onde se encontra o observador e da forma como este enxerga e se relaciona com o espaço. Conforme o documentário *Janelas da Alma*, o olhar é condicionado pela experiência; além dos olhos corporais, somos guiados pelos “olhos da mente”. Neste sentido, conforme Fernanda Sánchez,

Se ler a cidade significa ter uma representação de cidade, construir uma imagem de cidade significa também compreender e interpretar e, sobretudo, sintetizar, dada a complexidade do fenômeno observado. Porém, “leituras”, no plural, implicam que a cidade pode ser representada, ou melhor, imaginada, a partir de diversos olhares. Não há uma única leitura possível. O que se vê depende de onde se olha e para onde se olha (RIBEIRO, 1999), e a análise deve identificar de quem são esses olhares ou quem realiza essas leituras (SÁNCHEZ, 2001, p. 4).

Conforme Lefebvre, “O discurso tem poder e faz parte dos meios do poder”. (LEFEBVRE, 1991, p. 186). Sanchez coloca ainda que “Trata-se de uma luta pelas representações dominantes, uma disputa para impor visões de mundo manipulando imagens do real” (SÁNCHEZ, 2001, p. 38). Voltando a citar Foucault,

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe define (FOUCAULT, 2007, p.12).

Inserindo novamente no debate as questões corporais, para Merleau-Ponty, o corpo faz parte do mundo visível, mas também depende do movimento. “Todos os meus deslocamentos por princípio configuram num canto de minha paisagem, estão reportados ao mapa do visível” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 14). Complementando, Pallasmaa afirma que “Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração” (PALLASMAA, 2011, p. 11). E Silva conclui:

A recriação destas ideias e consensos, a produção de narrativas que cartografem outros espaços e que coloquem em existência outras presenças e ausências, cartografias que reiterem as disputas travadas pela existência de diferentes modos de fazer a vida na cidade, corpos “Fazendo a vida apesar e com o que simplesmente aí está e é” (RIBEIRO, 2012, p. 58), desta maneira, torna-se a tarefa ético-política da prática urbana que possui a potência da imaginação a fundamentar seu funcionamento. Tarefa ético política no enfrentamento pela não permanência ou não cristalização de uma específica ideia urbana, a possibilitar a cidade do dissenso, da diferença e da multiplicidade edificada a partir da produção constante de perspectivas e narrativas outras (SILVA, 2017, p.29).



### 3.5 NARRATIVAS DO ESPAÇO: ATRAVESSANDO COTIDIANOS NO JUNDIAÍ

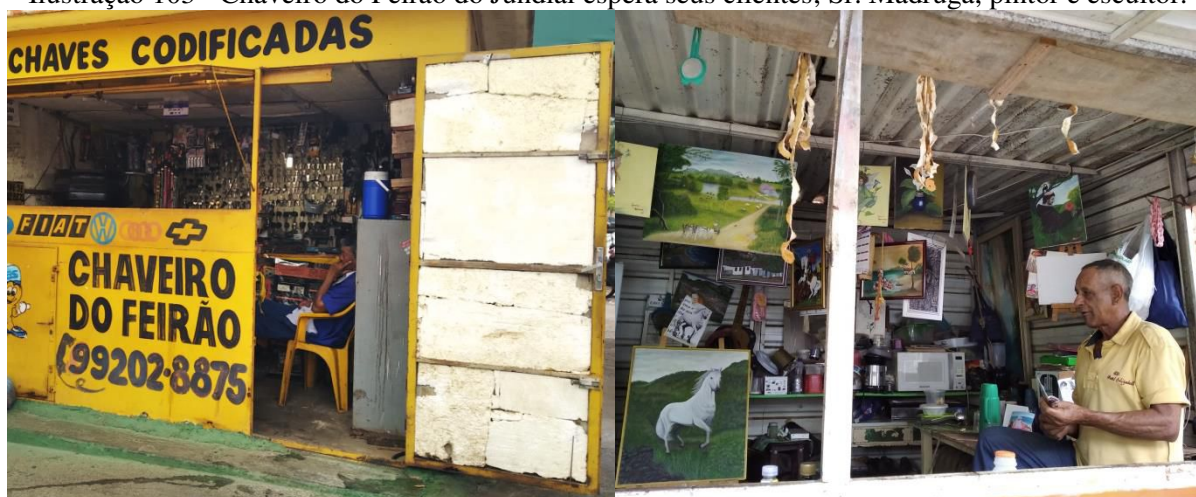
**Diário de bordo.** 9 de janeiro, quinta-feira; manhã (Feira Coberta)

- E aí, já escolheu seu sacolão de hoje? Eu acabei de chegar, menina, e já cheguei debaixo de chuva! Olha só, que pena, gente... Molha tudo! Como esse povo sofre, né. Segurando a lona pro vento não carregar a tenda! Olha lá a dona Carmem, gente! Essa mulher é batalhadora, viu... Vem é cedo puxando o carrinho de tempero! Depois você vai lá, ela tem uns temperos prontos ótimos pra fazer carne, tudo uma delícia, precisa de ver! Nossa, que chuva! Isso podia ser mais fechado, sei lá. Tomara que passe logo... Você mora aqui perto também? Eu moro logo ali num condomínio. Minhas filhas, irmãs, ficam doidas pra eu me mudar daqui, porque tô sozinha... Mas não quero não, uai, aqui tenho tudo perto! Se preciso de banco, dá pra ir a pé; pra farmácia, vou a pé; tem a feira, tem tudo! Morei 9 anos no centro, depois vendemos lá e vim pra cá. Só gosto desses dois lugares da cidade; do resto, nunca gostei não.



Neste item, foram registradas algumas *realidades* com as quais nos deparamos no cotidiano através do exercício de campo, buscando concluir o capítulo. Para isso, é preciso definir o conceito de cotidiano que adotamos aqui. Valorizamos ainda, nas experiências de campo, a aproximação com personagens interessantes, acreditando que “o pesquisador realiza a tarefa de abertura em direção ao outro para que se torne possível a leitura de um universo que lhe é desconhecido e para que o outro também possa ajudá-lo a desvendar os significados que a realidade traz embutida” (FERNANDES, 2011, p. 109).

Ilustração 103 - Chaveiro do Feirão do Jundiaí espera seus clientes; Sr. Madruga, pintor e escultor.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

No meio de tantas andanças, encontramos nos relatos dos personagens entrevistados, o Jundiaí extraoficial. E não apenas nos relatos e no que foi possível apreender ouvindo diversas histórias e opiniões, mas também a partir de episódios em particular, que retratam ritmos diferentes, marcando a diversidade do cotidiano do bairro para quem nele vive. Conforme

Lefebvre, “A cotidianidade prática se sobrepõe à cotidianidade do imaginário, onde o desejo encontra satisfações imaginárias, vive e sobrevive de maneira imaginária, estabelece para si mesmo uma permanência imaginária e saturações imaginárias” (LEFEBVRE, 1991, p. 183-184). “Adentrando os mundos da vida”, como sugere-nos Souza (2013, p. 160), abaixo do que se conhece ou se ouve falar do lugar, olhando atentamente para os acontecimentos ao nosso redor enquanto caminhamos, podemos encontrar esta cotidianidade.

Ilustração 104 - Homens pegando manga na Av. José Neto Paranhos.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Gestos que despertam sensações diversas, de acolhimento, estranhamento, humor, medo, pertencimento, surpresa, tranquilidade... Sensações que nos transmitem as cenas de uma trama que se passa no próprio espaço urbano, encenado com intensidades tão diferentes por cada um dos personagens, dos atores envolvidos. Dos tempos de espera; do pegar a manga na calçada e sair comendo ao longo do caminho; da conversa na porta de casa, do bar ou da vendinha; do convite à igreja (Ilustração 105); dos avisos de porta ou da advertência pregada no muro pra que parem de roubar mudinhas do jardim (Ilustração 106); do “Armário solidário” e da “Geladeira literária” (Ilustração 107) que a vizinhança instalou; e outros pequenos episódios que nos contam um pouco de quem vive este espaço e o torna vivo. Certeau (2008, p. 175) coloca:

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade.

Consideramos as narrativas da rua como um misto de ações simples e complexas, capazes de transformar um lugar de sua face ao avesso quando se dobra uma esquina, ao caminhar por mais um quarteirão. Tornam-se mais evidentes algumas fronteiras, limites simbólicos que já apareceram aqui em teoria, mas que no tal espaço vivido, saltam à vista. Lugares e situações nos quais o tempo parece literalmente mais lento, faz quase uma pausa para que tal coisa aconteça. Para os que vivem em *outros tempos*, na lógica da cotidianidade programada, cujo maior exemplo é o automóvel (LEFEBVRE, 1991, p. 110), isso poderia ser

insignificante, até mesmo perda, prejuízo; “E o cotidiano não é a soma das insignificâncias?” (LEFEBVRE, 1991, p. 33).

Ilustração 105 - Senhores conversam na porta do “Secos e molhados”, em frente à Santa Casa; senhores evangelizando colega durante nossa deriva fotográfica.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Para Gregory, “Espaço concreto é o espaço da vida cotidiana, um espaço que é enquadrado, restrito e colonizado pela economia e pelo estado; mas [...] é também o rastro e a memória de outras maneiras de estar no mundo” (GREGORY, 1994, p. 402) [tradução nossa]. Estas outras maneiras é que configuram a alteridade que enriquece o lugar, que é bem mais que o bairro nobre imaginado, homogêneo, oficioso; é, novamente, heterotópico.

Ilustração 106 – “Volto já” em floricultura; advertência em muro de uma casa na Rua Carreiros.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Entre o espaço legal, constituído e planejado, e o espaço apropriado pelos usuários, está a chave de leitura do cotidiano urbano. Bem perto do parque cartão-postal da cidade, uma instalação feita pelos vizinhos, mas que, segundo o dono do bar bem em frente, “os meninos

da escola [Colégio Estadual Prof. Heli Alves] passam bagunçando tudo quase sempre”. O conjunto destes fatos é que transforma o espaço num lugar praticado (CERTEAU, 2008, p.217).

Ilustração 107 - “Armário solidário: se puder, deixe; se precisar, leve” e “Geladeira literária: pegue, leia, devolva” em calçada próximo ao Parque Ipiranga.



Fonte: registros da autora em experiências de campo.

Por isso, retoma-se a ideia de Foucault, ao afirmar que *as palavras* não abarcam todos os significados das *coisas* que representam, no sentido de que o bairro Jundiaí é bem mais complexo que imaginávamos inicialmente, se partimos dos discursos e imagens associados a ele no imaginário urbano, e o cotidiano nos demonstra essa complexidade. Novamente em Lefebvre, “Transformar o cotidiano é produzir algo novo que pede palavras novas” (LEFEBVRE, 1991, p. 213).

Feira coberta



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bairro Jundiaí, destacado no contexto da cidade de Anápolis por seu planejamento urbano, consegue destacar-se também no imaginário coletivo como um bairro nobre, *locus* do desenvolvimento e do progresso da cidade – cuja força imagética não difere muito da do bairro no cenário regional. Apontada pelos veículos de informação como lugar estratégico e de qualidade de vida, Anápolis é vista como uma cidade média entre duas capitais, na qual é promissor investir e morar, enquanto desvia-se ainda dos problemas próprios das metrópoles.

Em resposta aos anseios modernizadores da era ferroviária que despontou em Anápolis na década de 1930, a administração local investiu em melhoramentos urbanos na área central e preparou a cidade para receber o fluxo de migrantes que os trilhos previam. Neste impulso é que se deu a associação de líderes comerciais locais para propor novos loteamentos, empenhados na expansão urbana e na conseqüente demanda residencial. Nestas circunstâncias, tendo contratado o projeto do Bairro Jundiaí ao engenheiro de São Paulo, dr. João Alves Toledo, que fez um desenho orgânico com referências nos ideais da *cidade-jardim* inglesa, não foi difícil associar ao projeto um discurso de modernidade, desenvolvimento e qualidade de vida.

O que instigou os questionamentos desta pesquisa foi observar justamente a resistência desta imagem que prevalece ainda hoje, mesmo considerando que o espaço construído não seguiu as determinações do desenho, desviando das intenções do projetista assim que o loteamento foi apropriado. Nas décadas seguintes, com a construção de estabelecimentos comerciais e institucionais de educação e saúde – inclusive em áreas que seriam originalmente destinadas a praças e predominância de verde – o bairro foi tomando um caráter de uso misto, fato que serviu para reforçar o discurso atrativo do lugar, sendo considerado uma nova centralidade, seguida da ideia de um bairro independente, “uma outra cidade em Anápolis”.

Os debates teórico-conceituais, permeados por leituras interdisciplinares, deram pistas para a investigação da imagem urbana do bairro Jundiaí, e em que medida estas representações espaciais são apropriadas no imaginário coletivo, consolidando a memória do lugar na subjetividade dos cidadãos. As entrevistas demonstraram, a partir da opinião de habitantes, que existe um forte sentido de pertencimento e de apreço pelo bairro e por alguns de seus principais marcos, especialmente a Igreja e o Colégio São Francisco. Outros

entrevistados, apesar de não morarem ali, compartilham de opiniões parecidas e confirmam, em sua maioria, os discursos dominantes, as imagens-síntese.

Enfatiza-se também as repercussões da implantação do Parque Ambiental Ipiranga, que retomam e reforçam ainda mais as representações do bairro, novamente sustentado pelas vantagens dos aspectos não urbanos: o contato com a “natureza”, o frescor, o verde, a beleza da vista, etc. A urbanização da área, inaugurada como parque em 2010, ressignificou a imagem do lugar atraindo valorização ao seu entorno, inclusive, ou, principalmente, no que se refere a valor econômico, com a intensificação da construção de edifícios residenciais de múltiplos pavimentos vendidos a altos preços (alguns apartamentos custando cerca de três milhões de reais), além da transformação no padrão de lojas e restaurantes, que acompanham estética e gastronomicamente a valorização imobiliária.

Reforçada a imagem, a ação publicitária investe em discursos cada vez mais convincentes, como criar “novas formas de viver”, aproveitando-se da “melhor vista” da “melhor localização do melhor bairro”, no qual é possível notar que habitar nele tem sido mesmo “um privilégio para poucos”. A presença do automóvel é cada vez mais intensa nos programas deste novo modo de habitar, com duas a quatro vagas por apartamento, sem falar nos edifícios multifuncionais que estão em obras e já prometem cinco pavimentos exclusivos de garagem. Mas será que esta imagem diz respeito a todo o bairro? Esta era a questão inicial que foi rapidamente desmitificada pela principal ferramenta metodológica desta pesquisa: a caminhada, o exercício de percorrer o bairro, de percebê-lo sensivelmente, com o corpo.

E quando, a partir do terceiro capítulo, propõe-se confrontar o lugar, não houve a pretensão de trazer grandes revelações ou surpresas, mas de costurar, de aproximar interpretações entre as diferentes possibilidades de se imaginar, representar, habitar este bairro na prática, no cotidiano. Por isso se fez cabível a discussão do conceito de heterotopia, inicialmente a partir da leitura de Foucault, seguindo à aplicação do conceito para os estudos do espaço urbano, compreendendo a riqueza destes *espaços outros*, nos quais se manifesta a complexidade e heterogeneidade do bairro.

A experiência da caminhada e a proposta da instalação do varal de fotos foram fundamentais para a aproximação da realidade do bairro e dos sujeitos que nele vivem; foi um verdadeiro mergulho para observar a dinâmica de alguns dos principais pontos: Praça Dom Emanuel, com intenso fluxo entre as sete agências bancárias envolta da praça (somando-se as

duas na avenida próxima, contam-se nove agências); Feira Coberta, com a típica aglomeração às quintas e domingos de manhã, atraindo pessoas de todas as partes da cidade pra comprar e pra vender, além do encontro de carros antigos às sextas à noite; SESC, que era pra ser praça, mas é uma rotatória pela qual confluem tantos carros e ônibus, dinamizando as vendas de coco, lichia, morango, queijo, carvão, etc.; e o famoso Parque Ipiranga, que mesmo recente no contexto histórico (2010), já desponta como ponto de referência no bairro e na cidade. Nestes dias de varal, de observação e de conversa, quanta história partilhada, quanto aprendizado!

E partindo dessas histórias, seguiram as apostas de cartografia, das quais se ressaltam essencialmente duas questões: 1) o bairro não é homogêneo, mas possui regiões onde imperam espaços *luminosos* e *opacos*, e pontos focais de maior ou menor influência pra dinâmica local; 2) o bairro não é, nunca foi independente – este termo entendido aqui como autossuficiente pelo que se pode apreender nas entrevistas – mas composto de mercadorias e de mão-de-obra que se originam e percorrem tantas outras partes da cidade, algumas periféricas, exigindo um considerável deslocamento, que deve tornar-se fatigante no dia-a-dia, especialmente para os que o fazem a pé ou no transporte público urbano, ainda pouquíssimo planejado e administrado em Anápolis. Mesmo assim, essas pessoas se deixaram conhecer, esses que, num ritmo tão diverso se dirigem ao bairro pra oferecer cocada, vender a produção de pepininho do próprio quintal, ou que saem “lá da Jaiara” pra batalhar o *rap* no Ipiranga aos domingos.

Todas essas trajetórias reunidas, costuradas, dizem em outras palavras que apesar de aparentar, não existe uma imagem consensual que consiga definir o bairro Jundiáí. Quando se atravessam seus cotidianos, olhando mais para dentro, para os avessos do que é posto, isso fica ainda mais evidente. Ao optar por sair dos pontos de confluência do bairro, percorrendo suas ruas normais, registram-se rastros de uma vida ordinária, prática, cotidiana, mas que não deixa de ter também *nobreza*, talvez, justamente por ser democrático, heterogêneo, *heterotópico*.

É possível identificar algumas imagens que se destacaram nestes percursos, como a forte presença de academias e quadras de esporte que tem sido abertas, inclusive refuncionalizando edifícios que eram antes destinados a outros usos, como antigas residências e galpões. Outro aspecto a reforçar é a quantidade de animais domésticos, especialmente no Parque Ipiranga e suas imediações, e conseqüentemente, a implantação de inúmeros *pet-shops* que, espalhados por todo o bairro, atendem a diferentes públicos.

Observa-se também uma paisagem em mutação, renovação. Em muitos pontos do bairro encontram-se placas de venda ou aluguel de edifícios, e em tantos outros, há sinais de demolição para dar espaço a novas construções, muitas delas sendo edifícios residenciais de múltiplos pavimentos, como visto no item 2.3, e outras para abrigar restaurantes, salas comerciais e de prestação de serviços e galerias multifuncionais, nos quais se identifica uma produção arquitetônica que segue padrões projetuais e de acabamento determinados e massificados.

Além disso, outro ponto que chamou a atenção desde as primeiras atividades de campo, é a convivência de elementos próprios do meio rural no espaço urbano, desde a presença dos quintais com vegetações de porte menor, a verdadeiros pomares, com diversas árvores frutíferas, galinheiros e outros espaços destinados à criação de animais. Algumas vezes, a caminhada parecia estar ocorrendo numa cidade interiorana, e não no bairro mais nobre e moderno da cidade. Estes cenários, justapostos entre uma e outra esquina, compõem uma paisagem complexa, na qual convivem e relacionam-se diferentes modos de vida.

Entre tantos debates teórico-conceituais apresentados aqui, transitando por campos disciplinares os mais diversos – arquitetura e urbanismo, filosofia, geografia, sociologia, etc. – destaca-se novamente a importância da literatura, que além de atenuar a vista cansada da pesquisa, desenvolveu sensibilidades e abriu caminho à correspondência com outras artes, como a fotografia, que, desde que se apostou nela como meio de registro, foi bastante empregada no trabalho, visto que este fala de imagem, um termo caro à fotografia.

Por fim, tendo sanado as principais indagações, e inquietada ainda com outras que podem desenrolar-se em futuras pesquisas – como a questão da segregação no entorno do parque, que preocupa alguns dos entrevistados, ou ainda os impactos ambientais da verticalização intensa próximo aos cursos d'água, especialmente da nascente do Ipiranga – enfatiza-se a relevância temática de se pesquisar a imagem urbana e suas repercussões no espaço urbano e, mais ainda, a valorização da metodologia da caminhada para quem pretende estudar e atuar na cidade, acreditando que o bom urbanismo “se faz a pé” (SECCHI, *apud* VALVA, 2011). Espera-se, então, que esta pesquisa contribua para instigar novos estudos nesta área.

Rural e urbano



- Olha o gambá!



## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.
- ACSELRAD, Henri. (org). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010.
- ALVES, Glória da Anunciação. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano. *In*: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013.
- ARANTES NETO, Antonio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. Niterói: o meio natural, o meio urbano e a imaginação como valores para a preservação. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imagem**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p 246-249.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BATISTA, Godofredo Sandoval. **Anápolis: 150 anos de bairrismo**. Goiânia: Kelps, 2010.
- BIASE, Alessia de. Alessia de Biase entrevista Ana Clara Torres Ribeiro. *In*: **REDOBRA**. Salvador: PRONEM/UFBA, n. 9, 2012. ISSN: 2238-3794. Semestral. p. 9-21.
- BISPO, Laio Sampaio. **Biopoder, espetacularização urbana e ação multitudinária: a resistência biopolítica através das imagens na cidade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- BLEY, Lineu. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. *In*: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs.) **Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: UFSCar, 1996.
- BONFATO, Antônio Carlos. **Águas de São Pedro por Jorde Macedo Vieira: ressonâncias e traduções do modelo "Garden City" na estância hidromineral paulista**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). PUC-Campinas, 2003.
- BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.
- BORJA, Jordi. Urbanização e centralidade. *In*: MEYER, R. M. P. (Org.). **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo, Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Terceiro Nome, 2001.
- CABRAL, Ana Laura Lopes. O processo de privatização de espaços públicos no bairro Jundiá, em Anápolis. **Relatório Final – PIVIC** (Programa Institucional de Voluntariado em Iniciação Científica). Trabalho orientado pelo prof. Dr. Patrick di Almeida Vieira Zechin, UEG, 2016.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, edição 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAVES, Ana Paula Nunes; AQUINO, Júlio Groppa. Rastros de uma heterotopia urbana: o caso do Parque Ibirapuera, SP. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 802-819, nov./2016. ISSN: 1676-2592. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646408>. Acesso em: jan./2020.

CHIAVARI, Maria Pace. Rio de Janeiro: de Paraíso a Narciso. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p 81-86.

COLUSSO, Paolo Federico. *Wim Wenders: Paesaggi luoghi città*. Testo & Immagine, Italia, 1998.

CORRÊA, Roberto. Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano**: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

CUNHA, Wânia Chagas Faria; SANTOS, Kesia Rodrigues dos. O Daia, a economia e o espaço urbano de Anápolis (GO). **Revista de Economia da UEG**. Vol. 13, N.º 2, jul./dez.2017.

DAOU, Ana Maria. Sobre os avessos da história e dos espaços urbanos no Brasil. *In*: ANDRADE, Rubens de.; TERRA, Carlos (orgs.). **Avesso da paisagem**: percepção artístico-urbana e dimensão socioespacial. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2012. p. 157-166.

DITTMAR, Adriana; HARDT, Letícia Peret Antunes. A cidade e seus vazios: um ensaio sobre vivência e espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba. *In*: FERRARA, Lucrécia D'Alessio; DUARTE, Fábio; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). **Curitiba**: do modelo à modelagem. São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

DUARTE, Fábio. Cidade, modos de usar: um ensaio sobre Curitiba. *In*: FERRARA, Lucrécia D'Alessio; DUARTE, Fábio; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). **Curitiba**: do modelo à modelagem. São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

FARIAS, Ana Carolina Carvalho; BRITTO, Pedro Dultra. A urbanidade das áreas verdes do Setor Sul / Goiânia – Cartografando bricolagens e desejos. *In*: **I Seminário Nacional Pensando o Projeto, Pensando a Cidade**. Goiânia, 2016. Disponível em: <http://sobrurbana.com/wp-content/uploads/2017/01/urbanidade-das-%C3%A1-verdes-st-sul-cartografando-bricolagens.pdf>. Acesso em: jun/2019.

FERNANDES, Maria Esther. **Vivências de campo**: o ofício do pesquisador. Marília: FUNDEPE, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1997.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **O olhar periférico**: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Modelar a cidade. *In*: FERRARA, Lucrécia D'Alessio; DUARTE, Fábio; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). **Curitiba**: do modelo à modelagem. São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2011.

- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Revisão técnica de Fraya Frehse. Original em francês: “Des espaces autres”, publicado em **Dits et écrits** (v.5, Paris: Gallimard, 1994).
- FREITAS, Rivalino Antônio de. **Anápolis – passado e presente**. Anápolis: Voga, 1995.
- FREITAS, Rivalino Antônio de. Anápolis, fundos públicos e expansão urbana: 1957-1997. In: TOSCHI, M. S. **100 anos: Anápolis em pesquisa**. Anápolis: [s.n], 2007. p. 35-45.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Cadinho do Brasil: Uruaçu...** Cidade-beira, cidade-fronteira nos caminhos do sertão de Goiás (1910-1960). Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.
- GREGORY, Derek. **Geographical Imaginations**. Blackwell, Cambridge MA & Oxford UK, 1994.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos. **Gestão da qualidade da paisagem e de vida da população urbana: ensaio metodológico aplicado a Curitiba, Paraná**. 2007.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HASSENPFUNG, Dieter. **Sobre a centralidade urbana**. In: *Arquitextos*, v. 08, jun 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/235>. Acesso em: abril/2019.
- HENRIQUE, Wendel. A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 20, pp. 65 - 77, 2006.
- HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/3dz/pdf/henrique-9788523209117.pdf>. Acesso em: mar./2019.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. In: **Arquitextos** (São Paulo), 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>. Acesso em: jul. 2019.
- KOHLSDORF, Maria Elaine; KOHLSDORF, Gunter. **Dimensões morfológicas dos lugares: Dimensão Topoceptiva**. Brasília, março de 2005. Disponível em: <https://www2.ufscar.br/>. Acesso em: 03/10/2018.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Cidade e Lugar - sua representação e apropriação ideológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 5, maio de 2002.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1959.
- LUZ, Janes Socorro da. **A (Re)Produção do Espaço de Anápolis/GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, 349 p., 2009.
- MACHADO, Denise B. Pinheiro. Apresentação. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 9-12.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – Um certo olhar**. Goiânia: Edição do autor, 2001.
- MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (orgs.). **Atlas Ambulante**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.
- MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MOTA, Juliana Costa. **O Setor Sul em Goiânia: o espaço público abandonado**. *In*: III Seminário Docomomo Brasil – A permanência do Moderno. São Paulo, 1999. Disponível em: [http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Juliana\\_mota.pdf](http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Juliana_mota.pdf). Acesso em: jun/2019.
- MOTA, Juliana Costa. **Planos Diretores de Goiânia, década de 60: a inserção dos arquitetos Luis Saia e Jorge Wilhelm no campo do planejamento urbano**. 218 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.
- MOURA, Arnaldo Salustiano de. **Cotidianos anapolinos – dos anos 20 até 1970: Um olhar ao passado através dos documentos legislativos**. Goiânia: Kelps, 2012.
- NEVES, Priscila Pires Corrêa. **Práticas artísticas, Setor Sul, Goiânia-GO: Apropriação e grafitagem na fisionomia urbana de um Bairro-Jardim**. 186 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uberlândia, 2018.
- OLIVEIRA, Beatriz. O direito da cidade e o avesso da arte. *In*: ANDRADE, Rubens de.; TERRA, Carlos (orgs.). **Avesso da paisagem: percepção artístico-urbana e dimensão socioespacial**. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2012. p. 201-228.
- OSTERMANN, Erika Alezard. Imagem urbana: Percepção e Devaneio. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 157-164.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; e ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Comércio e serviços: A centralidade urbana na cidade média de Juazeiro do Norte/CE. **IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem**. Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.

PITANGUY, Yedda. Cidade, projetos e cotidiano. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 126-129.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Introdução à história política de Anápolis (1819-2007)**. Anápolis: Edição do autor, 2007.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Anápolis nos tempos da ferrovia**. Goiânia: Kelps, 2011a.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Ensaio sobre a história de Anápolis**. Goiânia, Kelps, 2011b.

RAMOS, Tatiana Tramontan. Heterotopias urbanas: Espaços de poder e estratégias sócio-espaciais dos Sem-Teto no Rio de Janeiro. **Polis** [Online], 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/916>. Acesso em: jan./2020.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Imaginação e metrópole: as ofertas paradigmáticas do Rio de Janeiro e de São Paulo. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 55-62.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação. *In*: SILVA, Catia Antonia da (org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homes lentos, opacidades e rugosidades. *In*: **REDOBRA**. Salvador: PRONEM/UFBA, n. 9, 2012. ISSN: 2238-3794. Semestral. p. 58-71.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne; LINS, Antônio José Pedral Sampaio. Cidade-Imagem-Imaginação. *In*: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 259-263.

ROCHA, Hélio. **Anápolis: e assim se passaram 100 anos**. Goiânia: Kelps, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, Ed. Da UFRGS, 2006.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 31-49, jun. 2001.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Antônio Silveira R. dos. **Aposseamento administrativo de bens de uso comum do povo (ruas, praças, vielas, etc.):** direito à indenização, 2000. Jus Navigandi, Teresina, ano 4, n. 45. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/480/aposseamento-administrativo-de-bens-de-uso-comum-do-povo-ruas-pracas-vielas-etc>. Acesso em: abril/2019.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SCHWREZ, João Paulo. **Patrimônio e Planejamento:** Aproximações a partir da paisagem de Agudo-RS. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço:** habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002.

SILVA, Maria Angélica. da. Gestos dizendo paisagens, histórias urbanas e o espelho de Alice. *In:* ANDRADE, Rubens de.; TERRA, Carlos (orgs.). **Avesso da paisagem:** percepção artístico-urbana e dimensão socioespacial. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2012. p. 111-124.

SILVA, José Fábio da. **O progresso como categoria de entendimento histórico:** um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957). 178 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2014.

SILVA, Ramon Martins da. **Do caminhar que imagina, do imaginar que constrói:** a potência da imaginação na construção de cotidianos urbanos. 170 f. il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, Ana Caroline Caixeta. **Do edifício histórico ao espaço urbano:** um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO. 174 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Programa de Pós Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER), Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SIQUEIRA, Thalita Aguiar; CABRAL, Ana Laura Lopes. O Bairro Jundiá em Anápolis – GO: Desigualdades sócioespaciais. *In:* **IV SEPE** - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH, set./2018. ISSN 2447-9357

SOUZA, Célia Ferraz de. Entre a cidade do desejo e a cidade do possível: um plano de melhoramentos para Porto Alegre em 1914. *In:* MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) **Cidade e Imaginação.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 208-222.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano.** 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Multi(poli)centralidade urbana. *In*: SPOSITO, Eliseu Savério; SANT'ANNA NETO, João Lima. (Org.). **Uma Geografia em Movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 199-228.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

TARDIN, Raquel. TransFORMAR a paisagem. *In*: ANDRADE, Rubens de.; TERRA, Carlos (orgs.). **Avesso da paisagem: percepção artístico-urbana e dimensão socioespacial**. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2012. p. 45-70.

TREVISAN, Ricardo. Introdução do ideário cidade-jardim no Brasil. *In*: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda. (orgs.). **Arquitetura, estética e cidade: questões da modernidade**. Brasília: FAU-UNB, 2014.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano (p. 75 - X). *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; e MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAINER, Carlos; OLIVEIRA, Fabrício Leal de; JUNIOR, Pedro de Novais Lima. Notas metodológicas sobre a análise de grandes projetos urbanos. *In*: OLIVEIRA, Fabrício Leal de; CARDOSO, Adauto Lúcio; COSTA, Heloísa Soares de Moura; VAINER, Carlos. (org). **Grandes projetos metropolitanos: Rio de Janeiro e Belo Horizonte**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

VALVA, Milena d'Ayala. **Da renovatio urbis à cidade porosa: um laboratório para a cidade contemporânea**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, Projeto, Espaço e Cultura. São Paulo, 2011.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VITRY, Christian. *Reverso del espacio geográfico Andino: una propuesta desde la arqueología del paisaje*. *In*: ANDRADE, Rubens de.; TERRA, Carlos (orgs.). **Avesso da paisagem: percepção artístico-urbana e dimensão socioespacial**. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2012. p. 299-326.

### Revistas e Periódicos

A CINQUENTENÁRIA. **Anápolis**. 1957. Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

ESPÍRITO SANTO, Sebastião do. O Jundiá não exige muito. *In*: **O Anápolis**. 5 jul. 1956.

GAZETA DE ANÁPOLIS. **Anápolis**. 1977. Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

IMAGEM ATUAL. **Anápolis**. Década de 1980. Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O ANÁPOLIS. **Anápolis**. Décadas de 1940 e 1950. Semanal. Acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

## Portais e sítios eletrônicos

Anápolis. **Lei Orgânica do Município de Anápolis/GO**, de 06 de julho de 2009. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-anapolis-go>. Acesso em: mar./2019.

Anápolis. Lei nº 3.603, de 19 de Dezembro de 2011. **Institui o Hino do Bairro Jundiá e dá outras providências**. Anápolis, GO, dez 2011. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/lei-ordinaria/2011/361/3603/lei-ordinaria-n-3603-2011-institui-o-hino-do-bairro-jundiái-e-da-outras-providencias>. Acesso em: abril/2019.

ANÁPOLIS. **2º Festival Gastronômico e Cultural foi realizado em Anápolis, 2012**. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/multimedia/noticias/ver/2-festival-gastron-mico-e-cultural-foi-realizado-em-an-polis>. Acesso em: jan. 2020.

ANÁPOLIS. **Prefeitura de Anápolis promove educação ambiental com projeto Caminho das Águas**, 2013. Disponível em: <http://anapolis.go.gov.br/portal/multimedia/noticias/ver/prefeitura-de-an-polis-realiza-projeto-caminho-das-guas>. Acesso em: fev. 2019.

Anápolis. Lei Complementar nº 349, de 07 de julho de 2016. **Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Anápolis**. Anápolis: DOU de 15/7/2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/go/a/anapolis/lei-complementar/2016/35/349/lei-complementar-n-349-2016-dispoe-sobre-o-plano-diretor-participativo-do-municipio-de-anapolis>. Acesso em: fev. 2019.

ANÁPOLIS. **Praças e outros espaços públicos são “adotados” por empresas**, 2018. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/multimedia/noticias/ver/praasas-e-outras-espaaos-paoblicos-sapo-aadotadosa-por-empresas>. Acesso em: fev. 2019.

CE – Construtora Engecom. **Residencial Rio Giom**. Disponível em: <http://www.construtoraengecom.com.br/imoveis/go/anapolis/residencial-rio-giom>. Acesso em: fev. 2019.

EMISA INCORPORADORA. **Belvedere du Parc**. Disponível em: <https://construtoraemisa.com.br/empreendimentos/belvedere-du-parc/>. Acesso em: jul/2019.

ENGECON. Construtora. Lançamentos. **Genesis Office**. Disponível em: <http://www.engecomconstrutora.com.br/imovel/genesis-office>. Acesso em: set/2019.

ENGECON. Construtora. Pronto pra morar. **Residencial Eufrates**. Disponível em: <http://engecomconstrutora.com.br/imovel/residencial-eufrates>. Acesso em: set/2019.

GRUPO PROENG. **Lançamento Ipiranga Park**. Disponível em: <https://www.grupoproeng.com.br/empreendimentos/ipiranga-park/>. Acesso em: set/2019.

G1.GLOBO.COM. **Pesquisa do IPEA aponta o Centro-Oeste como a região mais positiva com relação ao amanhã**. 01/11/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/11/pesquisa-do-ipea-aponta-o-centro-oeste-como-regiao-mais-positiva-com-relacao-ao-amanha.html>. Acesso em: abril/2019.

G1 GLOBO/GO. **Já pensou em morar na cidade mais feliz do Centro-Oeste? Conheça Anápolis**. Por Faculdade Metropolitana de Anápolis – FAMA, 28/01/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/especial-publicitario/faculdade-metropolitana-de-anapolis-fama/noticia/2019/01/28/ja-pensou-em-morar-na-cidade-mais-feliz-do-centro-oeste-conheca-anapolis.ghtml>. Acesso em: jul/2019.

IBGE. **Panorama do município de Anápolis conforme Censo de 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/anapolis/pan>. Acesso em: abril/2019.

JORNAL CONTEXTO. **Prefeitura anuncia o parque do Ipiranga**, jan. 2010. Disponível em: <http://www.jornalcontexto.net/prefeitura-anuncia-o-parque-do-ipuranga>. Acesso em: mar. 2019.

JORNAL CONTEXTO. **Córrego do Parque Ipiranga pode estar em risco, alerta Prefeitura**, set. 2014. Disponível em: <http://www.jornalcontexto.net/corrego-do-parque-ipuranga-pode-estar-em-risco-alerta-prefeitura>. Acesso em: mar. 2019.

LC – Lugar Certo. **Apartamento com 4 quartos à venda no bairro Jundiá, 324 m²**. Disponível em: <https://www.lugarcerto.com.br/imovel/apartamento-4-quartos-jundiai-anapolis-com-garagem-324m2-compra-e-venda-rs950000-id-341595221>. Acesso em: fev. 2019.

MIA – Morar Imobiliária Anápolis. **Anúncio eletrônico Casa Opus Ipiranga**, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/MorarImobiliariaAnapolis/photos/a.758600427545564/758632930875647/?type=3&theater>.

O POPULAR. **No Setor Sul, praças abandonadas são usadas como puxadinhos particulares**. 04/08/2017. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/>. Acesso em: jun/2019.

O POPULAR. **Áreas verdes estão sem destino no Setor Sul**. 20/01/2019. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/>. Acesso em: jun/2019.

OPUS IC. Incorporadora. **Casa Opus Ipiranga**. Disponível em: <http://opusic.com.br/imovel/casa-opus-ipuranga/>. Acesso em: jul/2019.

OPUS IC. Incorporadora. **Forma Opus Jundiá**. Disponível em: <http://opusic.com.br/imovel/forma-opus-jundiai/>. Acesso em: jul/2019.

PORTAL 6. **Anápolis sela convênio para construir Jardim Botânico ao lado do Ipiranga**, 2018. Disponível em: <https://portal6.com.br/2018/02/26/anapolis-recebera-r21-milhoes-do-governo-para-construir-novo-centro-administrativo1/>. Acesso em: mar. 2019.

PR – Paiva Roci. **Belvedere du Parc**. Disponível em: <http://paivaroci.com.br/imoveis/belvedere-du-parc/>. Acesso em: fev. 2019.

PREMIERE. Imóveis. **Bairros em Anápolis: um guia com as características dos principais setores da cidade**. Disponível em: <http://www.premiereimoveis.imb.br/blog/bairros-em-anapolis-caracteristicas-dos-principais-setores-da-cidade>. Acesso em: jul/2019.

SBTC. **São Francisco Business Tower**. Euro Construções. Disponível em: <https://nocoracaodojundiai.com.br/>. Acesso em: jul/2019.

SKYSCRAPERCITY. **(GO) Anápolis. Casa Opus Ipiranga. OPUS. 27 Andares**. Disponível em: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=120005661>. Acesso em: jul/2019.

**Depoimentos, entrevistas e relatos orais**

ARANTES, G. **Entrevista III** [set. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

ASMAR, João. **Depoimento** [out. 2015]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2015. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de artigo científico sobre a história do Bairro Jundiáí, em Anápolis.

FILMAGENS 1080P A 4K (Canal do *YouTube*). **Entrevista I** [jun. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

NUNES, C. L. **Entrevista VI** [out. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

RESENDE, E. M. **Entrevista VII** [out. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

ROCHA, I. A. **Entrevista VIII** [nov. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SANTOS, D. O. dos. **Entrevista IV** [set. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SILVA, M. das G. da. **Entrevista V** [out. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

SOUSA, M. A. L. C. e. **Entrevista II** [set. 2019]. Entrevistadora: Ana Laura Lopes Cabral. Anápolis, GO, 2019. Gravador de dispositivo móvel (smartphone). Entrevista concedida para produção de dissertação científica.

### **Filmes e documentários**

**Janela da Alma:** documentário, 73 minutos, Brasil, 2001.

## ANEXO A



### LEI Nº 3.603, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2011

#### **“INSTITUI O HINO DO BAIRRO JUNDIAÍ E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.”**

A **CÂMARA MUNICIPAL** aprovou e eu, **PREFEITO DE ANÁPOLIS** sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** – Nos termos desta Lei, fica instituído o Hino ao Bairro Jundiaí.

**Art. 2º** – O referido hino tem como letra o seguinte poema de autoria do Prof.  
Tiziano Mamede Chiaroti:

Das Margens do Ribeirão “João Daí”,  
Surge o mais antigo bairro de Anápolis,  
Das pequenas casa em 1943,  
Aos grandes arranhacéus atuais...

Dos glamourosos bares e restaurantes,  
Ás ricas e prósperas casas comerciais,  
Dos dias e noites alegres em seus clubes,  
Ao bem estar de um povo feliz...

Jundiaí, Jundiaí  
É o símbolo da prosperidade,  
Jundiaí, Jundiaí,  
Lugar de mil encantos Jundiaí...

Da famosa Praça Dom Emanuel,  
Aos embalos da Avenida São Francisco,  
Das lindas ruas e avenidas,  
Ao majestoso Parque Ipiranga...

Da Santa Casa de Misericórdia,  
Ao grande centro de saúde,  
O berço certo do ensino,  
Tradição, cultura e história...  
Jundiaí, Jundiaí,  
É o símbolo da prosperidade,  
Jundiaí, Jundiaí,  
Lugar de mil encantos Jundiaí.

**Art. 3º** – A música do hino do Jundiá é oficialmente a que foi criada pelos cidadão Giovani Tronconi e Roberto Brenner, cuja gravação em áudio fica arquivada na Câmara Municipal de Anápolis.

**Art. 4º** - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS**, 19 de dezembro de 2011.

***Antônio Roberto Otoni Gomide***

Prefeito de Anápolis

***Andréia de Araújo Inácio Adourian***

Procuradora Geral do Município

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** DA IMAGEM URBANA AO ESPAÇO REAL: AMPLIANDO PERCEPÇÕES SOBRE O BAIRRO JUNDIAÍ, EM ANÁPOLIS (GO)

**Pesquisador:** ANA LAURA LOPES CABRAL

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 22977019.1.0000.8113

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Goiás

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio  
FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.716.540

**Apresentação do Projeto:**

De acordo com os pesquisadores a pesquisa busca analisar o processo de construção da imagem urbana do Bairro Jundiaí, na cidade de Anápolis. Este bairro foi planejado em 1943 e divulgado nos meios de comunicação como o bairro mais nobre e bonito da cidade, ideia que perdura no imaginário da cidade, apesar de não condizer com toda a realidade encontrada em campo. Por isso, pretende-se decodificar as outras possibilidades de leitura deste lugar, gerando uma outra cartografia, baseada na experiência e na percepção do espaço vivido.

A população a ser estudada são os habitantes e/ou frequentadores do Bairro Jundiaí, aqueles que vivenciaram os momentos de planejamento, construção e desenvolvimento do bairro.

Como passos metodológicos os pesquisadores propõem uma abordagem qualitativa/subjetiva em que pretende-se avaliar o bairro Jundiaí extrapolando os limites legais estabelecidos, já que estes, não correspondem aos limites do imaginário (LYNCH, 1959), da subjetividade da vida urbana. Como recorte temporal, definimos o período desde o planejamento do bairro Jundiaí, na década de 1940, por considerar que já neste momento tem-se a construção da imagem hegemônica do bairro, reforçada pelo city marketing dos dias atuais. Recorreremos à visita aos departamentos de gestão e planejamento urbano municipais, arquivos, mapotecas e museu histórico, com o objetivo de localizar os mapas, projetos e demais informações sobre o bairro Jundiaí.

Além disso, propõe-se a eleição de um percurso metodológico que possibilite compreender a

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.716.540

apreensão da realidade pelos indivíduos. Esse item levará em consideração o que já foi sugerido e executado por diferentes autores em análises urbanas anteriores, mas buscará adequar uma metodologia que leve em consideração as especificidades do objeto de estudo e as novas linguagens e ferramentas do mundo em que vivemos como, por exemplo, as redes sociais e as diferentes mídias digitais que repercutem na vivência social (tais como Facebook, Instagram, Youtube), assumidas como instrumentos para a realização de novas análises do espaço urbano contemporâneo.

Possui cronograma e orçamento custo de 2000,00 – recurso próprio.

Tamanho da Amostra no Brasil: 50 pessoas.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Investigar as diversas percepções acerca do bairro Jundiaí, que, extrapolem e até contraponham sua imagem dominante, na medida em que representem o que se apreende na experiência sensível do bairro, tendo em vista desde o contexto urbano da cidade de Anápolis à escala local da análise, percorrendo historicamente esta construção imaterial do espaço, e tendo como suporte recursos tecnológicos atuais para apreender tais realidades.

I. Compreender o processo de produção imaterial da cidade de Anápolis, considerando-a como cidade média, e nela, encontrar o bairro Jundiaí, interpretando tanto a cidade como o bairro a partir do que é representação e do que vem a ser apropriado e refletido em termos de transformação da dinâmica e do espaço urbanos;

II. Analisar o processo de construção do bairro Jundiaí, mais subjetiva que objetivamente, com interesse em compreender a maneira como ele é interpretado no imaginário e na memória coletiva, desde sua inauguração, na década de 1940, às transformações que seguem aos dias atuais, inclusive o marketing urbano, liderado por agentes produtores do espaço que amparam-se em um discurso reforçado por novas ferramentas multimídia;

III. Identificar outras possibilidades de percepção do bairro Jundiaí que revelem a heterogeneidade socioespacial que ele abrange, partindo especialmente da apreensão do espaço real, construído e experimentado pelos sujeitos que nele vivem, cartografando os diversos hábitos, ritmos, identidades e territorialidades que coabitam neste espaço.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com os pesquisadores “é possível que durante a realização de depoimentos e entrevistas os participantes podem sentir certo desconforto emocional de alguma natureza, como

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO

**CEP:** 75.132-903

**UF:** GO

**Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.716.540

por exemplo: constrangimento, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, mal-estar etc. Diante disso, vale lembrar que os mesmos têm total liberdade para continuar ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade”.

Benefícios:

Para os pesquisadores “a participação dos colaboradores é de suma importância e favorece uma das prováveis consequências da pesquisa, que é resguardar a história do Bairro Jundiáí, além de questionar o lugar que ele ocupa no imaginário da cidade.”.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

De acordo com o escopo apresentado pelos pesquisadores a investigação propõe fazer um estudo subjetivo do Bairro Jundiáí, ampliando as percepções dos moradores e frequentadores dos espaços públicos sobre o mesmo.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Nesse protocolo foram apresentados:

- Folha de rosto assinada e datada;
- Informações básicas constando o cronograma com data de coleta de dados a partir de 15/12/19;
- Termo de compromisso;
- TCLE com as adequações solicitadas;
- Instrumentos de coleta de dados.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências foram atendidas.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013. O prazo para a entrega do relatório final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

#### **Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|----------------|---------|----------|-------|----------|
|----------------|---------|----------|-------|----------|

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.716.540

|                                                           |                                               |                        |                        |        |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|------------------------|--------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1117920.pdf | 30/10/2019<br>10:54:07 |                        | Aceito |
| Outros                                                    | INSTRUMENTO_DE_COLETA_DE_DADOS.pdf            | 30/10/2019<br>10:53:22 | ANA LAURA LOPES CABRAL | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Humanas_ANA_LAURA.pdf                    | 30/10/2019<br>10:51:20 | ANA LAURA LOPES CABRAL | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_de_Compromisso.pdf                      | 04/10/2019<br>17:52:03 | ANA LAURA LOPES CABRAL | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO_COMPLETO.doc                          | 02/10/2019<br>14:00:49 | ANA LAURA LOPES CABRAL | Aceito |
| Folha de Rosto                                            | Folha_de_rosto.pdf                            | 01/10/2019<br>17:45:35 | ANA LAURA LOPES CABRAL | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 21 de Novembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Luciana de Souza Ondei**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ç Bloco III ç Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br